

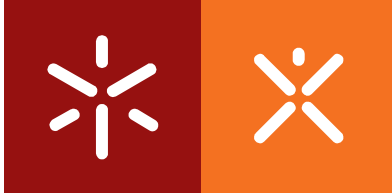


**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Mariana da Silva Brito Mota

**Educar para a Mediação em Contexto Escolar**  
Um projeto de intervenção/investigação num  
Agrupamento de Escolas





**Universidade do Minho**

Instituto de Educação

Mariana da Silva Brito Mota

**Educar para a Mediação em Contexto Escolar**

Um projeto de intervenção/investigação num  
Agrupamento de Escolas

Relatório de Estágio Mestrado em Educação  
Área de Especialização em  
Mediação Educacional

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Doutora Maria Assunção Flores Fernandes**

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

*Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**  
**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## AGRADECIMENTOS

Do início ao final desta longa caminhada surgiu, muitas vezes, a dúvida se estava realmente a fazer a coisa certa, a realizar o projeto da melhor forma, a corresponder às necessidades do contexto, a conseguir resultados, a transmitir os melhores conhecimentos, e, principalmente, a evoluir e aprender, mutuamente, com o público alvo que encontrei.

Entre todos os todos os avanços e recuos tive a sorte de encontrar várias mãos que me seguraram com força, e vozes que me ajudaram a encontrar e a seguir o melhor caminho. Então, percebi que este projeto e todo este percurso não era só meu, era nosso!

À minha família, por serem o meu grande apoio, por me transmitirem força, por se preocuparem com o cumprimento do projeto, e sobretudo, por me compreenderem. Obrigada melhor família do mundo!

Ao meu namorado, que teve a maior paciência do mundo para aguentar as minhas mudanças de humor, o meu cansaço e desgaste, e que em cada beijo e abraço apertado me transmitia a confiança e a segurança de que ia correr tudo bem. Que me proporcionou os melhores momentos de descontração e inspiração, com a sua alegria contagiante. Obrigada, meu amor! Contigo a meu lado tudo tem cor e sabor diferentes, os meus preferidos.

À minha amiga Branca, que partilhava comigo preocupações e sentimentos e me ajudava a acreditar que a vitória era possível e que íamos chegar à meta! Obrigada, minha querida!

Um grande e especial agradecimento à Professora Lídia, que, com a sua experiência e paciência, mostrou-me sempre a melhor forma de chegar aos alunos, a melhor forma de realizar e adaptar as atividades. A sua simpatia e boa disposição muito características revelaram-se uma motivação extra. A professora Lídia foi a pessoa mais atenciosa, cuidadosa e disponível que encontrei. E é por tudo isto e muito mais que o maior agradecimento vai para si. Muito obrigada, Professora Lídia!

Obrigada à Professora Assunção Flores! Embora um pouco distante do contexto, sempre demonstrou prontidão e dispensou imenso tempo e sabedoria para me ajudar a crescer e evoluir no processo. A sua vasta experiência, essencialmente na área da investigação, foi fundamental para me auxiliar em todos os momentos e ao, mesmo tempo, transmitir-me ideias e mais conhecimento.

A todos os que manifestaram o seu incentivo, por palavras ou gestos de carinho, que me acompanharam e que tornaram o nosso percurso mais rico. Obrigada por tudo!

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

# EDUCAR PARA A MEDIAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR, UM PROJETO DE INTERVENÇÃO/INVESTIGAÇÃO NUM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

## RESUMO

Neste resumo apresentamos dados relativos ao projeto “Educar para a Mediação em Contexto Escolar: Um projeto de intervenção/investigação num Agrupamento de Escolas”, no âmbito do Estágio Curricular, que corresponde ao 2ºano do Mestrado em Educação, na área de especialização de Mediação Educacional.

Os objetivos situam-se no contexto da mediação socioeducativa e incluem: desenvolver competências pessoais e sociais nos alunos; construir espaços de mediação para e com os alunos em contexto escolar; realizar dinâmicas geradoras de mediação, comunicação e responsabilidade. O principal objetivo de investigação foi acompanhar os comportamentos dos alunos ao longo do projeto. Neste projeto, o paradigma crítico pareceu-nos o mais apropriado para atuar no contexto, nomeadamente através da Investigação-ação (IA). Foram utilizados instrumentos de recolha de dados que incluem as perspetivas tanto da investigadora como dos participantes, nomeadamente o diário de bordo, as notas de campo, a observação participante, os questionários e as entrevistas, os quais foram imprescindíveis para definir uma intervenção mais vantajosa e benéfica para o público alvo. Os resultados sugerem que este projeto contribuiu para o desenvolvimento dos alunos a nível pessoal e social, resultante das dinâmicas e atividades realizadas. A avaliação da intervenção foi realizada durante o decorrer da mesma, com o intuito de melhorar, reorientar e inovar de acordo com os aspetos e os objetivos do projeto. De um modo geral, obteve-se uma avaliação muito satisfatória tendo em conta todo o progresso, e desenvolvimento do público alvo, bem como o alcance dos objetivos previamente determinados. Este projeto torna-se ainda mais premente no contexto de ausência de tempo e espaço para a educação e sensibilização da Mediação em meio escolar.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Social e Humano, Mediação, Mediação Socioeducativa.

# EDUCATE FOR SCHOOL CONTEXT MEDIATION, A SCHOOL CLUSTER INTERVENTION/RESEARCH PROJECT

## ABSTRACT

This report presents data related to the project “Educate for Mediation in School Context: A project of intervention/research in a Cluster of Schools”, within the Curricular Internship, which corresponds to the 2nd year of the Master in Education, in the area of specialization of Educational Mediation.

The objectives are situated in the context of socio-educational mediation and include: Developing personal and social skills in students; build mediation spaces for and with students in the school context; develop dynamics that generate mediation, communication and responsibility. The main research objective is to track students’ behaviors throughout the project. In this project, the critical paradigm seemed to be the most appropriate one to act in the context, namely through Action Research. Data collection included the perspectives of both the researcher and the participants, namely the researcher's logbook, field notes, participant observation, questionnaires and interviews, all of which were necessary to define a more effective intervention. productive and beneficial to the target audience. Findings suggest that this project has contributed to the development of students at personal and social level, resulting from the dynamics and activities performed. The evaluation of the intervention was carried out throughout the course of the intervention in order to improve, refocus and innovate it in accordance with the project's objectives. Overall, the project led to a very satisfactory assessment, taking into account all the progress and development of the target audience, and the achievement of the predetermined objectives. This project becomes even more urgent in the context of the lack of time and space for mediation education and awareness in the school environment.

**Keywords:** Mediation, Socio-educational Mediation, Social and Human Development



## ÍNDICE

|             |  |           |
|-------------|--|-----------|
| <b>I.</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>1</b>  |
| <b>II.</b>  | <b>ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO .....</b>                                       | <b>3</b>  |
|             | 2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO.....                          | 3         |
|             | 2.1.1 Integração no Contexto de Estágio .....  | 3         |
|             | 2.2 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO.....                                  | 5         |
|             | 2.3 CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO .....   | 7         |
|             | 2.4 DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES .....  | 9         |
|             | 2.5 ÂMBITO DE INTERVENÇÃO .....  | 11        |
|             | 2.6 OBJETIVOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....  | 12        |
| <b>III.</b> | <b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO.....</b>                           | <b>17</b> |
|             | 3.1 A NATUREZA E FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO .....   | 17        |
|             | 3.2 ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E RECONHECIMENTO DA MEDIAÇÃO .....                        | 18        |
|             | 3.3 A PRÁTICA DA MEDIAÇÃO .....  | 20        |
|             | 3.4 A MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE INTERVENÇÃO.....   | 22        |
|             | 3.5 A MEDIAÇÃO E OS SEUS PARADIGMAS .....  | 24        |
|             | 3.6 A MEDIAÇÃO COMO TÉCNICA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS..... | 26        |
|             | 3.6.1 A comunicação e interação na mediação .....                                      | 29        |
|             | 3.6.2 A empatia na mediação .....  | 30        |
|             | 3.6.3 A cooperação e colaboração na mediação.....                                      | 30        |
| <b>IV.</b>  | <b>ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO.....</b>                                      | <b>33</b> |
|             | 4.1 INVESTIGAÇÃO.....  | 33        |
|             | 4.2 PARADIGMAS DE INVESTIGAÇÃO.....  | 34        |
|             | 4.3 APRESENTAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA DA E INVESTIGAÇÃO-AÇÃO .....           | 36        |
|             | 4.4 MODALIDADES DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO .....   | 38        |
|             | 4.5 MODELOS E FASES DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO .....   | 39        |
|             | 4.5.1 Modelo de Kurt Lewin.....  | 40        |
|             | 4.5.2 Modelo de Kemmis.....  | 41        |
|             | 4.6 O INÍCIO DE UM NOVO DESAFIO .....  | 43        |

|                  |  |            |
|------------------|--|------------|
| 4.6.1            | Avaliação inicial: do papel para a sala de aula .....                  | 43         |
| 4.6.2            | Técnica de recolha de dados .....                                      | 49         |
| 4.6.3            | Instrumentos de avaliação do projeto .....                             | 51         |
| 4.6.4            | Técnicas de análise de dados .....                                     | 52         |
| 4.6.5            | Recursos mobilizados e limitações.....                                 | 54         |
| <b>V.</b>        | <b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO .....</b> | <b>56</b>  |
| 5.1              | ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ESTÁGIO.....       | 56         |
| 5.2              | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....                                | 68         |
| <b>VI.</b>       | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                      | <b>78</b>  |
|                  | <i>Referências Documentais .....</i>                                   | <i>81</i>  |
| <b>ANEXOS 85</b> |  |            |
|                  | <i>Anexo I – Notas de Campo.....</i>                                   | <i>86</i>  |
|                  | <i>Anexo II – Diário de Bordo.....</i>                                 | <i>88</i>  |
|                  | <i>Anexo III – Inquérito por questionário .....</i>                    | <i>90</i>  |
|                  | <i>Anexo IV – Grelha de Avaliação .....</i>                            | <i>92</i>  |
|                  | <i>Anexo V – Panfleto do Projeto.....</i>                              | <i>94</i>  |
|                  | <i>Anexo VI – Poster de divulgação do projeto.....</i>                 | <i>96</i>  |
|                  | <i>Anexo VII – Resumo do Poster.....</i>                               | <i>98</i>  |
|                  | <i>Anexo VIII – Desenhos feitos pelos alunos .....</i>                 | <i>100</i> |
|                  | <i>Anexo IX – Modelo das Narrativas .....</i>                          | <i>104</i> |
|                  | <i>Anexo X – Slides da Apresentação Final.....</i>                     | <i>106</i> |

## ÍNDICE DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Idade e sexo dos alunos .....   | 9  |
| Figura 2 - Representação da função do mediador .....   | 21 |
| Figura 3 - Espiral de ciclos da IA .....   | 40 |
| Figura 4 - Modelo de Investigação-Ação de Lewin (1946) .....                                 | 41 |
| Figura 5 - Os momentos da IA de Kemmis, 1989 .....   | 42 |
| Figura 6 - Técnicas e Instrumentos de Investigação-Ação .....                                | 49 |
| Figura 7 - Como classificas o ambiente na sala de aula?.....                                 | 64 |
| Figura 8 - Sentes alguma dificuldade enquanto aluno?.....                                    | 64 |
| Figura 9 - Quais são as dificuldades que encontras na sala de aula? .....                    | 65 |
| Figura 10 - Já presenciaste alguma situação de conflito? .....                               | 65 |
| Figura 11 - Já participaste numa situação de conflito? .....                                 | 65 |
| Figura 12 - Como reagirias a uma atitude geradora de conflito, por parte de um colega? ..... | 66 |
| Figura 13 - O que achas que deve ser feito para se evitarem os conflitos?.....               | 66 |

## ÍNDICE DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro I - Finalidade, Objetivos Gerais e Específicos da Investigação e da Intervenção.....                     | 14 |
| Quadro II – Calendarização das fases de intervenção/investigação.....   | 15 |
| Quadro III - Modelos da Mediação .....  | 28 |
| Quadro IV - Modalidades da IA .....   | 39 |
| Quadro V - Objetivos, conteúdos, recursos e avaliação das atividades realizadas no conjunto das 15 sessões..... | 44 |
| Quadro VI - Resultado das narrativas.....   | 70 |
| Quadro VII - Testemunhos/Feedback das entrevistas informais .....   | 71 |
| Quadro VIII - Resultados da avaliação intermédia.....   | 72 |
| Quadro IX - Resultados da Avaliação Final. ....   | 73 |
| Quadro X - Registo de observação e comentários das dinâmicas.....   | 76 |

## ABREVIATURAS

- AEA – Agrupamento de Escolas Azul
- AI – Atividades Integradoras
- IA – Investigação-ação
- PPIP – Projeto Piloto de Inovação Pedagógica



## I. INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio, com o tema “Educar para a Mediação em Contexto Escolar”, desenvolve-se no âmbito do Estágio Curricular, que corresponde ao 2º ano do Mestrado em Educação, na área de especialização de Mediação Educacional, está inserido na área da Mediação Socioeducativa e constitui um documento de conclusão de um ciclo de estudos.

Atualmente, deparamo-nos com uma sociedade descontrolada, praticante de uma cultura violenta, no que diz respeito à interação entre os indivíduos. Infelizmente, estas práticas incoerentes, como o desrespeito, a falta de capacidade comunicativa, a falta de atenção para com o outro e etc., emergem em todas as faixas etárias e têm surgido com frequência entre os mais jovens. Neste sentido, deparamo-nos com uma escola que é também palco destes acontecimentos; daí a necessidade de uma educação para uma cultura positiva, de convivência saudável, bem-estar, paz, e onde o conflito diminua (Silva, 2018).

Educar para a mediação sugere uma prevenção e resolução de conflitos. Este ensinamento pode modelar-se de diferentes formas e numa pluralidade de processos, de métodos, de práticas e de competências que se traduzem numa grande ajuda na prevenção, gestão e resolução pacífica dos conflitos, a nível pessoal e interpessoal, acompanhado de uma perspetiva construtiva, neste que é um contexto de construção de conhecimentos e saberes. (Littlejohn, 1999).

De um modo geral, os programas ou modelos de resolução de conflitos têm em comum a forma como olham para o conflito, identificando-o como uma dimensão natural e inevitável da existência e convivência humana. Contudo, a aprendizagem de competências que auxiliem na resolução de problemas constitui uma oportunidade para os indivíduos serem capazes de solucionar positivamente e pacificamente os seus conflitos. Deste modo, a mediação, como um método de resolução pacífica de conflitos, deve ser uma prática a adotar pelas instituições educativas (Silva, 2018).

No âmbito do estágio, desenvolveram-se atividades enriquecedoras no âmbito da mediação, mais especificamente, da mediação socioeducativa, de modo a criar um clima de comunicação e interação saudável, de diálogo e cooperação, entreajuda e empatia em todo o ambiente escolar, com o intuito de reestabelecer e renovar as relações. Assim, para cumprir o Plano de Atividades de Estágio

apresentado e proposto à instituição, foi criado o “Educa-te”, um espaço onde cada conflito é uma oportunidade para aprender, crescer e construir algo melhor.

Para apresentarmos e explicarmos estes oito meses de estágio usaremos fundamentos e referências teóricas sobre todos os conceitos e temas abordados. Depois de percebermos que a mediação socioeducativa era a vertente que melhor se enquadrava no trabalho em questão, selecionámos e seguimos a metodologia mais conveniente e adequada ao projeto, uma metodologia de investigação-ação, pertinente para compreendermos o contexto em que o trabalho se insere. Posteriormente, seguindo um fio condutor, são mencionados e descritos os métodos e técnicas de recolha de dados, bem como a análise e discussão de todos os resultados obtidos.

Mostrar-se-á agora o percurso que traçamos e do qual nos orgulhamos. Este projeto é símbolo de compromisso, aprendizagem, crescimento, oportunidade e partilha. É a prova de que a mediação nos leva à descoberta da diferença, de novas pessoas, de novas experiências e perspetivas, de novas posturas e de uma nova forma de estar no mundo.



## II.ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

### 2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO

#### 2.1.1 INTEGRAÇÃO NO CONTEXTO DE ESTÁGIO

O estágio curricular, que aqui será retratado, foi realizado conforme a estrutura proposta pelo Mestrado em Educação, tendo como finalidade a aproximação à prática em contexto profissional numa instituição educativa.

A escolha desta instituição para a realização do segundo ano do mestrado teve como principal suporte o projeto que já se desenvolvia, o Projeto PPIP, Projeto Piloto de Inovação Pedagógica, que se caracteriza pela missão de criar e concretizar soluções alternativas, provocadoras de qualidade nas aprendizagens de todos os alunos e, para além disso, permite às escolas, como sugere a Direção-Geral da Educação, “a possibilidade de criarem projetos audazes, contextualizados e únicos, consoante as necessidades dos seus alunos e os recursos disponíveis.”<sup>1</sup> Assim, esta experiência de inovação pretende melhorar a qualidade das aprendizagens dos alunos e produzir conhecimento sobre aspetos que podem facilitar ou dificultar a implementação do projeto e de padrões inovadores direcionados para o sucesso educativo em contexto escolar.

O processo de estágio iniciou em finais do mês de setembro de 2018, sendo apenas oficializado precisamente no dia um de outubro do mesmo ano, de acordo com o regulamento dos mestrados, e findou no mês de junho de 2019.

Desde o início que a integração foi positiva tendo em conta a receção, a atenção e preocupação demonstradas pela acompanhante de estágio, pela direção e por toda a comunidade escolar, bem como todo o apoio recebido pela orientadora. Porém, este começo otimista caracterizou-se também pelas emoções e motivações que se faziam sentir. Existiram algumas limitações e dificuldades iniciais, nomeadamente na definição do horário, do tempo e do público-alvo objeto de intervenção. Dado que os alunos já participavam em várias atividades, não seria benéfico aumentar a carga horária, sendo que o projeto foi inserido num tempo já definido no horário, numa determinada turma.

---

<sup>1</sup> Retirado de - <https://www.dge.mec.pt/noticias-2> - Consultado a 6/10/2018

Inicialmente, o processo fundamentou-se numa observação participante e conhecimento aprofundado do contexto e dos seus participantes, que passou por perceber as reações, ações e interações do público que encontrámos, isto é, numa perspetiva comportamental e relacional. Mais tarde, foi-nos permitida a presença e colaboração em atividades já existentes, as Atividades integradoras, desenvolvidas em consonância com o PPIP, assim como a presença em algumas aulas e reuniões semanais de professores e com o psicólogo.

Após obter uma visão mais real e um conhecimento mais claro do contexto em causa, era importante começar a pensar e a criar medidas para implantarmos no contexto de estágio. Era essencial definir e estruturar o plano de atividades, bem como desenvolvê-lo e implementá-lo. Este plano de atividades estaria sujeito a alterações semanais de modo a ajustar as dinâmicas desenvolvidas às necessidades do público-alvo, sendo necessário traçar um projeto de intervenção sustentável, eficaz e relevante para o agrupamento. Em simultâneo, foram crescendo a preocupação, receio, precaução e responsabilidade, pois estava perante a primeira situação de intervenção da minha vida, em termos de prática profissional. Tinha o dever de ver a escola numa perspetiva diferente e com interesses que em nada se assemelham aqueles do passado, em que a minha posição perante a escola era quase contrária, tendo agora um posicionamento e participação mais maduros.

A definição prévia do que seria realizado ao longo do projeto traduziu-se numa enorme complexidade e precisão, pois existiam atividades a serem realizadas, normas a serem respeitadas, necessidades a serem atenuadas e objetivos a serem cumpridos. Tudo isto dificultava a criação e projeção de algo inovador e, sobretudo, diferente. Estava perante um grande desafio. No entanto, prevalecia a crença de que é na dificuldade e nos desafios que temos a oportunidade de crescer e primar pela diferença e transformação. Tinha, portanto, tudo nas minhas mãos, um projeto que não era meu, mas que era nosso, e por muito longo e duro que fosse o caminho, por muito pequeno que fosse o passo que dessemos e o degrau que subíssemos, estaríamos em constante crescimento, sempre mais perto de quem queríamos ser e mais longe daquilo que fomos; seríamos mais e melhores.

Estávamos motivadas e focadas em gerar uma cultura de diálogo e bem-estar, a conseguir um progresso e desenvolvimento mútuo, a seguir um caminho repleto de novas vivências, experiências e aprendizagens e foi, desta forma, que conseguimos, felizmente, combinar os nossos

objetivos com os objetivos da instituição de acolhimento, tendo, assim, a oportunidade de incrementar este trabalho na vertente socioeducativa da mediação.

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO

O Agrupamento de Escolas Azul (pseudónimo) em causa é uma escola pública com cerca de 600 alunos do Pré-Escolar ao 9.º ano, tendo sido criado no dia 1 de outubro de 1987.

Relativamente ao número de alunos, a escola acolhe 118 alunos do Pré-Escolar; 197 alunos do 1º Ciclo; 112 alunos do 2º Ciclo; e 209 alunos no 3º Ciclo. No que se refere ao corpo docente, existem 9 professores no Pré-Escolar; 17 professores no 1º Ciclo; 20 professores no 2º Ciclo; e 27 professores no 3º Ciclo. No que respeita ao corpo não docente (funcionários), a escola possui 44 funcionários e 1 psicólogo para auxiliarem no desenvolvimento, tarefas diárias e ambiente e vida escolar dos alunos. <sup>2</sup>

Atualmente, o Agrupamento de Escolas Azul (AEA) é uma das escolas a nível nacional a adotar o Projeto Piloto de Inovação Pedagógica (PPIP) e a organizar-se em semestres, tendo como objetivo combater o insucesso e implementar práticas sistemáticas de avaliação diferentes e variadas que permitam aos professores e alunos uma visão mais clara e consistente das potencialidades e das dificuldades sentidas. Desta forma, cada docente poderá aplicar metodologias e estratégias diferenciadas de acordo com o perfil dos alunos para os ajudar na superação das dificuldades e, em simultâneo, levar mais além aqueles que pretendem e podem evoluir ainda mais. <sup>3</sup>

A cada ano, a escola dispõe de um Regulamento Interno, de um Projeto Educativo e de um Plano Anual de Atividades que estabelecem as normas que regem o funcionamento de todos os órgãos de gestão, estruturas e estabelecimentos de educação/ensino integrantes do Agrupamento Azul, em todos os níveis do processo educativo.

Hierarquicamente, o Agrupamento agrega vários membros, tais como: o Diretor, que juntamente, com o Subdiretor e os respetivos adjuntos formam o Órgão de Gestão do Agrupamento, o Conselho Administrativo, o Conselho Pedagógico, o Conselho Geral e os vários Departamentos.

---

<sup>2</sup> Retirado da página online do Agrupamento de escolas azul – Consultado a 5/10/2018

<sup>3</sup> Retirado de - <https://www.dge.mec.pt/noticias/projeto-piloto-de-inovacao-pedagogica-ppip> - Consultado a 5/10/2018

Para além disso, o Agrupamento dispõe de vários serviços Educativos e de serviços na nuvem (online) tais como Educação Especial, em que a escola se une a vários projetos de desenvolvimento; a Biblioteca Escolar, que é mais um espaço de aprendizagem; e o e-mail institucional, isto é, um espaço online onde os alunos e professores, cada um beneficiário do seu e-mail institucional, podem trocar e partilhar informações e onde os alunos podem acompanhar o seu plano de aluno, bem como o seu plano curricular.

Fisicamente, o Agrupamento é composto por espaços destinados aos alunos e aos professores, bem como a todos os funcionários. São exemplo desses espaços: a portaria, a receção, a secretaria, a Direção, a biblioteca, o bar, o polivalente, os pátios, a cantina, o campo de jogos, o pavilhão desportivo, a sala de convívio para os professores, a sala de convívio para os funcionários, as 25 Salas de Aula, entre elas, várias salas interativas e espaços de aprendizagem personalizada.

O Agrupamento segue um caminho assente na inovação e integração da tecnologia na educação que mereceu o reconhecimento pela *Microsoft Corporation*, como *Showcase School*, e na distinção de nove professores como *Microsoft Expert Educator*. Neste seguimento, o plano do projeto piloto, destaca a participação nos projetos *Creative Classroom Lab*, *Co-Lab*, *Interactive Working Spaces* da *European Schoolnet*.

O Agrupamento assume-se como uma escola aberta ao mundo, destacando vários projetos que tem vindo a desenvolver anualmente, como por exemplo: *FabLab*; *Ashoka*; *MathsFun*; *Follow Hope* – 15.<sup>a</sup> Edição Fundação Ilídio Pinho; Clube de Desporto Escolar; Clube de Robótica; Trilhos do Património; *Co-Lab*, *CCL – Creative Classroom Lab*; *Lifelige Classroom Pilot*; *eTiwinning*; PESES; Sala Ciência Divertida; Clube de Música; EcoEscolas; Fundação Montepio; Cineastas Digitais; Instituto Nacional de Reabilitação; INOVA – Instituto Português de Desporto e Juventude; Alto Minho Desafio 2020; IKEA.

É notória a capacidade desta escola de criar e implementar projetos de onde resultaram vários prémios e parcerias que lhe permitiram melhorar os recursos e experiências educativas dos alunos. Relativamente a prémios, o valor monetário ultrapassou os duzentos mil euros nos últimos 6 anos, graças às candidaturas apresentadas. Para o Agrupamento de Escolas Azul os seus parceiros são essenciais na medida em que permitem a criação de oportunidades únicas de aprendizagem

mútua, melhoria e evolução, para uma escola aberta e atenta ao mundo. Todos estes aspetos fundamentam aquilo que a escola gosta de afirmar: “Antecipamos o Futuro!”

Assim, o Agrupamento de Escolas Azul segue um caminho educativo operando na Educação de acordo com um Projeto Educativo e um Regulamento interno, onde se definem estratégias e práticas educativas e pedagógicas aceitáveis, desejadas e entendidas como benéficas pela nossa sociedade, que são experimentadas, investigadas e estruturadas para darem resposta às necessidades e interesses dos alunos, consolidando saberes, desenvolvendo capacidades pessoais e sociais e promovendo um trabalho de sucesso. Estes aspetos pedem a existência da Formação Cívica, que é comum nas escolas, e que intervém nas questões da Cidadania de modo a conseguir uma integração saudável dos alunos na escola.

### **2.3 CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO**

Inicialmente, no Plano de Atividades estava definido que seria pertinente desenvolver um projeto intervenção que teria como principal público-alvo os alunos do 6º ano, isto é, 54 alunos, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. Posteriormente, com o início das atividades, acordamos, juntamente com a acompanhante de estágio e a direção do agrupamento, que seria mais necessário, adequado e viável atuar e trabalhar apenas com uma das turmas do 6º ano, sendo a mais carente de intervenção. Deste modo, tivemos o público-alvo reduzido a 20 alunos.

Entre estes alunos encontramos diferentes personalidades, diferentes pontos de vista e comportamentos e, sobretudo, encontramos vivências e experiências de vida. Todos estes aspetos, que carecem de atenção e cuidado a vários níveis, têm de ser vistos como uma oportunidade para alcançar algo positivo no futuro de cada aluno, como pessoa e membro de uma sociedade. Todas as diferenças encontradas têm e devem de ser vistas como uma oportunidade para aprender e evoluir.

Sobre a diferença, ainda que numa perspetiva cultural, Pierucci (1999) citado por Candau (2012, p. 240) afirma que:

“Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo em que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a ver-nos envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os

humanos, somos diferentes de facto (...), mas somos também diferentes de direito. É o chamado “direito à diferença”, o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. *The right to be different!* como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros.”

Nas palavras de Candau (2012), encontramos claramente uma identificação no sentido em que, atualmente, assistindo às constantes mutações de um mundo globalizado, assistimos também à enorme diferença seja ela de natureza cultural, ideológica, política, financeira, etc. A diferença acontece todos os dias, no mundo inteiro, a todo o instante, somos a diferença. E é nela que encontramos uma verdadeira riqueza, é o estímulo encontrado, pois ao conhecermos a diferença estamos a crescer enquanto indivíduos. Conhecer algo diferente é conhecer algo novo, novos locais, novas pessoas, novas personalidades, novas perspectivas e uma nova diferença. Cada vez mais, e felizmente, “o mundo aceita e respeita a diferença, compreendendo tudo, literalmente o que não é igual. Uma atitude contrária seria uma total insensatez e condenação à vida e potencial humano” (Brandão, 2012, p.14-19). Deste modo, é necessário perceber as diferenças e, por vezes, contradições, que estão presentes neste público-alvo e criar um olhar sobre elas, valorizando-as, sendo este o ponto de partida para algo melhor.

Em consonância com a educação e a formação cívica, a Mediação pretende proporcionar junto dos alunos uma abordagem a estas mesmas questões de cidadania e aspetos comportamentais já referidos e diagnosticados como carência de intervenção.

“A Educação para a Cidadania convoca a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento das competências necessárias à participação responsável na vida pública. São importantes para tal finalidade: a capacidade de saber articular interesses e objetivos; a capacidade de estabelecer consensos que sirvam o bem comum; a capacidade de gerir conflitos até alcançar um desenlace positivo” (Henriques, et al., 2000, p.12).

A educação e a cidadania são meios que, operando em conjunto, proporcionam uma convivência social pretendida. Porém, atualmente, existem cada vez mais dificuldades na convivência social escolar, que advém de comportamentos existentes nos alunos enquanto turma, dentro e fora da sala de aula, que, em parte, são a origem de pequenos conflitos. Posto isto, sendo a mediação um método alternativo de resolução de conflitos, de que forma deve intervir e atuar?

De acordo com os dados recolhidos, no que concerne à idade e sexo dos participantes, a maioria dos alunos é do sexo feminino, e tem 12 anos de idade, à exceção de um único aluno com 13 anos de idade (Figura 1).

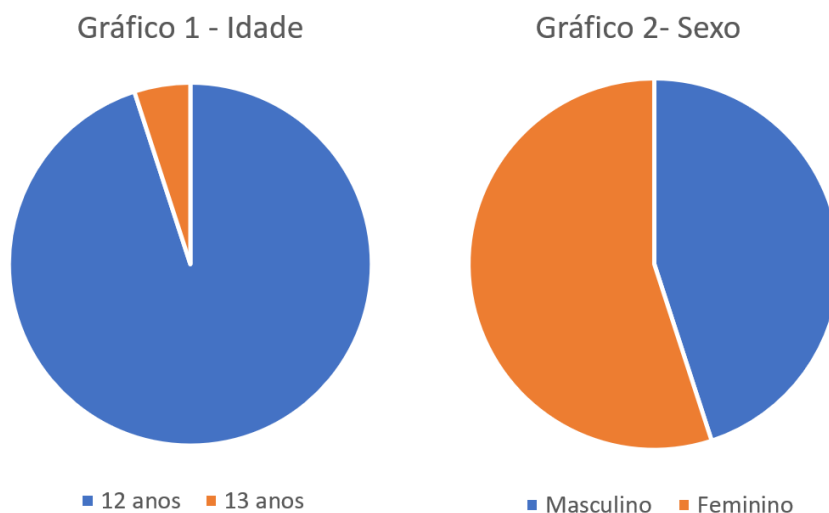


Figura 1 - Idade e sexo dos alunos

## 2.4 DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES

O processo de diagnóstico de necessidades, ou na prática a análise e avaliação inicial, reveste-se de grande relevância e complexidade em qualquer projeto, por desempenhar um papel importante no que se refere à identificação dos resultados a obter que definirão o sucesso ou insucesso do projeto. É nesta etapa que acontece o conhecimento e a compreensão da realidade, que vai ser objeto de estudo, isto é, são analisados as circunstâncias e os acontecimentos de um determinado contexto e, posteriormente, delineados métodos e até criadas formas de responder às necessidades encontradas no contexto.

No contexto em causa, foram definidos objetivos que auxiliaram no diagnóstico realizado, que são:

- Conhecer a realidade escolar;
- Conhecer os projetos e trabalhos em curso com os alunos;
- Identificar as necessidades em termos de comportamentos e vivências dos alunos (ações e reações);

- Perceber qual o melhor método para potencializar o bom comportamento, convivência saudável e sucesso escolar.

Depois de definidos os objetivos, foi necessário selecionar as técnicas que seriam úteis para a realização do presente diagnóstico. Deste modo, recorreremos à técnica da observação participante, complementada pelo diário de bordo, que em muito auxiliou, posteriormente, nas reflexões de acontecimentos presenciados.

Em simultâneo, por intermédio de inúmeras conversas informais com o Diretor do agrupamento, com a professora acompanhante do estágio e com a Psicóloga do agrupamento, conseguimos apurar alguns inconvenientes, dificuldades, problemas e também vários comportamentos e posturas dos alunos, que, cada vez mais, estão presentes e demasiado vivos no ambiente escolar. Concluímos que a maior problemática se encontra entre os alunos e na sua passagem pela escola e que, por vezes, têm como consequência o conflito, que marca, em diferentes medidas, o desenvolvimento e a aprendizagem de cada um deles.

Entre os muitos aspetos que foram diagnosticados, destacam-se, na maioria dos alunos, a falta de capacidade de analisarem os seus próprios comportamentos e fazerem uma autorreflexão, o que os leva a não assumirem os seus atos. Para além disso, uma pequena parte dos alunos tem presente nos seus atos, ainda que com pouca frequência, um certo maltrato, as ofensas e os gritos, a falta de respeito, e com maior frequência, a falta de atenção e a irresponsabilidade, a falta de comunicação, cooperação e empatia, que os próprios entendem comportamentos como posturas perfeitamente normais, na sua rotina enquanto alunos dentro e fora da sala de aula. O conflito é visto como uma normalidade, isto é, todos os atos inadequados que levam ao conflito são hábitos, com tendência a tornarem-se diários, criados pelos próprios alunos. Depois de ser feita uma análise inicial dos resultados obtidos através dos métodos de recolha de dados, que consideramos serem os mais corretos para o presente projeto de intervenção, acreditamos que está em falta a motivação que os faz agir corretamente, bem como outras causas, como veremos adiante. Através da observação direta dos comportamentos, atitudes e posturas dos alunos, que pusemos em prática inicialmente, percebemos que os mesmos não são empáticos, não comunicam corretamente, não se colocam no lugar do outro nem ajudam, não têm capacidade de proporcionarem um ambiente de bem-estar e de empatia, onde existe ajuda, respeito e cooperação mútua. Notamos ainda que, grande parte deles, tem necessidade de ter alguém que os escute e que coopere com eles. No entanto, como não



encontram essa escuta e cooperação nos colegas, e até mesmo nos adultos, tais como professores, funcionários e os próprios pais, criam em si uma insatisfação e revolta que os faz agirem de modo incorreto, resultando, muitas vezes, em conflito.

Em simultâneo, foi-nos permitida a presença semanal, num tempo total de 100 minutos, nas Atividades Integradoras (AI) que dizem respeito ao Projeto Piloto de Inovação Pedagógica, que pretende a personalização da aprendizagem, onde os alunos têm a oportunidade de trabalharem as suas fragilidades e as competências que lhes permitem combater o insucesso escolar. Através da observação e da análise realizada durante todas as presenças nestas atividades pude concluir que a inserção da Mediação nas atividades do PPIP poderia contribuir para atenuar os conflitos que têm vindo a ganhar força no dia a dia dos alunos e ajudar a alcançar os objetivos traçados no âmbito do projeto.

Paralelamente, também presenciámos as reuniões semanais que agregam todos os professores que trabalham com todos os alunos do 6ºAno, onde pude obter feedback dos mesmos sobre os comportamentos, ações e reações dos alunos dentro da sala de aula. Foi através destas reuniões que pude perceber que as más posturas são mais frequentes nos alunos de uma das turmas, pelo que seria mais conveniente intervir, aprofundadamente, com este grupo de alunos e com dinâmicas um pouco diferentes.

É de sublinhar que a maioria dos comportamentos inadequados acima descritos decorrem dos alunos quando os mesmos estão em sala de aula ou em grupo, isto é, geralmente, cada aluno, individualmente, revela comportamentos completamente opostos aquando se encontram em grupo, ou seja, os alunos, enquanto grupo, reagem e atuam de uma forma, ao passo que, enquanto indivíduos, reagem e atuam de outra forma que chega a ser contraditória na sua totalidade, sendo que individualmente denotam posturas mais adequadas ao meio escolar e à sociedade em que se inserem. Estes acontecimentos só levam a crer e a dar mais validade à incapacidade de autorreflexão, comunicação, cooperação, interação, empatia, ajuda, e etc. que tem vindo a ser constante nas atitudes e no desempenho de cada aluno.

## **2.5 ÂMBITO DE INTERVENÇÃO**

Para dar início ao desenvolvimento do estágio curricular no AEA, elaborámos um Plano de Atividades de estágio. A proposta não teve apenas como referência a análise e diagnóstico de

necessidades do contexto de estágio, mas recomendações e sugestões de proposta de intervenção apresentadas pela instituição de acolhimento.

No presente contexto escolar, existem vários problemas que carecem de atenção e intervenção no âmbito da mediação. Foi rapidamente perceptível na comunidade escolar os problemas de comunicação entre alunos da mesma turma e de turmas diferentes, alguns comportamentos inadequados na sala de aula e fora dela, algum desrespeito pelas regras estabelecidas, bem como alguns conflitos de cariz pessoal e social, completamente desnecessários.

Este projeto, em parte determinado pelas condições do contexto em que se inclui, é importante uma vez que a mediação também contempla valores como a cooperação, o respeito, a ajuda, o reconhecimento do outro, a empatia e as competências como a comunicação e o saber ouvir e saber dialogar. Todas as irregularidades acima referidas fazem deste contexto o espaço ideal para o início do desenvolvimento de um trabalho onde a mediação será o motor de desenvolvimento. Torna-se essencial fazer frente a todos estes aspetos negativos, já identificados, que, em muito, impedem o bem-estar e o convívio saudável dos alunos e, conseqüentemente, o bom funcionamento da escola e o sucesso de ambos. As condições e divergências atualmente presentes na vivência escolar dos alunos condicionam a implementação e o desenvolvimento de projetos de mediação, acrescentando a falta de conhecimento e consciência, por parte de todos os indivíduos que fazem parte do ambiente escolar (pais, escola, professores, alunos, funcionários e etc.), das vantagens e benefícios que a mediação acarreta, fundamentalmente, a mediação socioeducativa. Assim, torna-se fundamental contornar os atuais problemas, dando principal enfoque ao comportamento inadequado dos alunos, aos frequentes conflitos entre eles, bem como à falta de consciência relativamente aos valores, princípios e normas definidos na conduta do agrupamento evidenciando e relacionando sempre a mediação na sua vertente mais socioeducativa. Sugere-se, então, uma intervenção focalizada num grupo de alunos que, juntamente com a escola, foram cuidadosamente selecionados como público-alvo.

## **2.6 OBJETIVOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Definir os objetivos e finalidades de um projeto são passos importantes para a elaboração do mesmo. As finalidades têm um papel de condutor ao longo do processo, passando pela definição dos objetivos, bem como o seu cumprimento e avaliação.

Como sugere Sêneca, “Se um homem não sabe a que porto se dirige, nenhum vento lhe será favorável” (Sêneca s/d). Assim, é essencial, numa primeira fase, para atingir o sucesso definir a finalidade da intervenção. Pretendeu-se que os alunos fossem capazes de entender a mediação, conseguissem conviver corretamente e civilizadamente em grupo, conseguissem alcançar a empatia e respeito pelo outro, mantivessem o bem-estar e a harmonia, fossem comunicativos e críticos e criassem formas e dinâmicas de interação e comunicação e métodos de identificação e de resolução dos seus conflitos. Desta forma, estarão educados para a Mediação e preparados para reagir e agir perante as próprias dificuldades comportamentais e as atitudes inconvenientes e inadequadas dos cidadãos que encontrarem em diversas circunstâncias e momentos no futuro. Neste sentido, foi necessário criar um ambiente que fosse mais e melhor, não só para os alunos, mas para todos aqueles que os acompanham e fazem parte da sua vivência escolar, e, sobretudo, que conseguissem levar esta nova aprendizagem para o futuro, para as suas vivências e experiências a todos os níveis das suas vidas no futuro.

Constatámos a premência em que os alunos adotassem os comportamentos e competências pessoais e sociais adequados e necessários, sendo fundamentais e imprescindíveis para que a escola tenha o seu merecido reconhecimento e seja vista como um espaço de convívio, de socialização, de harmonia e sobretudo um espaço de novas aprendizagens, novos conhecimentos, de sucesso e bem-estar.

Em contacto direto com esta realidade, pôde-se perceber que, apesar de toda a agitação, todos os comportamentos desadequados existentes neste contexto eram passíveis de mudança e que, através de algumas práticas, dinâmicas e atividades, era possível e vantajoso alertar os alunos para a verdade que vivem e ajudá-los a melhorarem, a sentirem-se parte de um ambiente escolar positivo e um percurso de sucesso, e a sentirem-se motivados a darem o seu contributo diário. Assim, tivemos como dimensão fulcral a possibilidade de fazer chegar aos alunos uma modalidade educativa que desconheciam e que, para além de lhes abrir os horizontes, permitiu-lhes aprender a nível teórico e prático vários aspetos, condutas e comportamentos saudáveis e essenciais para a convivência diária em sociedade. Na sua maioria, os objetivos de intervenção, identificados no Quadro I, vão ao encontro daquilo que a mediação pretende e exige no decorrer de um processo de mediação em contexto educativo.

Quadro I - Finalidade, Objetivos Gerais e Específicos da Investigação e da Intervenção

|  |   |   |
|--|---|---|
| <b>Finalidade</b><br>Educar para a Mediação, mobilizando os recursos disponíveis no agrupamento, através da mediação socioeducativa.   |   |   |
| <b>Objetivos de Investigação</b><br>- Compreender as possibilidades da mediação para o desenvolvimento de um ambiente escolar saudável e de sucesso;<br>- Compreender os recursos e meios necessários para o desenvolvimento de um projeto promotor de bem-estar e sucesso;<br>- Desenvolver formas promotoras de bem-estar e sucesso. |   |   |
| <b>Objetivos de Intervenção</b>  | <b>Objetivos Gerais</b>   | <b>Objetivos Específicos</b>  |
|  | - Desenvolver competências pessoais e sociais nos alunos;<br>- Construir espaços de mediação para e com os alunos em contexto escolar;<br>- Realizar dinâmicas geradoras de mediação, comunicação e responsabilidade. | - Promover o diálogo entre os alunos;<br>- Criar dinâmicas geradoras de comunicação, interação, cooperação, motivação, respeito e empatia;<br>- Promover o conhecimento da Mediação e a sua relevância em contexto escolar;<br>- Construir instrumentos e métodos de partilha de informação, para que chegue a todo o contexto, e o mesmo conheça as potencialidades da Mediação. |

Depois dos objetivos definidos e de indicada a rota que o projeto ia seguir, era essencial interpretar e entender as questões teóricas referentes às problemáticas que iríamos abordar. Desta forma, seguimos caminho, focados na finalidade de Educar para a Mediação, mobilizando os recursos disponíveis no agrupamento, através da mediação socioeducativa, com vista ao desenvolvimento e progresso dos alunos, enquanto agentes escolares e enquanto cidadãos ativos de uma sociedade.

Ao longo de todo o processo de estágio, a intervenção descrita consolidou-se em dois eixos de ação, isto é, as atividades já desenvolvidas no agrupamento e os objetivos e ações presentes no Plano de Atividades de Estágio. No Quadro 2 apresentam-se as fases e atividades desenvolvidas no âmbito do estágio.

Quadro II – Calendarização das fases de intervenção/investigação

| <b>SEMANA/ MÊS</b> | <b>1ª SEMANA</b>  | <b>2ª SEMANA</b>                                       | <b>3ª SEMANA</b>                                      | <b>4ª SEMANA</b>                                       | <b>5ª SEMANA</b>                                      |
|--------------------|---|--|---|--|---|
| <b>OUTUBRO</b>     | Diagnóstico de Necessidades (Conversas informais)       | Diagnóstico de Necessidades (Conversas informais)      | Diagnóstico de Necessidades (observação participante) | Diagnóstico de Necessidades (observação participante)  | Diagnóstico de Necessidades (observação participante) |
| <b>NOVEMBRO</b>    | Elaboração do Plano de Atividades                       | Elaboração do Plano de Atividades                      |   | Elaboração do Plano de atividades                      |   |
| <b>DEZEMBRO</b>    | Observação Participante                                 | Observação Participante                                | Observação Participante                               |  |   |
| <b>JANEIRO</b>     |   | Sessão 1 – Apresentação do projeto e dos participantes | Sessão 2 – Momento de Liberdade                       | Sessão 3- Mediação para todos                          |   |
| <b>FEVEREIRO</b>   |   | Sessão 4- O melhor estar por vir                       | Sessão 5- A construção de um futuro melhor – Parte I  | Sessão 6 - A construção de um futuro melhor – Parte II |   |
| <b>MARÇO</b>       | Sessão 7 - A construção de um futuro melhor – Parte III | Sessão 8 – A nossa melhor versão                       | Sessão 9- A mediação faz a boa ação                   |  |   |
| <b>ABRIL</b>       | Sessão 10 – Momento de reflexão                         | Sessão 11- A mediação enriquece-nos                    |   |  |   |
| <b>MAIO</b>        | Sessão 12 - Momento de partilha de emoções              | Sessão 13 - Comunicar é que está a dar                 |   |  | Sessão 14 -A mediação faz a diferença                 |

|   |                                  |                         |  |  |  |
|---|----------------------------------|-------------------------|--|--|--|
| <b>JUNHO</b>                                  | Sessão 15 - Ser<br>mais e melhor | Redação do<br>Relatório |  |  |  |
| Interrupções<br>letivas/ Outras<br>atividades |                                  |                         |  |  |  |
| Meses com 4<br>semanas;                       |                                  |                         |  |  |  |

### III.ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO

#### 3.1 A NATUREZA E FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO

A educação é o caminho que guia e potencia o ser humano, desde criança, nas dimensões pessoal/individual, social e profissional. O ato educativo é como uma relação de aprendizagem e formação entre o ser humano e a escola. Segundo Durkheim,

“A educação não é [...] mais do que o meio através do qual [a sociedade] prepara no espírito das crianças as condições essenciais de sua própria existência [...]. A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não alcançaram o grau de maturidade necessário para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que exigem dela tanto a sociedade política no seu conjunto como o meio ambiente específico a que está especialmente destinada.” (Durkheim,1974, pp.52-53).

Em geral, a educação, ainda que tida como uma prática cultural, é o desenvolvimento do ser humano a vários níveis, auxiliando-o na construção de saberes, formas de pensar, agir e sentir e orientando-o ética e moralmente, de acordo com as normas da sociedade. (Brandão, 2012, p. 17)

Pelas palavras de António Inácio Rocha Santana, no artigo “A percepção da Educação desde a perspetiva sociológica” na Revista Angolana de Ciências Sociais “Mulemba”:

“A educação, além de libertar o homem da sua essência natural, é sinónima de humanização. O homem não nasce feito, faz-se. Faz-se a si mesmo, mas só na medida em que é produto da sociedade, dos demais.” (Santana, 2016, pp. 91 -120)

Neste seguimento, Torremorell (2008, citado por Silva e Aguiar, 2009, p.50) afirma que

“...o objetivo passa, portanto, por promover a assunção de uma pedagogia centrada na ação comunicativa não-violenta, desenvolvendo uma gestão harmoniosa e positiva dos conflitos, incentivando a melhoria dos relacionamentos interpessoais, mediante o incremento do diálogo e potenciando, deste modo, a educação para o exercício de uma cidadania responsável”.

Assim, em linha com o pensamento de Torremorell, também a mediação pretende suscitar a comunicação saudável e a resolução pacífica e positiva dos conflitos entre os alunos, potenciando a renovação das relações interpessoais, da empatia, do respeito, da interação e cooperação, conforme idealizado pela educação, formação cívica e cidadania. Ou seja, a mediação surge, neste contexto, como alternativa e oportunidade de resolução, reconstrução e prevenção dos comportamentos e posturas inadequados dos alunos e também com o intuito de transformar o processo educativo, a

aprendizagem e a vivência escolar num ambiente favorável ao crescimento, educação e formação do aluno enquanto aluno e cidadão.

É conveniente acrescentar que a mediação na escola assume-se como uma área essencial na resolução e prevenção de conflitos, dado que todos os agentes escolares, incluindo os pais e famílias dos alunos, não têm o suporte e condições necessárias para a resolução dos mesmos. Para além disso, é importante que a mediação seja vista e usada como um instrumento para consciencializar e alertar a sociedade de que a escola é um espaço que concebe a estrutura indicada para a educação, transformação do aluno num sujeito dotado de autonomia, competências pessoais e sociais, direitos e deveres. Desta forma não estaremos apenas a educar e a formar pessoas, mas sobretudo, a educar para a mediação.

### **3.2 ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E RECONHECIMENTO DA MEDIAÇÃO**

O conceito de Mediação chegou a Portugal na década de 90. É nesta mesma data que acontece o primeiro dos quatro períodos da sua evolução. Contudo, ao longo dos anos, a Mediação tem vindo a reforçar a sua presença no nosso país (Magalhães, 2017).

Diz-se que, até meados de abril de 2013, a noção mais completa de mediação, contida na Lei dos Julgados de Paz, afirmava que:

“Nos termos da Lei dos Julgados de paz, de 2001, que regulou o primeiro serviço público de mediação, “a mediação é uma modalidade extrajudicial de resolução de litígios, de carácter privado, informal, confidencial, voluntário e natureza não contenciosa, em que as partes, com a sua participação ativa e direta, são auxiliadas por um mediador a encontrar, por si próprias, uma solução negociada e amigável para o conflito que as opõe”. Porque a mediação é uma etapa (opcional) da tramitação processual dos Julgados de Paz, neste diploma nacional optou-se por fixar, sobretudo, as características endógenas do processo de mediação” (Pinto da Costa, 2017, p.79).

Recentemente, por força da “Lei da Mediação”, “a Lei nº 29/2013 de 19 de abril define a mediação como uma “forma de resolução alternativa de litígios, realizada por entidades públicas ou privadas, através da qual duas ou mais partes em litígio procuram voluntariamente alcançar um acordo com assistência de um mediador de conflitos” (Pinto da Costa, 2017, p.79).

A ideia de mediação torna-se mais complexa uma vez que as suas características e o seu regime distribuem-se pelas normas da Lei, isto é, conduzem a um fim idêntico.



“A Lei n.º 29/2013, de 19 de abril teve por finalidade disciplinar, de forma transversal, a mediação de conflitos em Portugal. Os seis princípios da mediação elencados no capítulo II do diploma representam os seus traços identitários e deontológicos. Estes são aplicáveis a todas as mediações realizadas em Portugal, pública e privada, independentemente do litígio que seja objeto de mediação: voluntariedade, confidencialidade, igualdade e imparcialidade, independência, competência e responsabilidade e executoriedade. À exceção deste último, os restantes princípios já estavam previstos na legislação avulsa dos sistemas públicos de mediação especializada ou do sistema público de mediação dos Julgados de Paz. Aliás, não sendo próprio da essência da mediação, este último princípio confere maior vantagem para aqueles que optem por recorrer a este método de resolução de conflitos.” (Pinto da Costa, 2017, p.80)

Relativamente aos seis princípios que a mediação sugere como essenciais para o desenvolvimento de um processo de sucesso, a voluntariedade indica que existe autonomia, liberdade de escolha e de abandono do processo, ou seja, o início ou término do processo de mediação acontece se as partes assim o consentirem, as partes decidem por si próprias; a confidencialidade implica que tudo o que acontece numa sessão de mediação é, estritamente, confidencial e não pode ser transposto para fora, deve ser mantido sigilo; a igualdade e imparcialidade apontam que o mediador deve tratar e dirigir-se às partes de igual forma e não pode valorizar mais uma parte do que outra, as condições devem ser equitativas para todos os mediados; a independência recomenda que é dever do mediador salvaguardar a independência pertinente à sua função, sem influência externa, ou dos seus próprios interesses e valores; a competência e responsabilidade indicam que o mediador tem, obrigatoriamente, de reunir as competências e características necessárias à realização do processo de mediação; e, por fim, a executoriedade que mostra a força executiva necessária ao acordo de mediação (ver Pinto da Costa, 2017, p.80).

Em suma, verificamos um êxito inicial, em 2001, da mediação nos Julgados de paz, que, em muito, contribuiu para a sua consolidação em Portugal, bem como para a definição de princípios essenciais que explicam e sustentam toda a atividade desenvolvida pelo mediador. Atualmente, quase duas décadas depois da sua afirmação, olhamos para a sua evolução e o seu alargamento a vários domínios, âmbitos e contextos, nomeadamente o âmbito educativo que constitui o âmbito deste projeto.

### 3.3 A PRÁTICA DA MEDIAÇÃO

Não é de hoje que a mediação é identificada como uma atividade profissional. Nestas circunstâncias, Deborah Kolb (1983) chama-lhe a “segunda profissão mais velha do mundo” (citado por Torremorell, 2008, p.15), surgindo após o primeiro desentendimento entre duas pessoas. Assim, aconteceu o emergir de uma prática caracteriza por Jean-Louis Lascoux (2010, p.23) como “herdeira das pesquisas sobre as causas dos conflitos e da sua resolução”, tendo conhecido um grande desenvolvimento. Apesar da sua evolução lenta, a mediação surge como uma profissão de “(...) construtores de paz, de suavizadores da vida: mediadores.” (Lascoux, 2010, p.24). Será, então, a mediação um novo método para gerir as relações humanas?

A mediação constitui uma prática antiga já utilizada pelos Deuses na mitologia grega e mais tarde pelos mais velhos para resolverem problemas de família e vizinhança. Com o passar do tempo acabou por abranger muitos campos de intervenção, agregando vários autores e personalidades de diferentes áreas de atuação tais como: psicólogos, professores, formadores, sociólogos, consultores e profissionais dos tribunais. Posto isto, observamos que profissionais de setores diversos têm interesse pela mediação, vendo nela “uma via para uma diversificação de serviços e uma mais valia em termos económicos” (Lascoux, 2010, p.24). Para o mesmo autor, a mediação “é, por definição, uma posição intermediária. Podemos afirmar, claramente, que sem mediação a relação não existe: não há comunicação.” (Lascoux, 2010, p.24).

A mediação é, tal como indica a perspectiva de Lascoux, definida como um instrumento de criação e restabelecimento de laços e vínculos, permitindo que uma pessoa transmita alguma informação ou mensagem a quem a mesma a quiser transmitir ou comunicar. É um método indispensável que se firmou de forma natural no contexto de evolução, mudança e aumento de fontes de informação e saber que temos vivido. Paralelamente, o mediador assume um papel de copiloto e facilitador do diálogo, fazendo um acompanhamento das informações transmitidas, ajudando na construção ou reconstrução de relações, isto é, o mediador intervém e atua de modo a estabelecer e preservar a comunicação: “... o conceito de mediação é unificador para promover a qualidade da comunicação e do conjunto dos saber-fazer e saber-ser que nela se encontram relacionados” (Lascoux, 2010, p.25).

Depois de formalizada, a mediação é definida não só como um método de facilitação de comunicação e diálogo, mas principalmente como um método alternativo de resolução e prevenção de conflitos. A base da mediação salienta um espírito que integra elementos técnicos e filosóficos, necessário para encarar o mundo e as relações interpessoais, isto é, a mediação pressupõe uma cultura desenvolvida e cultivada pelo mediador. Esta cultura remete também para uma neutralidade e imparcialidade inerente à sua utilização, em qualquer contexto, seja ele familiar, social, político e etc., ou seja, quando o mediador intervém num conflito interpessoal deve encarar a sua atividade profissional como um especialista respeitador das atitudes, comportamentos e posturas característicos do seu cardo profissional de mediador (Littlejohn, 1999).

Como refere Lascoux (2010, p. 28), “Será a missão do mediador um investimento pedagógico que irá proporcionar aos autores da mediação de novos conhecimentos, pelo menos no sentido de prevenir o tipo de conflitos nos quais se encurralam?”. Relativamente a esta questão deixada por Jean-Louis Lascoux, consideramos uma resposta positiva. Acreditamos que a missão do mediador passa também por assumir um papel pedagógico e prova disso é o projeto desenvolvido no âmbito deste estágio. Foi em torno de um investimento pedagógico e de desenvolvimento que trabalhamos. Assim, somos levadas a dizer que a mediação vai mais além do que um método de resolução de conflitos ou litígios; ela é, conjuntamente, uma oportunidade não apenas de criação e recriação laços, vínculos e relações entre pessoas, mas de aprendizagem, desenvolvimento e crescimento dessas mesmas pessoas. Por outras palavras, a mediação é uma disciplina para as relações humanas, o papel do mediador favorece e estimula o desenvolvimento pessoal, dado que “tem um potencial específico de transformação das pessoas – que promove o crescimento moral – ao ajudá-las a lidarem com as circunstâncias difíceis e a ultrapassarem as diferenças humanas por meio do próprio conflito” (Bush e Folger in Torremorell, 2008, p.17).

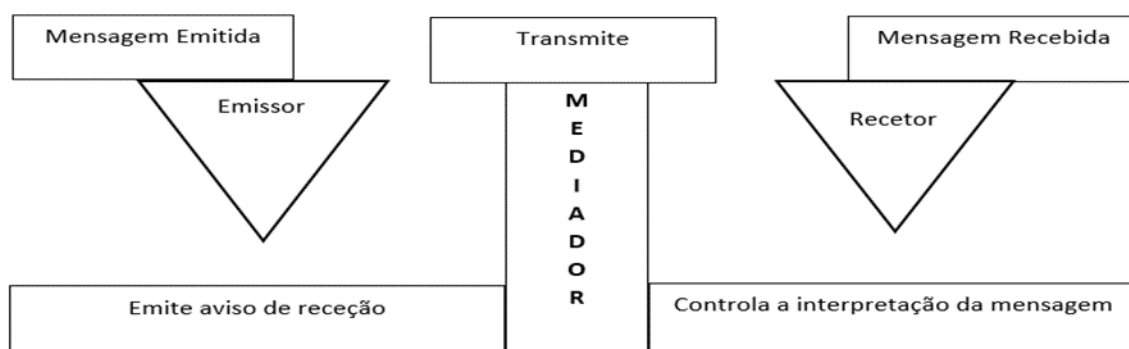


Figura 2 - Representação da função do mediador (Lascoux, 2010, p.31)

Todo o processo de mediação inclui estes polos para que exista qualidade na comunicação e no diálogo. Existe um emissor que transmite uma mensagem e um recetor que a recebe, interpreta e reflete. Existe também o mediador no centro deste esquema que controla e gere a emissão e interpretação da mensagem. Deste modo, constatamos a necessidade de existência de uma cultura de mediação para que o conflito não seja encarado como uma dificuldade e transtorno na vida e na convivência humana. A mediação não é apenas uma técnica utilizada aquando da existência de dificuldades e problemas nas relações humanas, deve antes ser vista como uma ferramenta reguladora de conflitos e como combinação e ligação entre o manuseamento de técnicas e os comportamentos culturais dignos, cooperando na resolução e prevenção do conflito.

### **3.4 A MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE INTERVENÇÃO**

A mediação abrange todos os processos de resolução de conflitos e litígios alternativos à Justiça Pública, isto é, resolução de conflitos alternativos ao juiz ou ao poder judicial. Na perspetiva de Torrego (2002, p.5), a mediação é “um método de resolução de conflitos, em que duas partes em confronto recorrem, voluntariamente, a uma terceira pessoa, imparcial, o mediador, a fim de chegarem a um acordo satisfatório” para todos os mediados. Deste ponto de vista ressalta o paradigma ganhar-ganhar, contrariando os variados métodos e técnicas de resolução de conflitos existentes, resultantes das necessidades a nível pessoal e social, já mencionadas, que se sustentam no modelo comum ganhar-perder (Littlejohn, 1999)

Como refere Guillaume-Hofnung (1995, retirado de um PowerPoint fornecido pela docente Ana Maria Silva), a Mediação é:

“Um processo de comunicação ética, que repousa sobre a responsabilidade e autonomia dos participantes, no qual um terceiro – imparcial, independente, sem poder decisivo, apenas com a autoridade reconhecida pelos mediados – favorece, através de entrevistas confidenciais, o (re)estabelecimento dos laços sociais, a prevenção ou a resolução da situação em causa.”

Todo o processo de mediação acontece por sessões, por fases e de maneira informal, confidencial, voluntária, assumindo, assim, uma natureza privada. Para além disso, é um procedimento com menos custos, mais flexível e atento aos interesses dos indivíduos, permitindo maior controlo pelas partes envolvidas.

As fases deste processo de carácter não adversarial passam, inicialmente, pela escuta, o diálogo e a cooperação; num segundo momento, dá-se lugar à compreensão do conflito e dos reais interesses das partes e, finalmente, acontece a construção de soluções mutuamente satisfatórias.

A terceira pessoa chamada a intervir no processo de mediação, e a fazer acontecer todo o procedimento, juntamente com as partes mediadas, deve respeitar aquele que é o verdadeiro perfil do mediador, isto é, deve adotar uma postura de imparcialidade e neutralidade e manter-se como um facilitador de diálogo e negociação no decorrer do todo o processo (Pinto da Costa, 2017, p.80).

Desta forma, o mediador é aceite voluntariamente entre as partes. Dito de outro modo, nas palavras de Pinto da Costa,

“Numa sessão de mediação, independentemente do lugar e da modalidade, o método de resolução de conflitos surge com maior destaque na apresentação da mediação. Promotor de escuta, de diálogo e de cooperação, visa a compreensão do conflito e dos reais interesses de cada um dos envolvidos, através da intervenção de um terceiro, imparcial e neutro, aceite voluntariamente pelas partes, e facilitador da construção de soluções mutuamente satisfatórias, vertidas num acordo alcançado por elas mesmas” (Pinto da Costa, 2017, p.80).

A mediação atua em vários campos, entre eles os Judiciais e os Não Judiciais e aborda dois âmbitos, “o resolutivo, de carácter formal, onde acontece a gestão positiva dos conflitos, e o âmbito preventivo, de carácter informal, que tem como objetivo a promoção de uma cultura positiva em relação aos conflitos e a capacitação em competências sociais e comunicacionais”. (Pinto da Costa, 2017, p.80)

No contexto em questão, mostrava-se cada vez mais necessário incluir a mediação no dia a dia escolar. Assim, foi essencial fundamentar a intervenção no âmbito da Mediação Socioeducativa e seguir, especialmente, o âmbito resolutivo da mediação.

A mediação Socioeducativa, um dos campos Não Judiciais onde atua a mediação, é uma prática essencialmente educativa e social cujo principal objetivo consiste em construir ambientes de convivência saudáveis e, deste modo, “empoderar” indivíduos e grupos, potenciar uma cultura de não violência, de participação responsável e de cidadania ativa. (Pinto da Costa, 2017, p.80)

Dadas as necessidades encontradas no contexto, foi necessário criar e dinamizar um método de intervenção que fosse ao encontro de todas as dificuldades encontradas e que permitisse dar resposta às necessidades identificadas e obter resultados positivos.

Assim, a Mediação Socioeducativa aponta para a construção de ambientes de convivência saudável, o empoderamento do indivíduo e dos grupos, potenciando uma cultura de não violência, de participação responsável e de cidadania ativa. A opção por esta conceção de mediação assumiu-se como necessária e essencial neste projeto de intervenção enquanto via condutora da resolução e prevenção de todos os conflitos existentes no contexto. É também objetivo da Mediação Socioeducativa, enquanto atividade educativa e social, proporcionar uma aprendizagem alternativa, nomeadamente entre pessoas em conflito, com o intuito de superar comportamentos reativos ou impulsivos, de modo a que os participantes do processo de mediação adotem uma postura reflexiva e mais ponderada, e potenciar a compreensão e interação entre os diferentes participantes e as suas diferentes versões e perspetivas sobre a realidade, suscitando a livre tomada de decisão e a participação democrática e responsável.

### **3.5 A MEDIAÇÃO E OS SEUS PARADIGMAS**

De acordo com as palavras de Dora Schnitman e Stephen Littlejohn, no primeiro capítulo da sua obra “Novos paradigmas em Mediação”, o progresso da sociedade fez-se acompanhar de um desenvolvimento de métodos de resolução de conflitos que, a partir da década de 70, passaram a ser aplicados em vários contextos, nomeadamente os contextos familiar, educativo, laboral e etc., o que levou a mudanças sociais e culturais (Littlejohn, 1999).

Contudo, é necessário perceber como é que estes métodos inovadores se relacionam com a cultura contemporânea. Então, percebe-se que é nos desagradáveis e indesejáveis conflitos entre as pessoas que se vê a oportunidade de mudança, e é nessa mesma mudança que existe a relação entre as metodologias e a cultura contemporânea (Littlejohn, 1999).

Estas metodologias para a resolução de conflitos, são, portanto, um caminho para a solução. Um exemplo de um método inovador é a Mediação, que tem como objetivo facilitar o diálogo entre as partes para a resolução de situações conflituosas. Ela permite que os sujeitos estejam ao alcance das habilidades e capacidades necessárias para resolverem, por si mesmos, os conflitos e diferenças que podem surgir futuramente nas suas relações (Littlejohn, 1999).

Por um lado, a sociedade dá valor ao paradigma “ganhar-perder” onde a discussão e o litígio são os métodos utilizados para tratar as diferenças, o que, por sua vez, originam disputas, das quais resulta a derrota de uma parte e a vitória de outra. Tudo isto dificulta as relações entre as pessoas (Littlejohn, 1999).

Em contrapartida, existe uma resolução alternativa a este paradigma e aos confrontos e discussões. Ou seja, existe a possibilidade de uma vitória conjunta e de uma participação responsável onde é reconhecida a singularidade de cada participante, de modo a construir uma base de soluções comum a todos (Littlejohn, 1999).

A Mediação e as outras metodologias pretendem então que haja uma colaboração dos envolvidos e pretende ainda promover a mudança através da busca de soluções consensuais e legítimas. Ou seja, permite aumentar a compreensão entre as partes e incrementar o diálogo com o intuito de que as pessoas aceitem e respeitem a diferença (Littlejohn, 1999).

De acordo com as palavras de Dora Schnitman (1999, p.7) “As metodologias para a resolução alternativa de conflitos definem-se como práticas emergentes que operam entre o existente e o possível.” Isto é, estes paradigmas emergentes são entendidos como processos, através dos quais os participantes constroem possibilidades na resolução das divergências conflituosas, podendo, assim, reconstruírem-se a si mesmos (Littlejohn, 1999). Trata-se, portanto, de uma construção que se centra naquilo que é comum, isto é, na ecologia social e na qualidade de vida das pessoas. Trata-se de um despertar da criatividade, da reflexão e do agir em prol do paradigma “ganhar- ganhar” (Littlejohn, 1999).

Seguindo estes novos paradigmas de resolução de conflitos chegamos a formas de relacionamentos que albergam e ultrapassam as diferenças e promovem o diálogo com “o outro”. Ao centrarmo-nos no diálogo obtemos uma transformação geradora de equilíbrio (Littlejohn, 1999). Neste sentido, o mediador age consciente do seu papel construtivo, transformador e promotor de diálogo, encontra o “elemento articulador” que origina oportunidades e cria condições para a resolução responsável de ações conflituosas (Littlejohn, 1999). Neste âmbito, surge o termo “*empowerment*” que alude também à transformação, ou seja, quando é concedido às pessoas o poder de criarem possibilidades (Littlejohn, 1999).

Posteriormente, as transformações que ocorreram globalmente e o desenvolvimento destes novos paradigmas que tenho vindo a falar, apresentam-se sustentados pela mudança. Isto significa que os novos paradigmas propõem cenários alternativos que incluem o emergente, explorar o desconhecido e fazem surgir possibilidades. Ou seja, a resolução de conflitos centra-se, nomeadamente, em processos que reconhecem novas possibilidades, centram-se na capacidade de criar ou construir o presente a partir do futuro desejado, entre outros temas (Littlejohn, 1999).

Ainda no contexto de mudança, a ideia de “Novos Paradigmas” alude às mudanças na teoria e na prática científica dos últimos 20 anos. Porém, com o tempo, que se mostra criativo e inovador, o próprio conhecimento passou a ser visto como um processo construtivo e um recurso, a partir do qual os novos paradigmas permitem que nos desloquemos do mundo previsível para outro mundo onde a novidade e a inovação fazem parte do quotidiano e trabalham na construção de um futuro aberto. Passamos, portanto, a estar num mundo que emerge e se abre ao inesperado através da implementação do diálogo, um mundo que propõem colaboração, reflexão, sugerindo que as vozes se façam ouvir e se vá para além do “saber” e do “saber fazer” (Littlejohn, 1999).

### **3.6 A MEDIAÇÃO COMO TÉCNICA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS**

Podemos dizer que a mediação tem um carácter transformativo e fortalece as pessoas, na medida em que se orienta “para a criação e manutenção de pontes entre as pessoas e entre estas e a sua comunidade, na direção de uma evolução conjunta” (Torremorell, 2008, p.30). É um processo que apela à consciência, compreensão e conhecimento dos indivíduos que recorrem a ele, uma vez que lhes fornece os meios para alcançarem as soluções para o conflito por si próprios, isto é, as pessoas têm de ser capazes de enfrentar o conflito, têm de se submeter a um momento de reflexão e introspeção onde repensam e questionam as suas atitudes, comportamentos, pensamentos e crenças, e, assim, são-lhes proporcionadas oportunidades para o desenvolvimento, aprendizagem e resultados significativos:

“A mediação deve ser vista não unicamente como um meio de gestão, regulação ou resolução dos conflitos, mas uma situação geradora de aprendizagens e de crescimento pessoal, cultural e social, porque, se não se derem as condições para modificar [a pessoa, a situação], é melhor nem sequer tentar a utilização da mediação” (Schvarsten, 1997, p.28 in Torremorell, 2008, p.45).



É o notório o papel transformador da mediação e o novo olhar que tem perante o conflito fazendo dele uma oportunidade de crescimento, um potenciador de novas aprendizagens e competências para o alcance de soluções e sucesso.

Embora a mediação ainda não seja uma prática comum como desejaríamos que fosse, a sua intervenção não se limita às situações de ocorrência de conflito, revelando o seu carácter resolutivo, alagando-se cada vez mais às situações provenientes de conflito, atuando com carácter preventivo. Isto é, a mediação tem vindo a revelar uma vertente transformadora e resolutiva e, paralelamente, uma vertente preventiva.

Através de autores como Torremorell (2008), Burgess e Burgess (1997), Bush e Folger (1996), Burton e Dukes, (1990) e Sara Cobb, (1997), Brandão, (2012) aponta para a existência de três modelos de mediação, que auxiliam e orientam os indivíduos envolvidos no processo de mediação, isto é, na situação de conflito em que se encontram e no processo de comunicação que se desenvolve durante a intervenção. Estes modelos potenciam, de igual forma, a solução do conflito como a aprendizagem e desenvolvimento de novas competências a nível pessoal e social.

No primeiro modelo de resolução de conflitos, “são destacados os aspetos substantivos dos conflitos, salientando-se os semblantes em comum entre as partes mediadas. Focaliza-se na comunicação bilateral, onde o mediador adota uma postura de facilitador da comunicação. A meta do processo consiste em apontar as soluções satisfatórias para ambas as partes. entrada numa mediação técnica, “desvaloriza” as componentes culturais ou sociais” (Brandão, 2012, p.36).

O segundo modelo, o “Modelo Transformativo”, “focaliza-se nos protagonistas e na sua mudança ao nível pessoal, cultural, relacional e estrutural. Consagra uma visão baseada mais no desenvolvimento moral e nas relações interpessoais do que na satisfação e na autonomia individual, destacando a conceção relacional por oposição à conceção individualista. (...) Com isto pretende-se que a transformação do conflito se traduza numa mudança necessária e desejável” (Brandão, 2012, p.36). Assim, a mediação transformadora “permite às partes capitalizar os conflitos como oportunidades de crescimento” (Horowitz 1998 in Torremorell, 2008, p.49).

O terceiro e último modelo, o “Modelo comunicacional”, centrado fundamentalmente “no sistema comunicacional dirigindo atenções para as oportunidades que provêm de situações dialógicas, concentra todas as possibilidades de resolução do conflito na comunicação. Uma vez que

o conflito pode partir de uma história mal interpretada, importa desconstruir esta história e moldá-la de acordo com os interesses partilhados pelas partes” (Brandão, 2012, p.36):

“A comunicação é considerada como um todo, e os mediadores tomam os elementos das narrações de cada um dos protagonistas e, juntamente com eles, reconstróem uma história que desestabiliza a primeira perceção do conflito” (Torremorell, 2008, p. 51).

Concluindo, no modelo de resolução de conflitos destacam-se os aspetos em comum entre as partes, onde o mediador adota o papel de facilitador de diálogo e o objetivo é construir soluções mutuamente satisfatórias; no modelo transformativo, o foco são as mudanças dos envolvidos a nível pessoal, cultural e relacional e etc., permitindo, assim, o desenvolvimento moral e nas relações interpessoais e uma transformação desejável nessa perspetiva; e, por fim, o modelo comunicativo que é mais comum quando o conflito parte de más interpretações, e, deste modo, valoriza o diálogo e pretende, através da comunicação, a resolução do conflito. (Brandão, 2012, p.36).

Assim, no quadro seguinte, podemos analisar de forma simples o foco, isto é, o eixo central de cada modelo, bem como os objetivos do processo e os elementos envolventes na relação.

Quadro III - Modelos da Mediação

| <b>1. Modelo de Resolução de Conflitos</b>  |  |
|---|--|
| Eixo central  |  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação de Conflito</li> </ul>  |  |
| Objetivo do processo:   | Elementos envolventes na relação:  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Resolução do conflito através da obtenção de um acordo entre ambas as partes</li> </ul>              | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Processo de mediação</li> <li>• Sujeito</li> </ul>              |
| <b>2. Modelo Transformativo</b>   |  |
| Eixo central  |  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sujeitos</li> </ul>  |  |
| Objetivo do processo:   | Elementos envolventes na relação:  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento pessoal assente na transformação do conflito em situações de aprendizagem</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação de conflito</li> <li>• Processo de mediação</li> </ul> |
| <b>3. Modelo Comunicacional</b>   |  |
| Eixo central  |  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Processo de comunicação</li> </ul>   |  |
| Objetivo do processo:   | Elementos envolventes na relação:  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção de diálogos como processos de aprendizagem</li> </ul>                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sujeitos</li> </ul>   |

|  |  |
|--|--|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação de conflito</li> </ul> |
|--|--|

### 3.6.1 A COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO NA MEDIAÇÃO

Para conseguirmos bons resultados na mediação de conflitos ou teoricamente, a resolução dos conflitos, é necessário existir negociação, empatia, escuta ativa, e não menos importante, é necessário realizar uma comunicação adequada e eficaz, seja ela verbal ou não verbal, bem como demonstrar entendimento pelos interesses alheios.<sup>4</sup> Queremos com isto dizer que, num processo de mediação, o facto de existir uma comunicação simples e clara é uma grande ajuda na interação entre as partes.

Para isso, num processo de comunicação é necessário existirem cinco elementos principais: o emissor, que é quem envia a mensagem; o recetor, quem recebe a mensagem; o canal, meio pelo qual a mensagem é enviada; o código, que pode ser escrito, oral etc.; e a mensagem, o conteúdo do que se quer transmitir. Assim, só existirá uma boa comunicação se o recetor interpretar corretamente o conteúdo da mensagem:

“As coisas que dizemos cumprem funções no contexto em que as dizemos: com palavras, fazemos coisas. A conversa é vista como uma maneira de “fazer coisas com as palavras” conjuntamente: é a maneira social básica de utilizar a linguagem.” (Austin, 1998, citado por Guix, 2008, p.69)

Xavier Guix (2008) cita as palavras de Austin (1998) para mostrar que a comunicação, ou seja, as palavras que usamos numa relação comunicativa são determinantes para a interpretação que se vai fazer. Por isso, é importante termos um discurso conciso e objetivo, focar no assunto em questão e usar palavras de fácil entendimento, para facilitarmos o diálogo com o recetor. Para além destes aspetos que remetem para a comunicação verbal, é necessário termos em atenção a linguagem corporal ou gestual, de acordo com Rego & Cunha (2006, p.186), que afirmam que, “Segundo alguns estudos, as palavras contribuem apenas com 7% para as impressões. Os restantes 93% advêm da linguagem não verbal, que inclui a voz e a linguagem corporal.” É fundamental estarmos atentos à nossa linguagem verbal e não verbal para conseguir manter um discurso coerente e transmitirmos corretamente a mensagem.

---

<sup>4</sup> Retirado de - <https://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI293029,11049-A+importancia+da+comunicacao+na+mediacao+de+conflitos> - Consultado a 12/09/2019

Segundo Dora Schnitman (1999), a comunicação é vista “como a possibilidade de compreender e operar na construção, na reprodução e na transformação de processos relacionais em diálogo” e não como modelo linear de causa efeito ou como transmissão de mensagens. A autora sublinha que a comunicação é vista como um caminho para o desempenho relacional e como processo através do qual as pessoas criam, mantêm e transformam as suas realidades sociais e as suas relações. Trata-se, portanto, de um modelo construcionista social onde as pessoas estão imersas e contribuem para um processo de evolução, crescimento e transformação (Littlejohn, 1999).

O mesmo acontece na mediação, isto é, há grande necessidade de boa comunicação, ou seja, é necessário existir um diálogo coerente, objetivo e claro entre as partes, para que ambas cheguem a um entendimento e percebam os interesses uma da outra e, assim, possam interagir e cooperar numa solução mutuamente satisfatória.

### **3.6.2 A EMPATIA NA MEDIAÇÃO**

Ao mesmo tempo que estabelecemos uma relação comunicativa de qualidade é importante criarmos também uma relação de empatia. O facto de nos colocarmos no lugar do outro e sermos capazes de entender e apreciar os seus pensamentos e sentimentos sem julgamentos ou críticas é um aspeto essencial e facilitador da comunicação. À semelhança da empatia, os processos de mediação de conflitos, entre duas ou mais partes, sugerem atitudes e posturas como o saber ouvir, a “escuta ativa”, que é relevante para quem pretende manter um bom diálogo.

A empatia na mediação está relacionada com a conexão que existe entre as partes, sendo assim que se fortalecem elos como a confiança, o respeito, a interação e a comunicação que operam na construção da solução do conflito. Assim, recomenda-se o bom uso da empatia. Em contrapartida, a falta dela pode prejudicar todo o processo. Uma vez que num processo de mediação as manifestações dos indivíduos em conflito são movidas por sentimentos de raiva, mágoa e etc., a empatia é uma componente crucial e imprescindível para o sucesso dos procedimentos.

### **3.6.3 A COOPERAÇÃO E COLABORAÇÃO NA MEDIAÇÃO**

A resolução de conflitos implica, para além dos aspetos acima descritos, uma ética responsável que se traduz na autonomia, compromisso e entajuda partilhada por todos os envolvidos.

“A ética nos situa no centro do campo do cuidado. O outro é aquele a quem dirigimos nosso cuidado, nosso zelo, nossa atenção; ele nos interpela em nossa capacidade mais profunda de produzir humanidade, de perceber e fazer brotar a existência humana para que ela cresça e perdure na sua própria vida. Nessa perspectiva é possível, sim, dizer que a ética produz um ganho subjetivo, pois a humanidade produzida inevitavelmente transcende o outro para também crescer no eu que a pratica. É como se a conduta ética gerasse em quem a pratica um sentimento ao mesmo tempo ligeiro e profundo de realização humana” (Cunha, 2010, p. 29).

A mediação é uma metodologia composta por princípios, modelos, técnicas e etc. e fundamenta-se numa “ética de liberdade” que remete para a capacidade do sujeito de fazer escolhas, de desenvolver e melhorar a capacidade de comunicação e escutar e interpretar de forma livre. A esta liberdade acrescem princípios como a voluntariedade, imparcialidade e equidistância, confidencialidade e responsabilidade, os quais se revelam princípios centrais da mediação por suportarem uma comunicação equilibrada entre os indivíduos e a construção de relações igualmente moderadas, independentemente das suas características (Silva, 2018).

Segundo (Silva, 2018), na ética da mediação é também importante referir o reconhecimento mútuo e a alteridade inerentes às suas práticas. Estes princípios, bem como os acima mencionados, foram desenvolvidos e fundamentados por modelos teóricos específicos que têm acompanhado e sustentado a evolução teórico-epistemológica da mediação. De entre esses modelos, existem três destaques: o primeiro modelo é identificado como “o modelo de solução de problemas” que apela à colaboração no processo de negociação de acordos, conseguindo, assim, o alcance de acordos mutuamente satisfatórios; o segundo modelo, designado como “o modelo circular narrativo” ou “modelo comunicacional”, o qual valoriza a realidade experienciada pelos sujeitos e a partilha da mesma, de modo a conseguirem criar e co-construir uma nova narrativa da realidade dos participantes; o terceiro modelo “o modelo transformativo ou transformador” que propõe uma dimensão maior na interação que ultrapassa as situações de conflito, permitindo aos sujeitos uma transformação e renovação das interações e dos contextos (Silva, 2018).

Posto isto, podemos concluir que “todos estes modelos definem estratégias colaborativas e compreensivas de diálogo, participação voluntária, legitimação e reconhecimento mútuo, estratégias implementadas recorrendo a diversas técnicas. (...) Concebemos, assim, a mediação como uma metodologia participativa, interativa e colaborativa, facilitadora do reconhecimento e da autodeterminação dos diversos intervenientes apoiada em princípios e em modelos que são

mobilizados nas práticas através de estratégias e técnicas particulares sustentadas no reconhecimento, na aprendizagem teórica e prática e na (auto)supervisão” (Silva, 2018, p. 26-27)

Na perspectiva de Pinto da Costa (2018), a mediação tem um novo olhar sobre o conflito, vendo-o, nomeadamente, no contexto escolar, como uma oportunidade de mudança, crescimento pessoal, originando, assim, um desafio socioeducativo. Assim, a mediação não segue o modelo tradicional de resolução de conflitos, sugere antes uma abordagem colaborativa nas relações interpessoais.

Assim, também a cooperação e a colaboração são tidas em conta na condução de responsabilidade e alteridade mútua da mediação. Os cidadãos têm a oportunidade de desenvolverem capacidades como a reflexão, diálogo e decisão em comunhão com as outras pessoas, manifestando cooperação, compreensão e disponibilidade perante o problema em questão. Concluindo, a finalidade da mediação não passa apenas pela resolução do conflito através do

“desvendamento dos interesses e sentimentos das partes, mas também pelo potenciamento de competências que permitem o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos e a aproximação dos mesmos, e a oportunidade de conseguirem soluções criativas, ganhos mútuos e a perseverança nas relações, por intermédio de princípios e competência como a comunicação, a empatia e a cooperação” (Torremorell, 2008, p.45).

## IV. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

### 4.1 INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, pretende-se expor e aprofundar a metodologia usada para a concretização do projeto de intervenção previamente definido e desenvolvido. Como observaremos de seguida, o método de investigação usado num projeto será o fio condutor para que o mesmo seja orientado de forma adequada e produtiva.

De um modo geral, a investigação define-se pela utilização de um amplo conjunto de métodos, de instrumentos, de técnicas e de teorias, de enfoque quantitativo e qualitativo e contribui para compreender e problematizar as situações dando-lhes resposta e ainda para construir saberes em determinados contextos. Nomeadamente no contexto Educativo, que é o âmbito de estudo deste projeto, por ser uma área de construção de saberes e desenvolvimento pessoal, social e profissional, a investigação tem vindo a assumir uma cada vez maior preponderância. Desta forma, a prática da investigação implica, necessariamente, a presença de um investigador capaz de encontrar e reconhecer um problema ou contrariedade na pesquisa e assim definir objetivos, finalidades e a metodologia indicada para dar continuidade ao processo de investigação. Mais resumidamente, Chizzotti (1991) define a investigação como:

“o conjunto de operações sucessivas e distintas, mas interdependentes, realizadas por um ou mais investigadores, a fim de recolher sistematicamente informações válidas sobre um fenómeno observável, para explicá-lo e compreendê-lo” (Chizzotti, 1991, p.35).

Segundo Brandão (2012), a investigação “é uma atividade de procura intencional de factos e informações sobre a realidade no sentido de a conhecer e de a transformar através de uma intenção de averiguar, de indagar e procurar respostas às questões levantadas. É um processo que, como Lima e Lima (1984) referem, gera conhecimento que, por um lado, contribui para o desenvolvimento da própria ciência e do próprio saber e, por outro, para a obtenção de soluções práticas para problemas concretos da sociedade. É, assim, um processo de conhecimento da realidade, tendo como objetivo primeiro a revelação dos aspetos ocultos da realidade, através da utilização dos meios e procedimentos adequados” (Brandão, 2012, p.48).

Segundo Cardoso (2015, p.27), o processo de investigação “faz referência ao estudo, racional e sistemático, dos fenómenos, com o objetivo de os compreender e explicar, e implica, em termos

clássicos, um percurso que vai desde a identificação e formulação de um problema, à seleção do design de pesquisa, recolha de dados, análise e interpretação destes, tendo em vista procurar soluções para a questão colocada pelo investigador”. Para Cardoso (2015, p.28)

“A investigação pode ser considerada um processo social, através do qual os grupos humanos modificam o conhecimento que têm da realidade, transformando, ao mesmo tempo, a sua maneira de agir sobre essa mesma realidade (...) investigar é também uma maneira de contribuir para a modificação de um fenómeno social, através de um conjunto de ações (políticas, económicas, educativas, etc.), que envolvem um profundo sentido de responsabilidade e de cidadania (...)”.

Beillerot (1982) citado por Cardoso (2015) enumera três condições essenciais na prática investigativa; a investigação deve “i) ser geradora de novos conhecimentos; ii) apoiar-se numa metodologia rigorosa; iii) ter carácter público, para poder ser apreciada pela comunidade científica.” (Cardoso, 2015, p.27)

Como vimos, também a investigação inclui um potencial transformador e inovador, que, através de um conjunto de fases e meios, permite conhecer a realidade, desconstruindo os problemas existentes. Tudo isto indica que, para iniciarmos um processo de investigação, teremos de definir o problema que será o foco de pesquisa. Isto é, seguindo este processo de investigação, os resultados obtidos contribuirão e darão sentido às práticas e, paralelamente, permitirão criar e inventar novas formas de fazer as coisas e novas formas de atuar (Beillerot, 1982).

## 4.2 PARADIGMAS DE INVESTIGAÇÃO

Os paradigmas de investigação caracterizam-se pelo conjunto de teorias e procedimentos de vários autores associadas à investigação. Com base nas palavras de Soeiro (2012, s/p) “paradigma de investigação pode definir-se como um conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica num dado momento histórico.”

Numa visão geral, os paradigmas de investigação são um referencial imprescindível no processo de investigação. Na perspetiva de Creswell (2010), citado por Soeiro (2012), a investigação é uma “conceção filosófica” e “um conjunto de crenças básicas que guiam a ação” Soeiro (2012, s/p). Para (Coutinho 2011, p. 9-41) o paradigma da investigação “é o sistema de princípios, crenças e valores que orienta a metodologia e fundamenta as suas concepções numa dada epistemologia”.



Resumindo o olhar dos autores acima citados, Soeiro (2012, s/p) sintetiza os paradigmas de investigação, e em particular a investigação nas Ciências Sociais e Humanas, em quatro concepções: o pós-positivista - “a visão pós-positivista está associada à forma tradicional de pesquisa, pois baseia-se em metodologias quantitativas de recolha e análise de dados. É uma visão que se pretende objetiva, experimental, mesmo que adaptada à realidade social. O pesquisador deve ser neutro, não interveniente, admitindo, no entanto, que o conhecimento nunca é totalmente objetivo fruto da interpretação humana. Procura-se a explicação da causa através da verificação empírica, baseando-se na ideia de que toda a realidade pode ser mensurável. Utiliza um método hipotético-indutivo em que a confirmação das hipóteses leva à generalização dos casos particulares numa lei geral”; o construtivista - apoia-se numa perspetiva qualitativa de recolha e análise de dados, em que o pesquisador reconhece o seu próprio significado sobre a realidade e sobre ela exerce influência, posicionando-se no seu interior. Ele dá significado à realidade que os sujeitos em estudo apresentam, através do diálogo e interação com os participantes. Em vez de começar com uma teoria, os investigadores desenvolvem um padrão de significado a partir da interpretação que fazem da interação com o sujeito. Neste sentido, são utilizadas questões abertas dando azo à interpretação das respostas”; o sóciocrítico – “é mais recente e defende que a investigação deve servir propósitos políticos e sociais, através do debate e discussão, de modo a lançar as bases para uma mudança social. Assume claramente que nenhum pesquisador é neutro em termos ideológicos ou políticos. A investigação decorre com os sujeitos que são envolvidos ativamente, participando na recolha e análise dos dados e, inclusivamente, no rumo a seguir. Segue o método da investigação-ação, centrando-se, essencialmente, em grupos ou indivíduos marginalizados pela sociedade, abordando questões como a desigualdade, opressão, alienação”; e, por fim, o paradigma pragmático - “a metodologia a seguir, nomeadamente na recolha e análise de dados, deve ser a que melhor responde ao problema definido. O mundo não sendo uma realidade absoluta deve ser compreendido à luz de diferentes métodos (métodos mistos). Nesse sentido, o pesquisador é livre na escolha dos métodos, técnicas e procedimentos a seguir. Centra-se, também, na aplicação do conhecimento ao real, nas soluções práticas para os problemas, tendo presente que os contextos sociais, culturais, históricos e políticos devem ser considerados pois influenciam a investigação.”

Para definirmos um paradigma subjacente à investigação precisamos de compreender as intenções e opções do investigador, principalmente no que concerne à metodologia e instrumentos a utilizar durante o desenrolar da investigação:

“As metodologias carregam em si mesmos interesses que condicionam os resultados procurados e encontrados, razão pela qual o investigador deverá procurar identificar os interesses humanos que estão sempre por detrás das diferentes formas de investigar” (Coutinho, 2004, p.438).

Como já analisámos, a realidade da investigação tem cada vez mais lugar nas situações educativas, uma vez que a área da Educação assume determinadas especificidades. Temos, portanto, na Educação, “um campo de ação e pensamento multi-referenciado” (Alves & Azevedo, 2010, p.1).

Relativamente ao uso da investigação na Educação, existem inúmeras necessidades educativas e formativas que carecem de investigação. Como tal, é comum os investigadores recorrerem à investigação-ação para encontrarem uma metodologia investigativa que estabeleça a relação e ligação entre a investigação e a prática, entre a transmissão e produção de conhecimentos, que permita o contínuo desenvolvimento do sistema educativo e das escolas.

#### **4.3 APRESENTAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO**

Baseado na investigação-ação, o presente projeto foi alvo de avanços e recuos e de alterações e adaptações. O paradigma crítico pareceu-nos o mais apropriado para atuar neste contexto, nomeadamente a Investigação-ação (IA). Enquadramos esta abordagem no âmbito do projeto de intervenção, centrado na Mediação Socioeducativa, de forma a contribuir para o alcance dos objetivos atrás definidos.

A investigação-ação é um tipo de investigação desenvolvido em oposição à investigação tradicional, nomeadamente no campo dos paradigmas positivista e interpretativo, que surgiu da necessidade de superar a discrepância entre teoria e prática, assumindo um carácter mais independente e dinâmico. Como o próprio nome indica, a investigação-ação, na sua essência, procura relacionar a investigação com a ação, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da ação com vista à mudança. A IA implica planear, atuar, observar e refletir mais cuidadosa e detalhadamente do que aquilo que é normal fazer no dia-a-dia. Por outras palavras, a IA pretende "trazer melhoramentos práticos, inovação, mudança ou desenvolvimento de práticas sociais e um melhor conhecimento dos práticos acerca das suas práticas " (Zuber-Skerritt, 1996, s/p).

Uma outra característica deste tipo de metodologia é que, através dela, se procura intervir na prática de modo inovador no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como eventual

consequência na fase final do projeto. Um dos pioneiros da investigação-ação, e também considerado o pai da IA, foi o psicólogo alemão Kurt Lewin (1890-1947). A partir daí, foram surgindo novas perspectivas de outros autores e foram-se criando vários modelos ou propostas de investigação-ação, que diferem de acordo com a problemática que se estuda. Segundo Coutinho (2011), são exemplo de algumas dessas perspectivas as seguintes:

“Elliot (1993) que define a Investigação-Ação como um estudo de uma situação social que tem como objetivo melhorar a qualidade de ação dentro da mesma; Com Kemmis (1984) a Investigação-Ação não só se constitui como uma ciência prática e moral como também como uma ciência crítica; Lomax (1990) define a Investigação Ação como “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria”; Bartalomé (1986) define a Investigação -Ação como “um processo reflexivo que vincula dinamicamente a investigação, a ação e a formação, realizada por profissionais das ciências sociais, acerca da sua própria prática” (Coutinho, 2011, p. 9-41).

A IA inclui simultaneamente ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão), baseadas num processo cíclico ou em espiral, que oscila entre ação e reflexão crítica, e em que nos ciclos posteriores são aprimorados os métodos, os dados e a interpretação feita através da experiência e do conhecimento obtidos no ciclo anterior. Inicialmente, a IA era aplicada na área das ciências sociais e psicologia; no entanto, a investigação-ação é, atualmente, aplicada também na área do ensino e na área da saúde, entre outras.

Segundo Coutinho et. al (2009), a IA é uma metodologia de pesquisa de caráter prático centrada na necessidade de resolver problemas reais, com a vantagem de questionar e melhorar as práticas, e que agrega algumas características indispensáveis, defendidas por autores como Cohen & Manion (1994) e Descombe (1999) e definidas por Castro (2012, p.8):

“a) Participativa e colaborativa: No sentido em que implica todos os participantes no processo. Todos são coexecutores na pesquisa. O investigador não é um agente externo que realiza investigação com pessoas, é um co investigador com e para os interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade. b) Prática e interventiva, pois não se limita ao campo teórico, a descrever uma realidade. A ação tem de estar ligada à mudança e é sempre uma ação deliberada. c) Cíclica, porque a investigação envolve uma espiral de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança, que são então implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte. Temos, assim, um permanente entrelaçar entre teoria e prática. d) Crítica, na medida em que a comunidade crítica de participantes não procura apenas melhores práticas no seu trabalho, dentro das restrições sociopolíticas dadas, mas também atuam como agentes de mudança, críticos e autocríticos das eventuais restrições. Mudam o seu ambiente e são transformadas

no processo. e) Autoavaliativa, porque as mudanças são continuamente avaliadas, numa perspetiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos.” (Castro, 2012, p. 8)

Ainda segundo a perspetiva de Coutinho et. Al. (2009), a IA define objetivos como a compreensão, a melhoria, a reformulação das práticas e refere a realização de uma intervenção em pequena escala com a devida apresentação detalhada dos efeitos da mesma. No mesmo seguimento, quando falamos de investigação falamos de um processo que implica ações como o planeamento, a atuação, a observação e reflexão, com o intuito de alcançar mudanças e mais conhecimento sobre as práticas. Assim, Castro (2012, p. 8-9), seguindo a perspetiva de Coutinho et. al. (2009), refere as seguintes finalidades da IA:

“a) Melhorar e/ou transformar a prática social e/ou educativa, ao mesmo tempo que procuramos uma melhor compreensão sobre a respetiva prática; b) Articular, de modo permanente, a investigação, a ação e a formação; c) Aproximarmos da mudança, veiculando a mudança e o conhecimento; d) Fazer dos educadores protagonistas da ação.”

Através destas finalidades a IA traz à área da Educação benefícios como: “a) uma nova forma de investigar que dá maior relevo ao social, pondo o investigador e os participantes no mesmo plano de intervenção; b) a combinação de métodos qualitativos e quantitativos, originando novas formas de recolha de dados tais como “entrevista narrativa” e “investigação biográfica”; c) a disseminação do conceito de “prático reflexivo” de Schön (1983) na formação de professores e noutras áreas profissionais” (Castro 2012, s/p)

#### **4.4 MODALIDADES DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO**

A IA apresenta várias opções de desenvolvimento, tendo em conta o público-alvo, o contexto e as situações e condições em que decorre a investigação. Deste modo, de acordo com a visão de vários autores, e principalmente de acordo com Coutinho et al. (2009), destacam-se as seguintes modalidades: a modalidade técnica, que se define como um modo de aprendizagem inicial que procura obter resultados predeterminados, através da ação de um facilitador externo, que propõe a experimentação de resultados, define os objetivos, que o professor põe em prática; a modalidade prática, aqui planificam-se estratégias de mudança, detetam-se problemas e refletem-se os resultados das mudanças já realizadas, sendo que é o professor quem tem o papel mais autónomo, como condutor da investigação e o facilitador externo assume o papel de cooperador; e, por fim, a modalidade crítica ou emancipatória, que vai além da intervenção na ação pedagógica chegando ao

próprio sistema implementando soluções promotoras de melhoria, ou seja, há um trabalho coletivo no desenvolvimento e transformação da prática de investigação, onde o facilitador externo tem um papel de moderador auxiliando na modificação das práticas.

A seguinte tabela retrata as modalidades da IA, tendo em conta os objetivos de cada uma, o papel do investigador, o tipo de conhecimento que proporciona, as formas de ação e o nível de participação.

Quadro IV - Modalidades da IA (In Coutinho et al., 2009, p.364)

| Modalidades                    | Objetivos                                 | Papel do investigador  | Tipo de conhecimento que geram | Formas de ação | Nível de participação |
|--------------------------------|---|--|--------------------------------|----------------|-----------------------|
| <b>Técnica</b>                 | Melhorar as ações e a eficácia do sistema | Especialista externo   | Técnico/<br>Explicativo        | Sobre a ação   | Cooptação             |
| <b>Prática</b>                 | Compreender a realidade                   | Papel socrático (favorecer a participação e a autorreflexão) | Prático                        | Para a ação    | Cooperação            |
| <b>Emancipatória (crítica)</b> | Participar na transformação social        | Moderador do processo  | Emancipatório                  | Pela ação      | Colaboração           |

#### 4.5 MODELOS E FASES DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Coutinho et al. (2009) refere que na IA podemos observar várias etapas que avançam e se desenvolvem de forma cíclica, através de um movimento circular, dando início a novos ciclos e, simultaneamente, a novas experiências de ação reflexiva, com o objetivo de alcançar melhores resultados, isto é, existem quatro momentos no processo de investigação, dos quais o primeiro corresponde à planificação, o segundo à ação, o terceiro à observação (avaliação) e o quarto à reflexão (teorização) e, assim, sucessivamente, como podemos observar na figura que se segue.

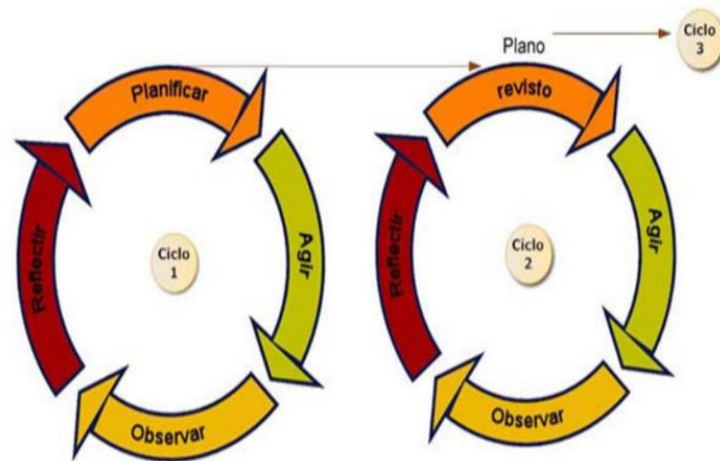


Figura 3 - Espiral de ciclos da IA (Coutinho et al., 2009, p.366)

#### 4.5.1 MODELO DE KURT LEWIN

Kurt Lewin, considerado por alguns como pai da investigação-ação, partindo da concepção anterior “dos “ciclos de ação reflexiva”, em que cada ciclo se compõe de três fases nucleares – planificação, ação e avaliação da ação – defende que uma investigação parte sempre de uma “ideia geral”, parte de um problema ou assunto de elevada importância que carece de um plano de ação, analisando o potencial e limitações do mesmo, de modo a iniciar a ação e chegar aos primeiros resultados. Após esta etapa, o investigador revê o plano inicial e, tendo em conta os dados, retifica-o e faz uma nova planificação, mantendo sempre a base e seguindo sempre as mesmas etapas.

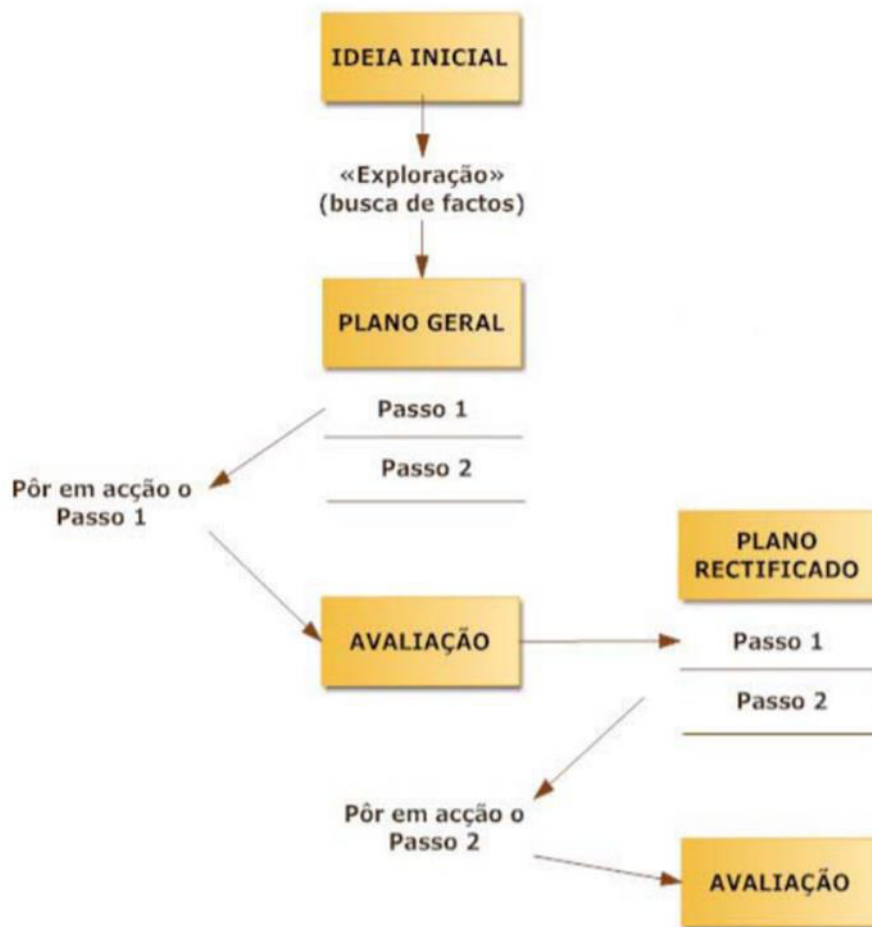


Figura 4 - Modelo de Investigação-Ação de Lewin (1946) (in Coutinho et. Al. 2009, p. 368)

#### 4.5.2 MODELO DE KEMMIS

A IA apresenta diferentes formas de ser trabalhada e desenvolvida, em função dos contextos em que ocorre. De acordo com as necessidades e problemas encontrados no contexto de estágio, a IA será utilizada como uma estratégia de aprendizagem e como gestão e controle, de forma a que se consiga introduzir técnicas para alcançar um estilo de disciplina singular e modificar os comportamentos dos alunos, indo ao encontro das normas, regras e posturas definidas pela escola a partir do envolvimento direto dos alunos.

Neste seguimento, é pertinente adotar o carácter cíclico da IA de acordo com a perspetiva e o modelo de Kemmis (1988), o qual está mais direccionado para o contexto educativo. Stephen Kemmis (1989), também se baseou no modelo espiral de ciclos da IA e no modelo de Kurt Lewin para configurar o seu método, no qual todo o processo assenta em duas vertentes: a estratégica, onde a ação e a reflexão são os pontos principais; e a organizativa, que retrata a planificação e a observação, que

interagem permanentemente, contribuindo para a resolução de problemas e para a compreensão das ações. Deste modo, o modelo de Kemmis engloba quatro etapas: planificação, ação, observação e reflexão, implicando cada uma delas, concomitantemente, uma revisão de modo a criar uma espiral autorreflexiva de conhecimento e ação.

Assim como noutros modelos, o movimento espiral também está presente no modelo de Kemmis, com o objetivo de explicar as quatro fases do processo de uma investigação-ação: a planificação - desenvolve um plano de ação baseado numa informação crítica, com o intuito de melhorar a situação; a ação - estipula um consenso para colocar o plano em prática; a observação - observa os efeitos da ação, contextualizando-os; e a reflexão, reflete sobre os resultados, que servem como ponto de partida para nova planificação e, assim, dar início a um novo ciclo em espiral.

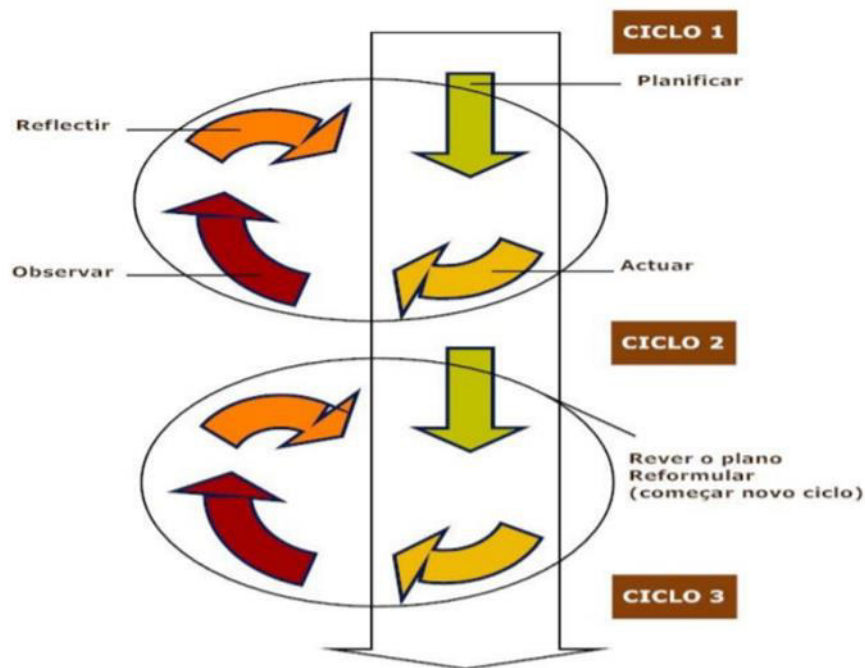


Figura 5 - Os momentos da IA de Kemmis, 1989 (In Coutinho et. al. 2009, p. 369)

Concluindo, baseamo-nos em Kemmis para o nosso projeto de intervenção mobilizando as fases do modelo (a planificação, a ação, a observação e a reflexão) para as dinâmicas realizadas ao longo estágio, sendo que cada uma delas encerra um novo ciclo, resultante dos reajustes do ciclo anterior.



## 4.6 O INÍCIO DE UM NOVO DESAFIO

### 4.6.1 AVALIAÇÃO INICIAL: DO PAPEL PARA A SALA DE AULA

Ao iniciar este desafio acadêmico, na chegada ao contexto, prevaleciam as incertezas, os receios e as dúvidas, sendo que a única certeza existente era de que seria neste agrupamento que iríamos formular e solidificar o nosso projeto de estágio, o qual, ainda por definir, parecia muito complexo. Contudo, através do diagnóstico de necessidades começaram a ser perceptíveis os aspectos que careciam de atenção e de ação e, assim, foi possível perceber também que era necessário criar um projeto novo e diferente, até ao momento, que trabalhasse assuntos e controvérsias que eram frequentes, ou seja, desenvolver um trabalho promotor de algumas capacidades, a vários níveis, ainda em falta, no Agrupamento de Escolas Azul.

Com o seguimento do diagnóstico de necessidades, como foi relatado no capítulo I, ficamos a par de todos os projetos e trabalhos a decorrer e já realizados que operaram parcialmente em aspectos comuns à mediação. Este aspeto fez crescer a vontade e a necessidade de criar e desenvolver algo relevante para o agrupamento, que fosse um complemento às atividades e projetos já abordados e também algo vantajoso e útil no futuro do agrupamento. Tínhamos como objetivo, por um lado, solucionar os problemas e as necessidades diagnosticadas e, paralelamente, potenciar e estimular algumas competências essenciais ao ser humano e inerentes à mediação. Tínhamos, portanto, a oportunidade de encontrar e formular uma ideia sustentável e um tanto diferente e inovadora, a qual deveria ser encarada como uma missão. Surgiu, então, a ideia de selecionar a turma de alunos com maiores desafios e realizar com ela atividades e dinâmicas construtoras e geradoras de espaços de mediação e competências pessoais e sociais com o intuito de promover o bem-estar e a convivência saudável em contexto escolar.

Maioritariamente todo o conteúdo do processo de estágio foi conseguido dentro de uma sala de aula. Quando chegamos à sala de aula, a pensar que estávamos preparadas para dar início à primeira atividade e intervenção do projeto, logo percebemos que a tarefa de pôr em prática a dinâmica exigia muito mais capacidade do que simplesmente planeá-la e escrevê-la num papel. Então percebemos que era o momento de começar a por em prática tudo o que aprendemos e que este projeto merecia toda a nossa atenção, dedicação, empenho e foco.

Todas as dinâmicas realizadas na sala de aula eram preparadas e estruturadas, detalhadamente, conforme a necessidade mais urgente nos alunos. Deste modo, o conjunto total das 15 sessões, cada uma com atividades específicas, foi organizado em calendário, como é possível observar no quadro II no capítulo I, no ponto “Objetivos da proposta de intervenção”.

Quadro V - Objetivos, conteúdos, recursos e avaliação das atividades realizadas no conjunto das 15 sessões.

| <b>Sessão 1 - “Apresentação do projeto e dos participantes”</b>   |   |   |  |
|---|---|---|--|
| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do projeto e respectivos objetivos;</li> <li>- Desenvolver a comunicação;</li> <li>- Promover o conhecimento mútuo;</li> <li>- Promover a escuta- ativa;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dinâmica de apresentação;</li> <li>- Debate sobre dificuldades sentidas pelos alunos;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala de aula com mesas e cadeiras;</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação participante;</li> </ul> |
| <b>Sessão 2 - “Momento de liberdade”</b>  |   |   |  |
| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a capacidade de reflexão;</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escrita de uma narrativa individual;</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala de aula com mesas e cadeiras;</li> <li>- Papel e caneta;</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reflexões escritas;</li> </ul>      |
| <b>Sessão 3 – “Mediação para todos”</b>   |   |   |  |
| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer e sensibilizar para a mediação;</li> <li>- Desenvolver a escuta ativa;</li> <li>- Criar motivação;</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A mediação (conceito e princípios);</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala de aula com mesas e cadeiras;</li> <li>- Computador;</li> <li>- Projetor;</li> <li>- PowerPoint;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação participante;</li> </ul> |
| <b>Sessão 4 – “O Melhor está por vir”</b>   |   |   |  |
| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>   |

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir sobre as melhorias de comportamento;</li> <li>- Desenvolver a capacidade de análise e autoanálise;</li> <li>- Promover a criação de soluções;</li> </ul>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mau comportamento, desrespeito e irresponsabilidade;</li> </ul>                                | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala de aula com mesas e cadeiras;</li> <li>- Texto auxiliar;</li> <li>- Papel e caneta;</li> </ul>                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação participante;</li> </ul>  |
| <b>Sessão 5 - “A construção de um futuro melhor – Parte I”</b>  |   |   |   |
| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construir soluções geradoras de boas práticas;</li> <li>- Desenvolver o espírito crítico;</li> <li>- Criar responsabilidade;</li> <li>- Promover interação;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Bom comportamento <i>versus</i> mau comportamento;</li> </ul>                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala de aula com mesas e cadeiras;</li> <li>- Computador;</li> <li>- Internet;</li> <li>- Papel, caneta e marcadores;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação participante</li> </ul>   |
| <b>Sessão 6 - “A construção de um futuro melhor – Parte II”</b>   |   |   |   |
| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construir soluções geradoras de boas práticas;</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Bom comportamento <i>versus</i> mau comportamento;</li> <li>- Avaliação intermédia;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sala de aula com mesas e cadeiras;</li> <li>- Computador;</li> <li>- Internet;</li> <li>- Papel, caneta e marcadores;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação participante;</li> <li>- Grelha de avaliação das atividades;</li> </ul> |
| <b>Sessão 7 - “A construção de um futuro melhor – Parte III”</b>  |   |   |   |
| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>  |

|  |   |   |                            |
|--|---|---|----------------------------|
| - Construir soluções geradoras de boas práticas;<br><br>- Criar entreajuda e empatia;<br><br>- Promover a interação; | - Mediação;<br><br>- Bom comportamento <i>versus</i> mau comportamento; | - Sala de aula com mesas e cadeiras;<br><br>- Computador;<br><br>- Internet;<br><br>- Papel, caneta, lápis de cor e marcadores; | - Observação participante; |
|--|---|---|----------------------------|

**Sessão 8 – “A nossa melhor versão”**

| <b>Objetivos</b>   | <b>Conteúdos</b>                        | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>          |
|--|---|---|---------------------------|
| - Construir ferramentas de sensibilização para a mediação e bons comportamentos; | - Mediação;<br><br>- Bom comportamento; | - Sala de aula com mesas e cadeiras;<br><br>- Computador;<br><br>- Internet;<br><br>- Papel, caneta, lápis de cor e marcadores; | - Observação participante |

**Sessão 9 – “A mediação faz a boa ação”**

| <b>Objetivos</b>   | <b>Conteúdos</b>                        | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>          |
|--|---|---|---------------------------|
| - Construir ferramentas de sensibilização para a mediação e bons comportamentos; | - Mediação;<br><br>- Bom comportamento; | - Sala de aula com mesas e cadeiras;<br><br>- Computador;<br><br>- Internet;<br><br>- Papel, caneta, lápis de cor e marcadores; | - Observação participante |

**Sessão 10 – “Momento de reflexão”**

| <b>Objetivos</b>   | <b>Conteúdos</b>                   | <b>Recursos</b>                      | <b>Avaliação</b>          |
|--|------------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|
| - Promover a reflexão, autorreflexão e espírito crítico; | - Texto reflexivo sobre más ações; | - Sala de aula com mesas e cadeiras; | - Observação participante |

|                                     |  |  |  |
|-------------------------------------|--|--|--|
| - Criar empatia e debate de ideias; |  | - Texto auxiliar;<br><br>- Papel e caneta; |  |
|-------------------------------------|--|--|--|

**Sessão 11 – “A mediação enriquece-nos”**

| <b>Objetivos</b>   | <b>Conteúdos</b>                                       | <b>Recursos</b>  | <b>Avaliação</b>   |
|--|--|--|--|
| - Alertar para os problemas existentes;<br><br>- Promover a reflexão;<br><br>- Criar estratégias e soluções resolutivas; | - Questionário;<br><br>- Preparação do trabalho final; | - Sala de aula com mesas e cadeiras;<br><br>- Papel e caneta;<br><br>- Computador; | - Inquérito por questionário;<br><br>- Observação participante |

**Sessão 12 – “Momento de partilha de emoções”**

| <b>Objetivos</b>  | <b>Conteúdos</b>                       | <b>Recursos</b>   | <b>Avaliação</b>          |
|---|--|---|---------------------------|
| - Gerar empatia;<br><br>- Partilhar boa energia;<br><br>- Criar interação;<br><br>- Promover o diálogo;<br><br>- Desenvolver a capacidade de comunicação; | - Reações e ações a gestos de carinho; | - Sala de aula com mesas e cadeiras;<br><br>- Cartões de papel com frases;<br><br>- Fita cola;<br><br>- Sala ampla; | - Observação participante |

**Sessão 13 – “Comunicar é que está a dar”**

| <b>Objetivos</b>                            | <b>Conteúdos</b>  | <b>Recursos</b>                      | <b>Avaliação</b>          |
|---|---|--------------------------------------|---------------------------|
| - Desenvolver a capacidade de improvisação; | - Temas variados (Ex: desporto; animais; música e etc.) | - Sala de aula com mesas e cadeiras; | - Observação participante |

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
| - Desenvolver a capacidade de comunicação;   |  | - Folhas de papel e caneta;  |   |
| <b>Sessão 14 – “A mediação faz a diferença”</b>  |  |  |   |
| <b>Objetivos</b>   | <b>Conteúdos</b>   | <b>Recursos</b>  | <b>Avaliação</b>  |
| - Criar empatia e bem-estar;<br><br>- Promover a relação saudável;   | - Partilha de mensagens positivas e elogios;   | - Sala de aula com mesas e cadeiras;<br><br>- Folhas de papel e canetas;             | - Observação participante   |
| <b>Sessão 15 – “Ser mais e melhor”</b>   |  |  |   |
| <b>Objetivos</b>   | <b>Conteúdos</b>   | <b>Recursos</b>  | <b>Avaliação</b>  |
| - Reflexão geral sobre as atividades realizadas durante o ano letivo;<br><br>- Reconhecimento das aprendizagens conseguidas; | - Resumo das dificuldades sentidas e das aprendizagens conseguidas;<br><br>- Avaliação final;<br><br>- Apresentação do trabalho final; | - Átrio da escola;<br><br>- Computador;<br><br>- Videoprojetor;<br><br>- PowerPoint; | - Observação participante;<br><br>- Grelha de avaliação das atividades; |

Em simultâneo, foi-nos permitido chegar aos restantes alunos, professores, funcionários e todos os agentes escolares, através do público-alvo que escolhemos. Ou seja, por intermédio das atividades realizadas, com uma das turmas da escola, conseguimos chegar a todo o contexto escolar e, assim, alargar o nosso espaço mediador. Este trabalho consistiu na criação e construção de instrumentos que fossem via de informação e transmissão de mensagens de alerta para os assuntos e temas em desenvolvimento. São exemplo destes instrumentos os panfletos, cartazes, vídeos e trabalhos em PowerPoint, com conteúdo relativo à mediação e a todas as competências desenvolvidas no decorrer do projeto. Existiu, portanto, a intenção e vontade de ir sempre mais além do que parecia ser um limite.

De um modo geral, toda a calendarização, bem como as respetivas atividades e os seus conteúdos, foram recebidos e aceites com positividade e entusiasmo, tanto pela turma, como por toda a comunidade escolar. Existiu sempre um elevado interesse, empenho, dedicação e

compreensão, por parte de todos, na preparação, realização e aceitação das dinâmicas. O desenvolvimento, crescimento e melhoria, no âmbito da mediação a que nos propusemos, passou a ser um objetivo comum. Cresceu um sentimento de gratidão ao ver que, ao mesmo tempo que trouxemos um projeto tão novo e tão diferente para o AEA, conseguimos tornar perceptível a necessidade e importância do seu desenvolvimento. Assim, com as devidas correções e ajustes, foi possível realizar o plano de atividades com sucesso obtendo resultados, ainda que em pequena escala, positivos e com possibilidade de crescimento no futuro.

#### 4.6.2 TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS

Uma investigação realizada segundo a metodologia de Investigação-Ação fundamenta-se em formas e técnicas de recolha de informação, que o investigador adota para reunir informações sobre a sua intervenção. Neste sentido, existe um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha de dados que, segundo Latorre (2003), se dividem em três categorias: a primeira são as técnicas baseadas na observação, que se centram na visão do investigador, e na observação direta do fenómeno em estudo. São exemplo dessas técnicas, a observação participante, as notas de campo, o diário do investigador, os memorandos analíticos, e as escalas de medida; a segunda categoria são as técnicas baseadas na conversação, que se centram no ponto de vista dos envolvidos (participantes) e dizem respeito aos ambientes de diálogo e interação. São exemplo dessas técnicas o questionário, a entrevista e os grupos de discussão; e, por último, a terceira categoria é a análise de documentos, que está também centrada na visão do investigador e direciona-se para a pesquisa e leitura de documentos, sendo estes uma boa fonte de informação. Esta análise pode ser feita através de documentos oficiais, documentos pessoais, e através de Meios Audiovisuais como a fotografia, o vídeo e a gravação de áudio.

No quadro seguinte observamos técnicas e instrumentos que podem ainda classificar-se da seguinte forma:

| <b>INSTRUMENTOS</b><br>(lápiz e papel)   | <b>ESTRATÉGIAS</b><br>(interactivas)  | <b>MEIOS</b><br><b>AUDIO-VISUAIS</b>  |
|--|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Testes</li> <li>✓ Escalas</li> <li>✓ Questionários</li> <li>✓ Observação sistemática</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Entrevista</li> <li>✓ Observação participante</li> <li>✓ Análise documental</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Vídeo</li> <li>✓ Fotografia</li> <li>✓ Gravação áudio</li> <li>✓ Diapositivos</li> </ul> |

Figura 6 - Técnicas e Instrumentos de Investigação-Ação (In Coutinho et al. 2009, p.373)

Segundo Coutinho et al. (2009), as técnicas baseadas na observação são: a observação participante, que permite ao investigador compreender determinado caso com detalhe, através de uma observação direta; as notas de campo, utilizadas em estudos de caso das práticas educativas, enquadram-se na metodologia qualitativa e permitem ao investigador uma versatilidade na improvisação; o diário do investigador, que permite ao investigador a melhoria das duas práticas e valores, bem como o desenvolvimento de seu pensamento crítico, através da técnica de narrativa característica do diário que recolhe observações, reflexões, opiniões, interpretações, ocorrências e etc.; os memorandos analíticos são um instrumento de carácter mais pessoal que permitem ao investigador analisar os dados e informações obtidos, fazendo-o refletir no decorrer do processo investigativo; por fim, as escalas de medida, muito utilizadas na área de desenvolvimento pessoal e social, permitem ao investigador determinar o grau ou intensidade de alguns comportamentos, atitudes e valores no público-alvo.

Ainda sobre a mesma perspectiva, as técnicas de investigação baseadas na conversação são as seguintes: o questionário, que é um instrumento muito abrangente nas ciências sociais e realiza-se através de um conjunto de questões sobre um determinado tema ou assunto em estudo, com a finalidade de obter respostas que permitam analisar e qualificar o resultado de uma intervenção; a entrevista, uma das estratégias mais requisitadas na Investigação-ação, que serve de complemento à observação, e consegue dados como os aspetos subjetivos das pessoas (crenças, opiniões, conhecimentos, atitudes etc.); os grupos de discussão ou focus group que, através da interação e da troca de experiências e pontos de vista, permitem preencher os espaços deixados pela entrevista individual.

Para somar às técnicas de observação e conversação Coutinho et. al. (2009) refere também a análise de documentos que se divide em documentos pessoais, que podem ser “documentos naturais, quando são da iniciativa da própria pessoa e em que o propósito do seu autor não coincide com o objetivo do investigador, e em documentos sugeridos pelo investigador, em que este, no caso do professor, solicita ao investigado, o aluno, que escreva sobre as suas experiências pessoais” (Coutinho et. al., 2009) onde o investigador dá crucial importância às histórias de vida e às narrativas biográficas; e em documentos oficiais que são importantes no sentido em que contêm informações importantes, sendo exemplos destes documentos os “artigos de jornais e revistas, registos de



organismos públicos, legislação, horários, atas de reuniões, planificações, registos de avaliação, ofícios, manuais, fichas de trabalho, enunciados de exames, etc.” (Coutinho et. al., 2009).

Relativamente ao presente projeto de estágio, no que concerne à investigação-ação, foi proveitoso utilizar instrumentos de recolha de dados que agregassem as perspetivas tanto do investigador como dos participantes. A proposta de plano de tratamento e análise de dados deve ser a mais ajustada à metodologia de intervenção e aos interesses e motivações dos participantes. Deste modo, foi necessário recorrer a técnicas como o diário de bordo do investigador, as notas de campo, a observação participante, os questionários e as entrevistas.

Assim, das técnicas de investigação já referidas anteriormente, foi pertinente fazer uso de técnicas de cariz qualitativo (para interpretar o sentido das informações e dados recolhidos), como a observação participante (direta), o diário de bordo do investigador, as notas de campo, as entrevistas, e a narrativas. Por outro lado, relativamente às técnicas de cariz quantitativo (para comparar o volume de informações e dados recolhidos), demos especial importância ao inquérito por questionário.

#### **4.6.3 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DO PROJETO**

Neste ponto, tencionamos explicar os instrumentos utilizados na avaliação do projeto, podendo, assim, refletir, analisar e avaliar as práticas desenvolvidas. No decorrer do estágio, dois dos instrumentos imprescindíveis foram o diário de bordo e as notas de campo, na medida em que facilitaram a reflexão das dinâmicas realizadas e auxiliaram na organização e construção das dinâmicas seguintes. As notas de campo (anexo I) permitiram reunir os comentários e reflexões de cada sessão e o diário de bordo (anexo II) igualmente em cada sessão. Ambos os instrumentos de recolha de dados seguiram um modelo estruturado por nós, estudantes do Mestrado em Mediação Educacional, num trabalho de grupo realizado numa das unidades curriculares. Estas técnicas de recolha de dados permitiram avaliar um conjunto de parâmetros a ter em conta à luz das necessidades do contexto.

Como já havíamos referido, o plano de atividades inicial, foi sendo ajustado e reestruturado ao longo do estágio sempre com o intuito de trazer melhorias e maiores benefícios para o público-alvo.

Outra forma de obter informação sobre a realidade vivida pelos alunos foi através das narrativas, onde os alunos tinham a possibilidade de escrever e falar livremente sobre determinado assunto, desde que referissem uma situação positiva e uma situação negativa, e através do inquérito por questionário (anexo III) tínhamos o objetivo de perceber os problemas dos alunos, individualmente e em grupo turma.

Por último, é pertinente referir a grelha de avaliação (anexo IV) das atividades, estruturada de modo a tornar perceptível a opinião e reação dos alunos face às dinâmicas realizadas.

#### **4.6.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS**

Nesta secção identificamos as etapas percorridas e os passos desenvolvidos na análise dos dados ao longo do projeto. Num primeiro momento começamos por conhecer a instituição e chegar mais perto das pessoas responsáveis e influentes, de modo a conseguir um bom entendimento sobre todos os aspetos, dinâmicas e recursos do agrupamento. Paralelamente, foi-nos permitida a presença em algumas aulas a fim de fazer uma observação participante e em reuniões semanais de professores onde pudemos assistir à discussão dos problemas mais recorrentes e conhecer novas opiniões e perspetivas.

Ao longo das atividades existiu o cuidado de adaptar cada uma delas ao momento que se estava a viver, isto é, as atividades eram semanalmente adaptadas conforme os acontecimentos e comportamentos dos alunos. Paralelamente, foram realizadas entrevistas/conversas informais com a acompanhante e uma das professoras responsáveis pela turma, de modo a verificar o efeito das atividades e a ajustá-las da forma considerada mais vantajosa.

No que respeita à análise efetuada a partir das entrevistas/conversas informais realizadas e à observação participante (direta) nas reuniões semanais em que participámos, seguimos a abordagem qualitativa, mas também quantitativa, isto é, fizemos uma análise de conteúdo e, ao mesmo tempo, tivemos em atenção as dificuldades e problemas apontados em cada testemunho, bem como ao número de vezes que eram referidos. Paralelamente, no decorrer das atividades, com a recolha de dados realizada através do diário de bordo e das notas de campo, efetuamos novamente uma análise de conteúdo. Neste seguimento, relativamente à técnica da narrativa, efetuámos a análise de conteúdo e a análise por frequência, de modo a contabilizar os aspetos e termos que se repetiam constantemente.

Mais tarde, na parte final do estágio, depois de já realizadas a maioria das atividades e de interiorizado e dinamizado o tema da Mediação, elaborámos um questionário direcionado aos alunos de modo a perceber a experiência de cada um com o conflito e a postura ou método que cada um deles adotariam para resolvê-lo. O inquérito por questionário requereu uma análise por frequência, recorrendo às ferramentas do *Excel* e *Word*, através da expressão em gráfico das respostas dos alunos e da respetiva frequência de cada uma.

A adoção destas técnicas de análise de dados e da metodologia utilizada permitiu-nos obter resposta a questões relevantes que ainda não estavam documentadas nem tinham sido objeto de estudo e possibilitou também entrar em contacto direto com a fonte de informação, isto é, criamos momentos de proximidade com o público-alvo.

O inquérito por questionário, bem como as dinâmicas realizadas no decorrer do estágio, foram elaborados por nós, com o conhecimento e supervisão da acompanhante de estágio, sendo, posteriormente, enviados para análise e validação à orientadora de estágio.

O diário de bordo, as notas de campo, bem como as entrevistas informais e as narrativas foram métodos de recolha de dados aprendidos durante o mestrado e que adotámos e adaptámos como técnicas de investigação, dando-nos um ponto de vista qualitativo. É importante referir que o diário de bordo foi um companheiro indispensável que nos mantinha sempre conscientes do caminho que devíamos seguir e dos aspetos a melhorar e a ter em atenção a cada sessão/atividade. As notas de campo permitiram reunir todas as informações relevantes anotadas a cada momento. As entrevistas deram-nos a oportunidade de conhecer as opiniões dos docentes relativamente ao impacto das dinâmicas nos alunos. E, por fim, as narrativas, foram, sem dúvida, o momento de maior liberdade de escrita do público-alvo. Todos estes instrumentos foram objeto de uma análise qualitativa.

Nesta perspetiva, a análise do conteúdo foi útil no entendimento e compreensão das informações recolhidas através do questionário e, assim, foi possível conseguir uma síntese e sistematização dos resultados. Ao mesmo tempo que o questionário nos dava a certeza das carências encontradas através da observação participante, fomos comparando as respostas, conseguindo enumerar aspetos comuns nos alunos e, assim, decidir quais os principais pontos de intervenção.

Por intermédio da análise que realizámos dos resultados obtidos, foi-nos permitido concluir as potencialidades e benefícios das atividades e dinâmicas implementadas, as quais foram sendo desenvolvidas de modo a corresponder aos resultados da análise de conteúdo e de frequência, e, por consequência, conseguimos meios para melhorá-las e torná-las mais impactantes no decorrer de cada atividade e no futuro. Todas estas técnicas definem um fio condutor que nos conduz para o rigor que é imprescindível durante um processo de investigação-ação. Desta forma é exequível um trabalho que potencie e promova o desenvolvimento e crescimento dos alunos.

#### **4.6.5 RECURSOS MOBILIZADOS E LIMITAÇÕES**

O desejo, a vontade e o objetivo de conseguir atingir uma mudança e melhoria com o projeto nem sempre passaram pelo facilitismo, ainda mais quando falamos de poucos meses de estágio e de muitos parâmetros a abordar e tarefas a desenvolver. Não podemos chegar ao contexto de intervenção com a ideia de que iremos mudar e fazer transformações significativas do dia para a noite ou apenas em pouco tempo de trabalho.

Quando iniciámos o diagnóstico de necessidades percebemos que o trabalho a realizar no estágio passaria, em grande parte, por estudar os comportamentos e as competências dos alunos, posteriormente, melhorando e desenvolvendo-os através de um conjunto de dinâmicas adequadas às necessidades encontradas. É neste momento que vemos a oportunidade de ajudarmos um público-alvo com necessidades específicas e criarmos e desenvolvermos um projeto útil não só para ele, mas para todos os contextos escolares, com o objetivo de, futuramente, tornarmos a mediação numa experiência comum no dia-a-dia das escolas e num espaço de mais aprendizagem, maior desenvolvimento e sucesso.

Existiram limitações na medida em que as dinâmicas definidas pelo plano de atividades coincidiam com atividades extracurriculares já definidas pelo agrupamento. Neste sentido tivemos de reduzir o número de atividades inicialmente apresentado no Plano de Atividades. Felizmente, o AEA tem um vasto programa de atividades que preenche quase na totalidade o horário dos alunos, pelo que aferimos que não seria benéfico sobrecarregá-los e aumentar a carga horária. Infelizmente, para nós o tempo não foi suficiente para o desenrolar de todas as tarefas e, assim, conseguimos um melhor resultado e coesão no projeto. Contudo, o tempo cedido para a realização do plano de atividades

possibilitou a consecução das atividades consideradas mais relevantes para o momento, sendo que as mesmas aconteceram da melhor forma.

No que diz respeito aos recursos materiais, não houve qualquer limitação ou entrave, antes pelo contrário, existiu total apoio, compreensão e disponibilidade do AEA na cedência dos espaços e materiais necessários às atividades. Durante o projeto dispusemos e usámos várias salas, com diferentes dimensões e condições, dependendo da atividade, utilizámos ferramentas como o computador, videoprojetor, telemóvel, quadro branco e interativo, material de escrita, marcadores e papel, mesas e cadeiras. Para além destes recursos, tivemos também o apoio de duas docentes, sendo uma delas a acompanhante de estágio, que cooperaram e ajudaram, principalmente, na fase inicial, de modo a garantir que as atividades decorressem da melhor forma possível.

## V. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Neste capítulo, faz-se a apresentação e análise dos dados de acordo com os objetivos estabelecidos do projeto de intervenção, que implica uma vertente prática, isto é, definem-se as atividades que foram desenvolvidas ao longo do estágio, bem como o processo de avaliação e, por fim, mostram-se os resultados obtidos.

A finalidade do projeto desenvolvido visava principalmente educar para a mediação e construir espaços de mediação no contexto através do recurso à mediação socioeducativa. Deste modo, no diagnóstico de necessidades, percebemos que era essencial avançar com a preparação e realização de atividades apropriadas à construção da Educação para a mediação, capaz de questionar os hábitos inadequados adotados pelos alunos em contexto de escola, permitindo, assim, a promoção de hábitos, normas e posturas geradoras de bem-estar no ambiente escolar. Assim, todo o trabalho realizado teve como principal foco os alunos participantes no projeto e os seus comportamentos, porém, com o intuito de chegar e consciencializar toda a comunidade escolar.

Os dados recolhidos pelas técnicas de investigação quantitativas foram produzidos em quadros e gráficos através da ferramenta *Excel* e *Word*, que permitiram ilustrar a análise efetuada em vários momentos do processo de investigação. Por outro lado, as técnicas de cunho mais qualitativo possibilitaram uma análise mais aprofundada e abrangente dos temas que nos pareceram imprescindíveis perante o desenvolvimento das atividades e a problemática em estudo.

### 5.1 ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ESTÁGIO

Nesta intervenção, que ocorreu em articulação com o PPIP, pretendia-se proporcionar a todos os envolvidos o conhecimento da mediação e do conflito em contexto escolar. Paralelamente, e como principal enfoque, proporcionámos aos alunos o desenvolvimento de capacidades pessoais e sociais abaixo mencionadas, através de atividades e dinâmicas realizadas individualmente, em pequeno e grande grupo.

Para dar início às atividades definidas no plano de atividades começámos por criar um espaço apropriado às atividades, aos alunos e às suas necessidades. Foi então que nasceu o “EDUCA-TE”, uma sala de aula restrita, onde apenas a turma de vinte alunos selecionada para o projeto de

intervenção comparecia. Esta sala reunia todas as condições e materiais necessários para o desenvolvimento do plano de atividades, que funcionou do dia 09-01-2019 ao dia 14-06-2019.

No “EDUCA-TE”, encontrávamo-nos semanalmente com os alunos, num período de cinquenta minutos, que aproveitávamos para a realização de várias dinâmicas individuais e em pequeno e grande grupo, adequadas aos objetivos do projeto e às necessidades do público-alvo. Estes nove meses, desde o início ao término do estágio, resultaram num conjunto de quinze sessões juntamente com os alunos e previamente preparadas, ajustadas e discutidas com a acompanhante de estágio onde foram abordados temas como a Mediação (o que é, como se processa, em que campos/contextos atua e os seus princípios), competências pessoais e sociais e capacidades inerentes aos alunos (responsabilidade, motivação, empatia, compreensão, cooperação, comunicação, diálogo, interação e etc.), bem como temas presentes na vivência escolar dos alunos, oportunos e do interesse dos participantes, tais como os comportamentos adequados e inadequados dentro e fora da sala de aula, o respeito por todos os agentes que compõem a comunidade escolar, etc. Todas as sessões adotaram um cariz prático, através de vários métodos, dinâmicas e exercícios, os quais se ajustavam e identificavam com o tema em questão.

A regra principal do “EDUCA-TE” passava por não dar espaço nem tempo a manifestações de comportamentos inadequados, nem a nenhum dos problemas e conflitos presenciados e sentidos até ao momento, sendo este apenas um espaço de convívio saudável, de partilha de conhecimentos, de aprendizagem, de crescimento, de desenvolvimento e de construção de um futuro melhor.

Deste modo, é conveniente definir individualmente cada sessão, dando a conhecer os seus objetivos, desenvolvimento e respetivo resultado. Porém, antes de mais, é importante referir a alteração positiva do comportamento dos alunos logo desde a primeira sessão.

Antes de iniciarmos cada sessão era feito um breve enquadramento de toda a sessão, definíamos os objetivos, dávamos um nome à sessão e explicávamos todos os conteúdos que iriam ser abordados.

Segue-se, então, a apresentação de cada sessão, com os respetivos objetivos, processo e resultados. Mais resultados poderão ver-se mais abaixo exposto, nos gráficos 3 a 9, que correspondem às respostas ao inquérito por questionário e nos quadros VII, VIII, IX, X e XI os

resultados de atividades/técnicas como as narrativas, entrevistas, avaliações e alguns comentários e expressões dos alunos recolhidos durante as dinâmicas.

- **Sessão 1**- “Apresentação do projeto e dos participantes”

Objetivos: Apresentar o projeto e os seus objetivos; desenvolver a comunicação nos participantes; promover o conhecimento mútuo entre os participantes; promover a escuta ativa;

Como se procedeu: Inicialmente demos a conhecer o projeto, a sua finalidade, os seus objetivos e os intervenientes. De seguida, cada aluno, individualmente, apresentou-se ao grupo em voz alta, respeitando alguns itens a mencionar (o nome, idade, de onde vêm, hobbies, algo que não gostam de fazer etc.). De seguida, desenvolveu-se um pequeno debate sobre aspetos e necessidades onde a mediação podia atuar e, juntamente, decidimos alguns temas que necessitavam de resolução urgentemente.

Resultado: Inicialmente, sentiu-se empolgação, ansiedade, ânimo e interesse por parte dos participantes, uma vez que estavam perante algo e alguém novo.

Todos os alunos cumpriram os objetivos do exercício de apresentação, ou seja, todos participaram e mencionaram os itens pretendidos.

Apesar de algum ruído, inquietação e conversa de fundo, de um modo geral, o exercício decorreu pacificamente, mostrou-se uma ferramenta útil para o conhecimento mútuo dos alunos, e foi oportuno para que cada aluno se expressasse e falasse por si sobre quem é e sobre os seus gostos pessoais. Para além disso, notou-se que a maioria dos alunos teve o cuidado e a atenção de se preparar para a sua apresentação. Estavam ansiosos pelo seu momento, bem como um pouco receosos de não se apresentarem corretamente.

Concluindo, foi perceptível a alegria dos participantes ao estarem a iniciar dinâmicas e um tema diferente de tudo o que estavam habituados e, desta forma, fizeram crer que algo novo no seu quotidiano pode suscitar a mudança e promover a adoção de uma postura diferente daquela observada durante o período de diagnóstico de necessidades.

- **Sessão 2** – “Momento de liberdade”



Objetivos: Promover a capacidade de reflexão dos alunos;

Como se procedeu: Nesta segunda sessão os alunos tiveram a oportunidade de escreverem livremente uma narrativa pessoal sobre uma situação positiva e uma situação negativa, presenciada por cada um em contexto escolar.

Resultado: Através desta narrativa podemos perceber que existem situações que acontecem e não damos conta da sua dimensão e das suas consequências. Por isso, entendemos que este momento de escrita livre foi importante para se perceberem alguns comportamentos dos alunos face aos variados acontecimentos identificados.

- **Sessão 3** – “Mediação para todos”

Objetivos: dar a conhecer a mediação e os seus conceitos mais importantes; sensibilizar para a mediação; desenvolver a escuta ativa; criar motivação;

Como se procedeu: a sessão denominada por “Mediação para todos” foi diferente de todas as outras, pois teve um carácter mais teórico, isto é, como o próprio nome sugere, fez chegar a todos os participantes na sessão aquilo que a mediação realmente é e como atua no contexto educativo, através de uma apresentação de imagens ilustrativas da mediação e de citações de textos e obras que descrevem a opinião de autores que partilham ideias e ideais relativamente da mediação em geral e todos os âmbitos.

Resultado: durante o decorrer da sessão foi notório o interesse, por parte dos alunos pelo assunto da mediação, sendo que, para além dos conceitos básicos e dos princípios que estavam previstos para a apresentação do tema, fomos mais longe no processo de mediação sendo necessário acrescentar aspetos como os campos da mediação, o papel do mediador e a descrição de uma sessão de mediação real.

Os alunos mostraram muita vontade de conhecer mais sobre a mediação e sobre o que ela lhes podia dar e proporcionar no futuro e também estavam frequentemente a esclarecer dúvidas sobre conceitos que desconheciam totalmente, mas que passaram a usar.

- **Sessão 4** – “O melhor está por vir”

Um dos problemas que os alunos tiveram a autonomia para identificar foi o mau comportamento, a irresponsabilidade, o desrespeito, a interação conflituosa com os colegas e a falta de ajuda, sendo estes temas abordados na presente sessão.

Objetivos: Refletir individualmente sobre o que melhorar na postura de cada um, dentro e fora da sala de aula; desenvolver a capacidade de análise e autoanálise; consciencializar para os comportamentos inadequados; criar soluções geradoras de bom comportamento, de respeito e sentido de responsabilidade; criar soluções e dinâmicas geradoras de cooperação, interação, ajuda e empatia.

Como se procedeu: nesta quarta sessão trouxemos um texto que retratava e definia inúmeros comportamentos desnecessários e totalmente inaceitáveis, dando como exemplo uma turma de alunos malcomportados e enumerando todas as práticas inadequadas que os mesmos exerciam dentro da sala de aula.

Resultado: o tema do mau comportamento, do desrespeito, da irresponsabilidade, e dos conflitos que condicionam a interação e cooperação saudável entre os alunos causou bastante discussão entre os alunos que rapidamente se identificaram com a informação que o texto lhes dava e concluíram que seria benéfico criar algo que consciencializasse não só a turma, mas todas as turmas da escola, de modo a evitar e combater todos os comportamentos que prejudicam atualmente os alunos nas escolas, condicionando o seu sucesso escolar.

- **Sessão 5** – “A construção de um futuro melhor – Parte I”

Uma das soluções que os alunos concordaram que seria ideal para a sensibilização para o mau comportamento passou por criar e construir slides e vídeos abordando aspetos como os comportamentos mais comuns e incorretos dos alunos, formas de os evitar, dicas para manterem o bom comportamento.

Objetivos: Construir soluções geradoras de boas práticas e bons comportamentos; desenvolver o espírito crítico nos alunos; gerar responsabilidade e empatia; promover a interação.

Como se procedeu: os alunos, divididos em pares e em trios, começaram a delinear ideias para aquele que seria o combate ao mau comportamento.

Resultado: Desta sessão resultaram uma enorme vontade e motivação de aprenderem e construírem novas formas de lidar com as situações negativas do dia-a-dia escolar e soluções para os problemas que são inerentes a uma grande parte dos alunos.

- **Sessão 6** – “A construção de um futuro melhor – Parte II”

Objetivos: Construir soluções geradoras de boas práticas e bons comportamentos; desenvolver a comunicação, a cooperação, e o espírito de equipa.

Como se procedeu: em pequeno grupo e com recurso ao computador, a livros e à internet, os alunos iniciaram a construção das ferramentas que seriam úteis, futuramente, para mostrar e levarem a toda a comunidade escolar a forma como opera o bom comportamento. Por fim, foi preenchida pelos alunos uma grelha de avaliação correspondente aos conteúdos abordados, às dinâmicas realizadas, ao dinamizador e a toda a organização.

Resultado: na sua maioria os alunos tinham conseguido construir parcialmente o que haviam decidido ser um bom método para evitar as tais práticas inconvenientes entre os alunos.

- **Sessão 7** – “A construção de um futuro melhor – Parte III”

Por sermos capazes de fazer cada vez melhor, nesta sétima sessão fomos ainda mais longe. Para além das capacidades pessoais e sociais nas quais os alunos estavam a trabalhar, surgiu-lhes a ideia de desenhar e ilustrar a forma como eles entendiam a mediação de forma a fundamentar tudo o que haviam aprendido até ao momento.

Objetivos: Construir soluções geradoras de boas práticas e bons comportamentos; desenvolver a capacidade de entreatuda; promover a interação; criar empatia.

Como se procedeu: os alunos concluíram os slides e vídeos que tinham começado nas sessões anteriores e dedicaram-se a desenhar, enquanto iam falando sobre os princípios característicos do processo de mediação.

Resultado: é notório o crescimento que os alunos têm vindo a ter ao longo do decorrer das atividades. Estamos precisamente a meio do plano e já temos resultados de que a mediação era completamente necessária e faz realmente a diferença neste contexto.

- **Sessão 8** – “A nossa melhor versão”

Motivados pelos resultados dos trabalhos realizados até então os alunos decidiram que, tudo o que criassem em torno dos temas abordados, daria origem a um produto final que seria partilhado e apresentado a toda a comunidade escolar, com o objetivo de todos conhecerem a mediação e evoluírem mutuamente com o que a mediação tem para dar. Foi assim que decidimos criar um panfleto informativo (anexo V) que aborda a mediação na sua globalidade.

Objetivos: Criar ferramentas de sensibilização para a mediação; construir ferramentas de sensibilização para boas práticas e para o bom comportamento.

Como se procedeu: reunimos referências bibliográficas referentes à mediação, com o intuito de nos auxiliarem na parte teórica e informativa do panfleto. Definimos a melhor estrutura e prosseguimos à construção do panfleto.

Resultado: notou-se grande cuidado e preocupação em criar algo útil e de valor para quem fosse ver o resultado. Os alunos sentem muita motivação na realização de trabalhos com um impacto maior do que aquele que estão habituados a ter, é como se houvesse ansiedade em sentirem o reconhecimento por aquela tarefa. Tudo isto leva-nos a concluir que a presença da mediação e a realização destas pequenas atividades são cruciais para tocar e aumentar a autoestima e motivação dos alunos. Afinal é algo novo, algo original, algo conseguido com mérito próprio e isso enriquece qualquer ser humano.

- **Sessão 9** – “A mediação faz a boa ação”

Objetivos: Criar ferramentas de sensibilização para a mediação; construir ferramentas de sensibilização para boas práticas e para o bom comportamento.

Como se procedeu: nesta nona sessão demos continuidade às tarefas iniciadas na sessão anterior. Avançamos na elaboração do panfleto e concluímos o mesmo.

Resultado: é de salientar o empenho, dedicação, entreaajuda e sentido de responsabilidade que os alunos têm adotado nas últimas sessões. Criou-se um espírito de compromisso desde início que está a ser marcado pelo afinco que os alunos têm depositado nas atividades e trabalhos que se comprometeram a realizar. É evidente o impacto da mediação na vivência escolar destas crianças.

- **Sessão 10** – “Momento de reflexão”

Objetivos: promover a reflexão e autorreflexão; criar espírito crítico; criar empatia; Debater ideias.

Como se procedeu: foi distribuído pelos alunos um pequeno texto que retrata uma história de um menino irritado e vingativo com o objetivo de transmitir aos alunos uma lição de moral sobre os bons comportamentos que devemos preservar e manter.

Resultado: em geral os alunos identificaram-se com o texto e concordaram com o ideal e a mensagem que o mesmo transmitia, isto é, o conteúdo da mensagem conseguiu intrigá-los e levou-os a refletir mais uma vez sobre os seus comportamentos.

- **Sessão 11** – “A mediação enriquece-nos.”

Objetivos: Alertar os alunos para os problemas que ainda existem no seu ambiente escolar; promover a reflexão; criar estratégias e soluções resolutivas.

Como se procedeu: foi entregue a cada aluno um questionário com um total de dez questões relativas ao ambiente escolar que viviam e ainda vivem, a dificuldades que sentem enquanto alunos e na sala de aula, a situações de conflito e atitudes, estratégias que devem ser implementadas para a resolução dos conflitos existentes. Após a resposta ao questionário os alunos juntaram todos os trabalhos (slides, vídeos, desenhos e panfletos) e começaram a construir, em grande grupo, o produto final que seria exposto no átrio da escola, para que todos os alunos do agrupamento pudessem ver.

Resultado: com o questionário pretendia apurar-se a experiência em específico dos alunos no que se refere aos tópicos acima mencionados. No entanto, a principal função do questionário passava por produzir autorreflexão nos alunos acerca da experiência que cada um teve com o conflito, com o propósito de reverem mais uma vez as suas práticas e de lhes dar mais incentivo e fazê-los valorizar todo o trabalho, avanço, crescimento e resultados que conquistaram até aqui.

Apresentam-se abaixo os gráficos correspondentes aos resultados obtidos a cada uma das questões abordadas no inquérito por questionário realizado pelos alunos.

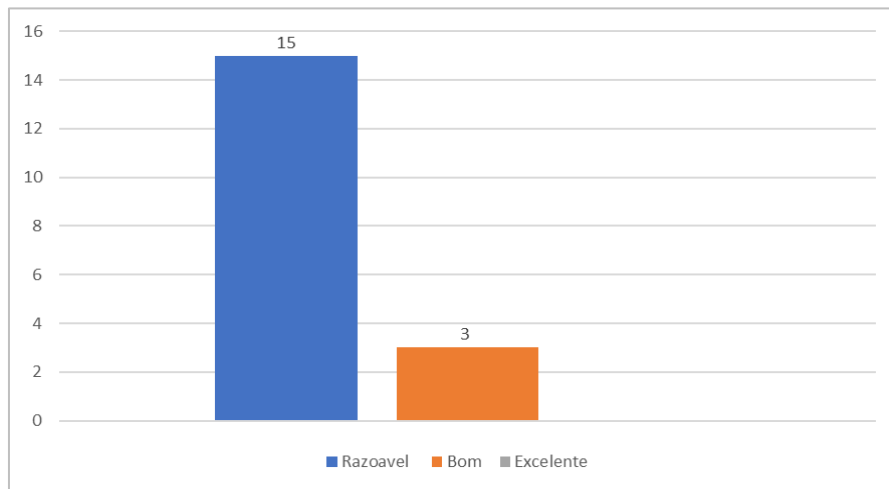


Figura 7 - Como classifica o ambiente na sala de aula?

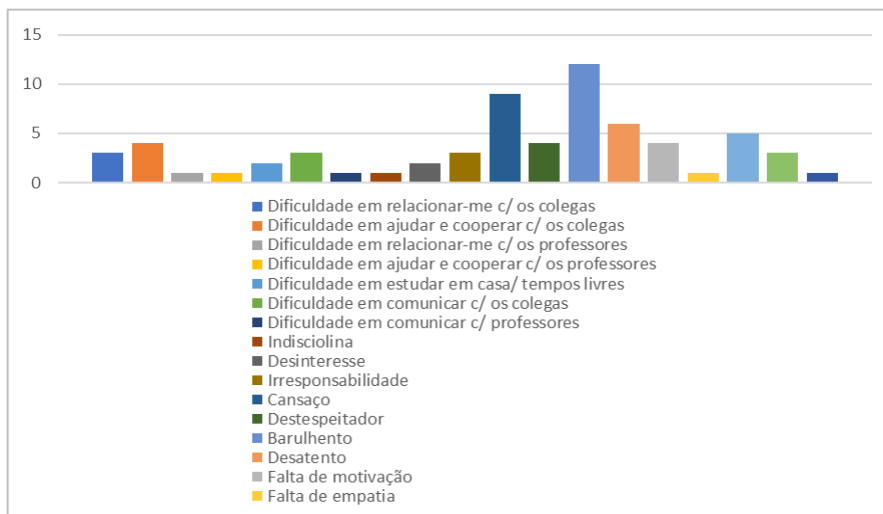


Figura 8 - Sentes alguma dificuldade enquanto aluno?

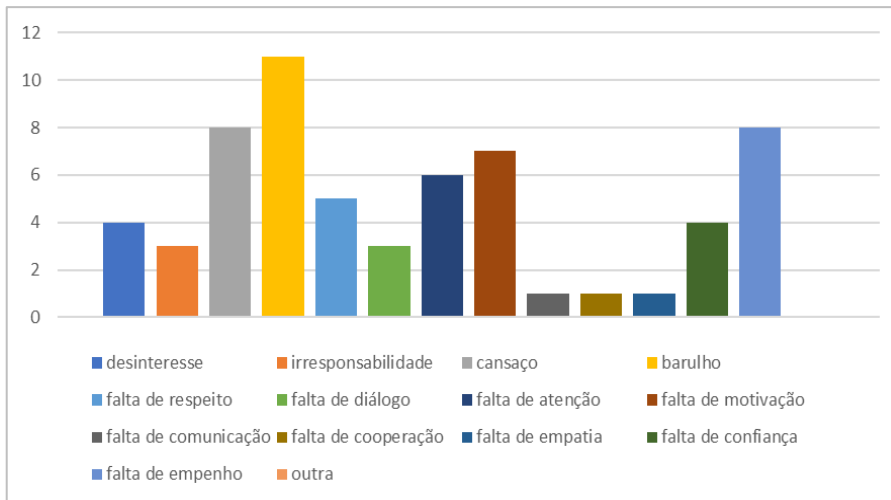


Figura 9 - Quais são as dificuldades que encontra na sala de aula?

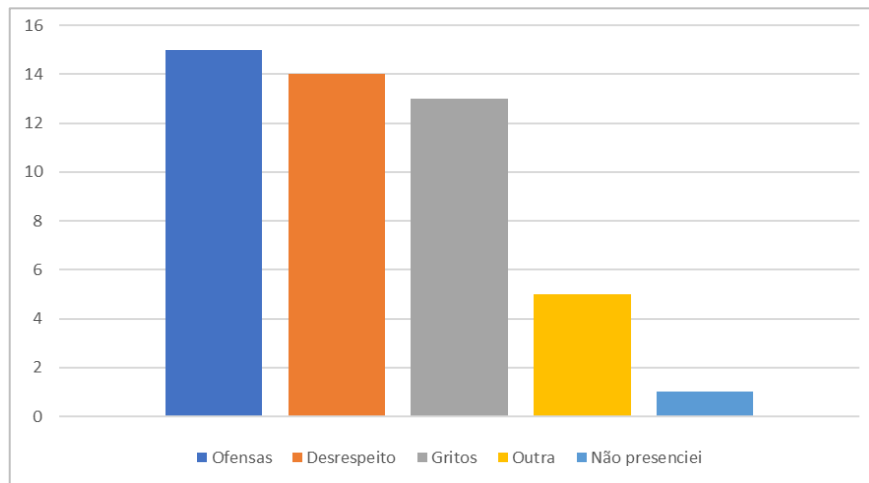


Figura 10 - Já presenciaste alguma situação de conflito?

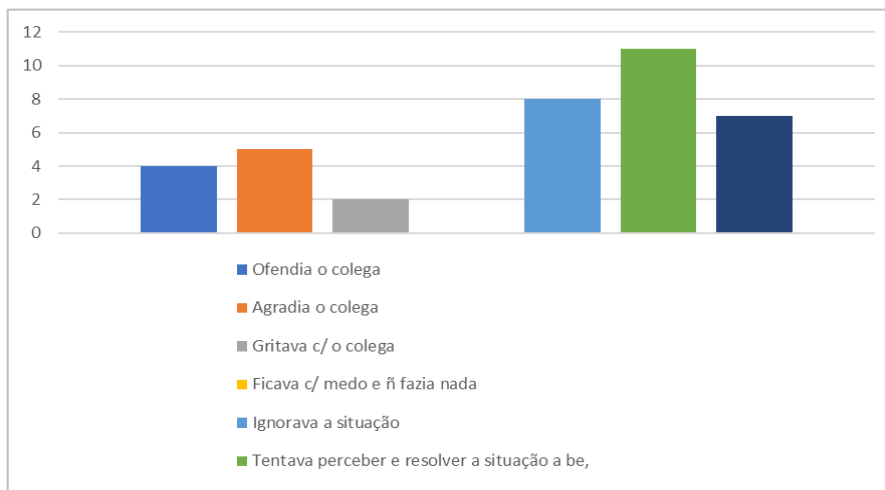


Figura 11 - Já participaste numa situação de conflito?

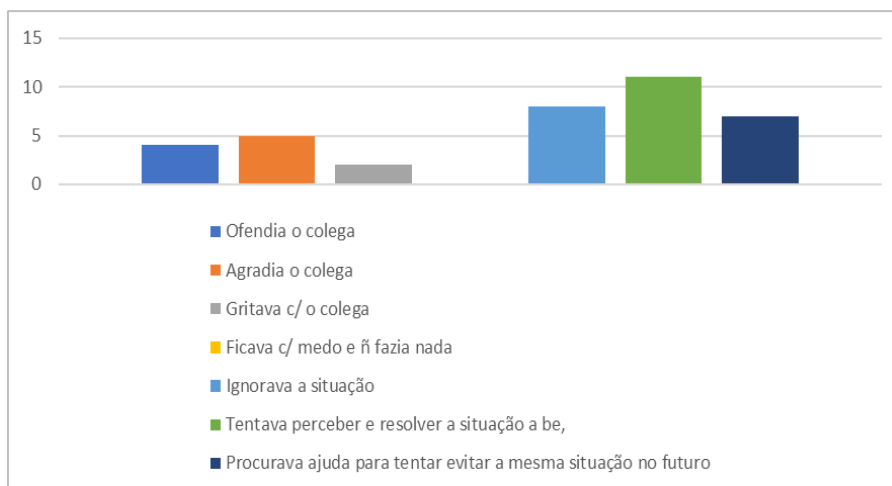


Figura 12 - Como reagirias a uma atitude geradora de conflito, por parte de um colega?

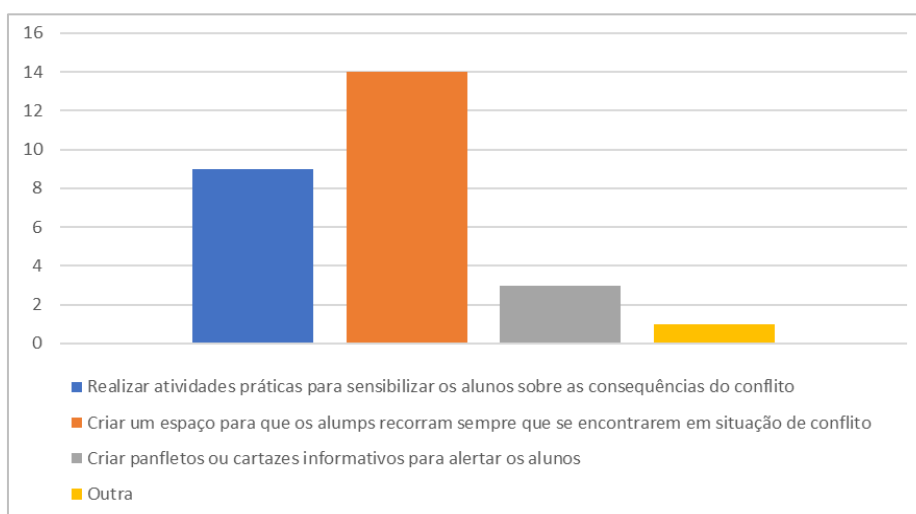


Figura 13 - O que achas que deve ser feito para se evitarem os conflitos?

O questionário foi preenchido por 18 alunos porque 2 alunos (10%) faltaram.

• **Sessão 12** – “Momento de partilha de emoções”

Objetivos: gerar empatia; partilhar boa energia; criar interação; promover o diálogo; desenvolver a capacidade de comunicação.

Como se procedeu: nesta sessão os participantes realizaram uma dinâmica que consistia em colocar nas costas de cada um cartão com uma frase diferente (elogios, comentários carinhosos, tarefas engraçadas, etc.) desconhecida pelo portador do cartão. De seguida, os participantes circularam pela sala com os cartões nas costas e atendiam às frases de todos colegas sem revelarem o que está escrito no bilhete. No final da dinâmica os participantes sentam-se em círculo para partilharem a experiência e o que sentiram durante a dinâmica.



Resultado: esta foi, sem dúvida, a dinâmica que permitiu melhor relação, maior interação e comunicação entre todos os alunos. Após a dinâmica, no diálogo em grande grupo, os alunos admitiram ter gestos de carinho e simpatia, nomeadamente com o sexo oposto, que nunca imaginaram ter, por receio de gozo ou julgamentos, gestos estes que passaram a ser encarados com naturalidade e a estarem presentes nas suas rotinas com os colegas e com outras pessoas que fazem parte das suas vidas. Para além disso, referiram a importância de existirem atividades deste tipo no combate a mentalidade estereotipada pelos jovens nestas idades.

- **Sessão 13** - “Comunicar é o que está a dar”

Objetivos: Desenvolver nos participantes a capacidade de improvisação; desenvolver a capacidade de comunicação.

Como se procedeu: realizou-se mais uma dinâmica individual onde foi entregue a cada participante um tema sobre a qual deveria expor as suas ideias, durante dois ou três minutos.

Resultado: em geral todos os alunos conseguiram referir algumas ideias, bem como a sua opinião sobre o tema em questão. Acreditamos que os alunos seriam capazes de muito mais se lhes fosse dada mais oportunidades de o fazerem.

- **Sessão 14** – “A mediação faz a diferença.”

Objetivos: criar empatia e bem-estar; promover a relação saudável entre os alunos.

Como se procedeu: foram distribuídos pela sala um total de vinte cartões, em cada cartão estava escrito o nome de cada aluno. De seguida, os alunos circulavam pela sala deixando em cada cartão uma mensagem positiva, um elogio ou alguma qualidade que considerassem adequada ao colega que o cartão correspondia.

Resultado: foi espantosa a seriedade e responsabilidade com que grande parte dos alunos encarou a dinâmica e, no final, depois de uma chuva de palavras agradáveis e elogios foi enorme e satisfatória a felicidade de cada aluno ao verem o que tinham escrito para si.

- **Sessão 15** – “Ser mais e melhor”

Objetivos: Refletir sobre tudo apreendido durante as sessões e sobre como serão capazes de desempenhar tudo o que aprenderam.

Como se procedeu: para fechar todo o conjunto de sessões apresentamos o resultado a toda a comunidade escolar. De seguida, os alunos preencheram a tabela referente à avaliação final das atividades.

Por fim, para encerrarmos a sessão, realizamos a dinâmica da despedida que consistiu na organização dos participantes em círculo, todos de costas voltadas para o centro, de tal modo que ninguém se pudesse ver, permanecendo assim durante três minutos. De seguida, voltaram-se todos para o centro do círculo e, aproximando-se uns dos outros, para que se sentissem novamente em grupo. Assim próximos, passando cada qual o braço por cima dos ombros dos colegas do lado, todos olham para todos. Após esse momento, foi feita uma revisão de todas as capacidades adquiridas e competências desenvolvidas, foi relembrada a importância da mediação em todo o processo e foi enfatizado que aquela seria a oportunidade de todos se olharem e abraçarem pela última vez.

Resultado: os alunos concluíram que todo o trabalho realizado nas sessões foi fundamental para o seu desenvolvimento pessoal e social e sobretudo para os auxiliarem na gestão dos conflitos que encontrarem, futuramente, na escola ou em qualquer lugar. Alimentaram ainda a importância de a mediação chegar a todos e ser um instrumento para o sucesso de todos os alunos.

## **5.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Daquilo que podemos observar na descrição das atividades conclui-se que até à sessão doze assistimos a dinâmicas mais grupais, isto é, de pequeno e grande grupo, que trabalharam em prol do desenvolvimento de competências de cariz mais social.

Contudo, nas últimas três sessões, focalizamo-nos nas dinâmicas individuais que operaram em conformidade com o desenvolvimento de competências de cariz pessoal.

Desde cedo notamos aceitação em relação ao projeto, elevado interesse e adesão às atividades. Os alunos, depois de conhecerem a mediação e perceberem o apoio e a aprendizagem que ela tinha para oferecer a cada um, e traria para a sua vida, tanto a nível pessoal como social,

tinham um brilho nos olhos e uma enorme vontade de trabalhar, aprender e conhecer mais e mais, não fosse a mediação algo totalmente diferente de tudo o que haviam conhecido até aí.

Em contrapartida, também existiram momentos difíceis e muitas dificuldades. A turma nem sempre estava disposta a manter o silêncio e a atenção, nem sempre respeitou as normas estabelecidas, nem sempre se comportou da forma mais adequada e nem sempre foi fácil controlá-la e levá-la ao alcance os objetivos definidos. Existiu barulho, inquietação e agitação, característicos da idade, em parte das sessões e das atividades. No entanto, sempre nos pusemos à prova e estivemos sempre incentivadas e focadas em realizar o trabalho com o propósito de obter o melhor resultado e, por isso, sempre nos superamos perante todos os desafios.

Em meados do período de estágio, tivemos a possibilidade de participar no “II Colóquio Mediação em Diálogo: Horizontes Partilhados”, no Instituto de Educação na Universidade do Minho, com um poster e respetivo resumo (anexo VI e anexo VII) acerca do desenvolvimento do projeto de estágio e, assim, divulgámos os objetivos, as técnicas de recolha de dados e os dados preliminares. A realização deste poster foi muito pertinente para o estágio, contou com a fabulosa cooperação e excelente trabalho dos alunos na parte ilustrativa, e, principalmente, permitiu fazer um balanço e análise intermédia sobre o que já havia sido feito até essa fase e o que ainda era importante fazer.

A partilha do nosso projeto e o conhecimento de outros novos projetos deu-nos ainda mais vontade de continuar a conquistar resultados, e de fazer mais, melhor e diferente. Este poster não é um resultado do projeto, é sim um resultado de trabalho e dedicação. As ilustrações do poster advêm de atividades realizadas, anteriormente, pelos alunos. A tarefa de desenhar o que entendiam por mediação deu frutos (anexo VII) e o resultado foi absolutamente incrível.

Relativamente aos dados resultantes das atividades e dinâmicas desenvolvidas, através do questionário, confirmamos, teoricamente, a existência de conflitos entre os alunos, dentro e fora da sala de aula, bem como as dificuldades sentidas por cada um no desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Para além desses aspetos, pudemos apurar também a necessidade e interesse que os alunos sentem em ter presente a mediação como método e como auxílio na resolução dos seus conflitos.

Em consonância com os resultados obtidos pelas restantes técnicas de recolha, conseguimos juntar um desabafo livre dos alunos, através de uma narrativa onde era pedido para descrever uma

situação positiva e uma situação negativa presenciada por cada um (anexo VIII). Assim, concluímos que os alunos enfatizaram mais a situação negativa, dando a entender que era o assunto mais urgente a expor. No quadro seguinte apresentamos as diferentes situações descritas pelos alunos.

Quadro VI - Resultado das narrativas

| Situações Positivas  | Situações negativas  |
|--|--|
| “Uma situação positiva é quando os colegas me ajudam a perceber uma coisa e são nossos amigos.” (Aluno A, 17/01/2019)  | “O nosso comportamento é um bocado mau”. (Aluno X, 17/01/2019);  |
| “Situação positiva- recreios depois das aulas.” (Aluno B, 17/01/2019)  | “As frequências deixam-me muito stressado.” (Aluno Y, 17/01/2019);   |
| “Quando somos unidos e conseguimos estar em silêncio. Acho que somos capazes de melhorar muito.” (Aluno R, 17/01/2019)   | “Eu acho que podíamos começar a melhorar as nossas atitudes. Porque quando fazemos aos outros, não pensamos como eles se sentem.” (Aluno Z, 17/01/2019); |
| “Uma forma positiva que tenha presenciado dentro da sala de aula foi que numa fase os meus colegas apoiaram-me muito. O que deve ser feito é sermos todos amigos uns dos outros e sabermos nos apoiar, assim de certeza que não existem tantos conflitos.” (Aluno C, 17/01/2019) | “Uma forma negativa que tenha presenciado fora da sala de aula foi um conflito muito grande que me afetou com a minha colega.” (Aluno C, 17/01/2019)     |
| “Fomos com o professor de Moral cantar uma música de Natal ao diretor e aos professores e no fim ainda fomos elogiados.” (Aluno D, 17/01/2019)   | “Os testes correm-me mal, queria melhorar.” (Aluno W, 17/01/2019)  |

Com base nas opiniões dos alunos, mencionadas no quadro acima, podemos enumerar algumas carências que afetam grande parte deles, como por exemplo: a falta de interação, de motivação, de empatia, de comunicação e de entreaajuda, o comportamento e posturas inadequados e etc., as quais já havíamos identificando e fomos superando e atenuando cada uma delas através das dinâmicas propostas. Por outro lado, através de entrevistas informais, que apesar de não seguirem qualquer guião, permitiram reunir a opinião das docentes responsáveis pelos alunos que constituíam o público alvo, obtivemos feedback sobre as atividades realizadas e a consequente

alteração no comportamento dos alunos. É exemplo desse feedback os testemunhos seguintes (quadro VII) que retratam a opinião das duas docentes responsáveis pela turma.

Quadro VII - Testemunhos/Feedback das entrevistas informais

| Testemunho / <i>Feedback 1</i>  | Testemunho / <i>Feedback 2</i>   |
|---|--|
| <p>“Como Diretora da turma 6°C nesta escola, fui acompanhando a intervenção da estagiária do mestrado em Educação- Área de especialização em Mediação Educacional, Mariana Mota, em algumas sessões, em contexto turma. Após o conhecimento, por parte dos alunos, em que consistia a sua área de intervenção e quais os objetivos/finalidades da mesma, comprovo, após implementação e dinamização de diferentes dinâmicas/atividades com a turma, que se verificaram melhorias ao nível dos relacionamentos interpessoais e no grupo turma, sobretudo na gestão de conflitos, utilizando as técnicas aprendidas, relativizando as situações, lidando de forma mais pacífica com as mesmas e sendo mais autónomos na sua resolução.” (Testemunho de uma das docentes responsáveis pela turma, 17/06/2019).</p> | <p>“O trabalho desenvolvido situa-se no contexto da mediação socioeducativa e contribuiu para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais nos alunos; a construção de espaços de mediação para e com os alunos em contexto escolar e a realização de dinâmicas geradoras de mediação, comunicação e responsabilidade. O trabalho realizado nesta área foi fundamental para o desenvolvimento dos alunos a nível pessoal e social resultante das dinâmicas implementadas.” (Testemunho de uma das docentes responsáveis pela turma, 17/06/2019).</p> |

Paralelamente, a somar aos resultados já obtidos, realizaram-se dois momentos de avaliação, um intermédio e um final, onde foi dada a oportunidade aos alunos de avaliarem os temas abordados e as atividades realizadas (que permitiram a presença da mediação na escola e, essencialmente, no dia-a-dia de cada um), tendo em conta os conteúdos das dinâmicas, o trabalho desempenhado pelo dinamizador, a organização, a avaliação global e tendo ainda direito a escreverem um comentário geral. Para tal, criou-se uma grelha de avaliação (quadro VIII e anexo IV) através da qual os alunos expuseram, anonimamente, a sua opinião com base numa escala de 1 a 5, sendo que o 1 é considerado “fraco” e o 5 considerado “excelente”.

Quadro VIII - Resultados da avaliação intermédia.

|   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5  |
|---|---|---|---|---|----|
| <b>A- Conteúdos</b>   |   |   |   |   |    |
| Os conteúdos abordados nas atividades realizadas foram pertinentes. |   |   |   | 8 | 11 |
| Os conteúdos foram úteis.   |   |   | 1 | 5 | 13 |
| Os conteúdos foram interessantes.                                   |   |   | 1 | 5 | 13 |
| As atividades foram úteis.  |   |   |   | 7 | 12 |
| As atividades foram interessantes.                                  |   |   | 1 | 4 | 14 |
| As instruções foram claras.   |   |   |   | 2 | 17 |

|  |  |  |   |    |    |
|--|--|--|---|----|----|
| <b>B- Dinamizadora</b>   |  |  |   |    |    |
| Conseguiu motivar-me para participar nas atividades.                             |  |  | 2 | 3  | 14 |
| Conseguiu promover a minha apresentação.   |  |  | 1 | 5  | 13 |
| Cumpriu as atividades previstas para o dia.                                      |  |  |   | 5  | 14 |
| As atividades realizadas em pequenos grupos foram bem conseguidas.               |  |  | 2 | 2  | 15 |
| As atividades em grande grupo foram bem conseguidas.                             |  |  | 1 | 10 | 8  |
| As atividades individuais foram bem conseguidas.                                 |  |  | 1 | 5  | 13 |
| <b>C- Organização</b>  |  |  |   |    |    |
| As condições das salas contribuíram para o bom funcionamento das atividades.     |  |  | 2 | 8  | 9  |
| Os materiais fornecidos pela dinamizadora foram adequados.                       |  |  |   | 6  | 13 |
| Os equipamentos utilizados contribuíram para o bom funcionamento das atividades. |  |  |   | 5  | 14 |

| D- Avaliação Global  |  |  |   |   |    |
|--|--|--|---|---|----|
| As atividades permitiram-lhe adquirir novos conhecimentos.     |  |  | 2 | 3 | 14 |
| As atividades permitiram-lhe desenvolver competências sociais. |  |  |   | 6 | 13 |
| Recomendaria estas atividades aos restantes alunos da escola.  |  |  |   |   | 19 |

Na avaliação intermédia, responderam 19 do total de 20 alunos e a sua opinião variou entre o nível 3 (satisfatório) e o nível 5 (excelente). Relativamente ao parâmetro “A- Conteúdos”, a maioria dos alunos avaliou como excelente (nível 5); relativamente ao “B- Dinamizadora”, a maioria dos alunos considerou excelente, à exceção do penúltimo ponto, onde a maioria dos alunos (19) atribuiu uma avaliação de nível 4 (muito satisfatória); no parâmetro “C- Organização” a maioria dos alunos atribuiu nível 5 (excelente); por último, no parâmetro “D- Avaliação Global” a maioria dos alunos considerou excelente, à exceção do último ponto, que a totalidade dos alunos considerou excelente (nível 5).

Em simultâneo, criámos um espaço extra na tabela de avaliação, onde pode ver-se também comentários de alguns alunos: “Eu acho que as atividades foram divertidas e interessantes.” (Aluno X, 14/03/2019); “Gostei das atividades.” (Aluno Y, 14/03/2019); “Gostei muito da atividade sobre os comportamentos adequados e inadequados na sala de aula. O material fornecido pela Mariana foi muito útil.” (Aluno Z, 14/03/2019); “Para mim a Mariana tem realizado todas as atividades da melhor forma, noto grande esforço da parte dela. As suas instruções têm-me ajudado nas minhas competências sociais.” (Aluno W, data); “Atividades muito curiosas e divertidas.” (Aluno M, 14/03/2019);

O segundo momento da avaliação (quadro IX) foi ainda mais positivo, conseguindo melhor atribuição em todos os pontos de todos os parâmetros.

Quadro IX - Resultados da Avaliação Final.

|   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5  |
|---|---|---|---|---|----|
| <b>A- Conteúdos</b>   |   |   |   |   |    |
| Os conteúdos abordados nas atividades realizadas foram pertinentes. |   |   |   | 8 | 11 |
| Os conteúdos foram úteis.   |   |   | 1 | 5 | 13 |
| Os conteúdos foram interessantes.                                   |   |   | 1 | 5 | 13 |

|  |  |  |   |    |    |
|--|--|--|---|----|----|
| As atividades foram úteis.   |  |  |   | 7  | 12 |
| As atividades foram interessantes.   |  |  | 1 | 4  | 14 |
| As instruções foram claras.  |  |  |   | 2  | 17 |
| <b>B- Dinamizadora</b>   |  |  |   |    |    |
| Conseguiu motivar-me para participar nas atividades.                             |  |  | 2 | 3  | 14 |
| Conseguiu promover a minha apresentação.   |  |  | 1 | 5  | 13 |
| Cumpriu as atividades previstas para o dia.                                      |  |  |   | 5  | 14 |
| As atividades realizadas em pequenos grupos foram bem conseguidas.               |  |  | 2 | 2  | 15 |
| As atividades em grande grupo foram bem conseguidas.                             |  |  | 1 | 10 | 8  |
| As atividades individuais foram bem conseguidas.                                 |  |  | 1 | 5  | 13 |
| <b>C- Organização</b>  |  |  |   |    |    |
| As condições das salas contribuíram para o bom funcionamento das atividades.     |  |  | 2 | 8  | 9  |
| Os materiais fornecidos pela dinamizadora foram adequados.                       |  |  |   | 6  | 13 |
| Os equipamentos utilizados contribuíram para o bom funcionamento das atividades. |  |  |   | 5  | 14 |
| <b>D- Avaliação Global</b>   |  |  |   |    |    |
| As atividades permitiram-lhe adquirir novos conhecimentos.                       |  |  | 2 | 3  | 14 |
| As atividades permitiram-lhe desenvolver competências sociais.                   |  |  |   | 6  | 13 |
| Recomendaria estas atividades aos restantes alunos da escola.                    |  |  |   |    | 19 |

Neste segundo momento de avaliação, com o qual findou o plano de atividades, responderam 18 dos 20 alunos e podemos observar resultados mais positivos. No parâmetro “A- Conteúdos”, a maioria dos alunos atribuiu nota máxima (nível 5); no parâmetro “B-Dinamizadora” a opinião dos alunos apontou na sua maioria, novamente, para o nível 5; no parâmetro “C- Organização” a avaliação considera-o excelente, à exceção do primeiro ponto onde existe um equilíbrio entre o nível 4 e o nível 5; no último parâmetro, o “D-Avaliação Global”, à semelhança da avaliação intermédia, a maioria dos alunos considerou excelente, à exceção do último ponto, que a totalidade dos alunos considerou



excelente (nível 5). Em geral, a avaliação dos alunos variou entre o nível 3 e 5, à exceção do parâmetro “A- Conteúdos”, que variou entre o nível 4 e 5;

Na avaliação final também houve lugar para comentários por parte dos alunos, sobre todo o trabalho realizado, todos eles positivos, tais como: “Adorei as atividades e as gargalhadas que demos juntos. Apesar de haver colegas que não respeitam, a Mariana conseguiu dar-lhes a volta.” (Aluno A, 06/06/2019); “As atividades ajudaram-me a mim e à turma e acho que os outros alunos deviam também ter.” (Aluno C, 06/06/2019); “Gostei das atividades, porque foram interessantes, ajudaram-me a ter mais à vontade com os colegas.” (Aluno D, 06/06/2019); “Eu gostei muito e ajudou a ter uma ligação melhor com a turma.” (Aluno E, 06/06/2019); “Estas atividades ajudaram-me muito, e eu acho que a escola toda devia ter estas atividades sobre a mediação.” (Aluno Q, 06/06/2019); “Toda a escola devia ter atividades relacionadas com a mediação. Aprendi a relacionar-me mais com os meus colegas.” (Aluno R, 06/06/2019); “Ajudou muito a turma.” (Aluno S, 06/06/2019); “Gostei das atividades porque aprendemos coisas novas.” (Aluno T, 06/06/2019); “Gostei muito e recomendava a todos.” (Aluno G, 06/06/2019); “Gostei e melhorou a turma. Recomendo para os restantes alunos.” (Aluno H, 06/06/2019); “Gostei de participar nas atividades e acho que todos os alunos deviam experimentar.” (Aluno I, 06/06/2019); “As atividades da Mariana foram muito divertidas e interessantes. A mediação é importante para os alunos.” (Aluno O, 06/06/2019);

Observando com atenção os comentários anteriores, conclui-se que, de acordo com a opinião dos alunos, a mediação é considerada e reconhecida como um método de resolução de conflitos que, segundo eles, deveria estar presente diariamente nas escolas, de modo a que todos os alunos tivessem a possibilidade de o conhecer e praticar e, assim, conseguissem atenuar as suas dificuldades e melhorar os comportamentos. Deste modo, na escola existiria um ambiente mais saudável onde os todos poderiam conviver diariamente.

Por fim, apresentam-se algumas passagens registadas nas notas de campo e no diário de bordo da investigadora, que em muito auxiliaram na orientação, delineação e preparação das atividades seguintes. Principalmente, no diário de bordo da investigadora, existia uma tabela com um conjunto de parâmetros a corresponder, nos quais nos se focalizou a intervenção, de modo a perceber os aspetos a melhorar.

Quadro X - Registo de observação e comentários das dinâmicas

| Registo de Observação/Comentários  | Datas dos registos/comentários |
|--|--------------------------------|
| "Inicialmente, na apresentação, foi difícil captar a atenção dos alunos e mantê-los em silêncio."  | 11/12/2018                     |
| "Boa impressão e relação com os alunos. Notei motivação na realização da atividade."   | 09/01/2019                     |
| "Os alunos estiveram atentos às explicações da atividade e levantaram questões sobre o tema."  | 24/01/2019                     |
| "Muita participação por parte dos alunos."   | 14/02/2019                     |
| "Os alunos mostraram-se interessados e empenhados na realização da tarefa."  | 7/03/2019                      |
| "Atividade realizada com sucesso. Especial foco e preocupação dos alunos na realização desta atividade que será apresentada aos restantes alunos da escola."   | 14/03/2019                     |
| "Os alunos cooperaram com a simplicidade da atividade."  | 04/04/2019                     |
| "Os alunos revelaram bastante empenho e motivação na realização da dinâmica. Surgiram-lhes muitas ideias."   | 11/04/2019                     |
| "Esta atividade revelou-se a mais impactante. Os alunos superaram a dificuldade de se relacionarem, comunicarem e interagirem, principalmente com o sexo oposto."  | 02/05/2019                     |
| "Esta foi a última atividade com os alunos e foi a mais emocionante, a que prestaram mais atenção e fizeram tudo o que era pedido, sem uma única falha. Os alunos no último momento de reflexão juntos revelaram que iam sentir falta da diversão das atividades e de praticar tudo o que aprenderam." | 06/06/2019                     |

De um modo geral, as atividades foram bem conseguidas, procedemos de acordo com os objetivos de cada uma, promovemos a aprendizagem de novos conhecimentos, conseguimos a manifestação de empatia, promovemos a participação, o diálogo, cooperação, a interação, a motivação, e alguns momentos de reflexão. Correspondemos à maioria das dificuldades, interesses

e necessidades dos alunos, estivemos abertas às ideias e opiniões de cada um, orientámos os recursos e o tempo da forma que achámos mais adequado e promovemos momentos de avaliação.

Para concluir todo o processo de estágio, bem como todas as atividades dinamizadas, preparámos uma apresentação (anexo IX), onde se reuniram todos os trabalhos práticos realizados com os alunos, que, posteriormente, foi apresentada no átrio da escola para que todos pudessem conhecer o projeto desenvolvido durante o ano letivo e a nova modalidade agregada às atividades extracurriculares dos alunos. Concluindo, considera-se que todas as técnicas de recolha de dados utilizadas foram indispensáveis na investigação, na observação, no levantamento de informações, e, sobretudo, no alcance dos objetivos predefinidos.

De um modo geral, os objetivos foram superados, dando principal enfoque aos seguintes “Desenvolver competências pessoais e sociais nos alunos” e “Realizar dinâmicas geradoras de mediação, comunicação e responsabilidade;” sendo que o terceiro objetivo “Construir espaços de mediação para e com os alunos em contexto escolar” não foi desenvolvido na totalidade, pois apenas foi criado um espaço de mediação para o público-alvo e não foi alargado aos restantes agentes do contexto escolar. No entanto, através de todo o trabalho e dinâmicas realizadas, desenvolveram-se instrumentos e métodos de partilha de informação para assim se chegar mais longe.

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta longa jornada revelou-se uma nova e imensa descoberta. Foram nove meses de receios, incertezas e dúvidas, mas sobretudo de trabalho, de experiência, de descoberta e de aprendizagem. Afinal, era a primeira vez em contexto de trabalho.

No início, a primeira preocupação que surgiu foi sobre qual seria o melhor projeto a criar para causar impacto e conseguir resultados. Mas logo percebemos que a nossa presença não seria um milagre nem passaria apenas por causar impacto e conseguir resultados, passaria antes por corresponder a necessidades, atenuá-las e fazer algo diferente e enriquecedor para o público-alvo que encontrámos. No início e com os primeiros contactos e impressões, a preocupação inicial começou a desfazer-se. Aí, percebemos que, fossem quais fossem os resultados, o mais importante seria o desenvolvimento e crescimento alcançado e a aprendizagem mútua conseguida. Cada passo dado, por muito pequeno que fosse, deixar-nos-ia num patamar mais acima do que aquele em que começamos. O intuito não era sermos os melhores, era conseguirmos melhorias. E, agora, chegámos ao final e sentimos uma enorme gratidão. Todos estes meses de estágio foram muito mais do que a implementação de um projeto de intervenção, foram fracasso e sucesso, foram emoção, convívio e bons momentos vividos, foram trabalho e experiência, foram reflexão e preparação, foram crescimento e oportunidade. Sim, foram, essencialmente, crescimento e oportunidade, a oportunidade de conhecer um novo espaço, novas pessoas, novas experiências de vida e novas formas de pensar e de estar no mundo, que nos fez crescer enquanto investigadoras e enquanto pessoas. E, embora não soubéssemos o que iríamos encontrar, consideramos que a adaptação foi muito positiva, o impacto foi suave, os resultados apareceram e chegámos onde tínhamos de chegar, aos alunos.

Ouvimos por aí dizer que quem sabe de onde vem consegue dizer para onde deve ir, e nós, sabendo do nosso ponto de partida e lembrando tudo o que aprendemos, vivemos este estágio de acordo com aquilo que acreditávamos ser o melhor caminho a seguir. Precisamos de viver cada momento para tudo fazer sentido, e, por isso, precisamos de tropeçar, cair e levantar, fazer e refazer, chorar e sorrir, fraquejar, mas nunca desistir, para alcançarmos os resultados que alcançamos, independentemente da sua grandeza. Foi um resultado especial, porque foi o fruto do nosso trabalho. Todos somos especiais, e não conseguimos mudar nada no mundo, se não acreditarmos no que

estamos a fazer, e nós acreditamos, a cada dia, perante todo este desafio, e todos os obstáculos que apareceram.

Todo o caminho percorrido no desenrolar do projeto, em conjunto com os intervenientes fez surgir um resultado originário de um árduo trabalho em equipa, resultado este que abriu portas e pode agora ser alargado, não só aos restantes intervenientes deste agrupamento, mas sim, alargado e adotado por outros contextos escolares e instituições educativas. Conseguimos um projeto com pernas para andar e, indubitavelmente, seria pertinente permitir a sua continuação e, assim, criar dinâmicas e aprendizagens e, por consequência, somar conhecimento e alcançar novos resultados.

Neste seguimento, o referido trabalho em equipa define-se, na realidade, pelo contributo de uma vasta equipa, isto é, caracteriza-se também pelo indispensável apoio da acompanhante de estágio e da Orientadora da Universidade do Minho, pelos inevitáveis desabafos e troca de ideias e opiniões com os colegas de curso, e também pelo apoio de todas as pessoas que fomos encontrando e cruzando durante esta caminhada, entre elas, família e amigos. Contudo, o principal enfoque vai para os maiores contribuintes e protagonistas deste projeto, o nosso público-alvo, os nossos queridos alunos, que merecem todo o nosso agradecimento e reconhecimento por todo o resultado conseguido e obtido no processo de investigação-ação.

Todo o processo foi, pertinentemente, enriquecedor, não só para os intervenientes diretos, mas para todas as pessoas externas que foram acompanhando o projeto, mostrando disponibilidade para auxiliar e apoiar, mostrando interesse em conhecer mais sobre o assunto da mediação, a forma como ela atua, e principalmente, o impacto e resultado que pode proporcionar. Foi, portanto, um desafio bem aceite e acolhido de braços abertos por quem se deparou com ele. Somos a prova de que algo tão diferente, que desconhecemos totalmente, que talvez chegue a ser estranho para alguns, pode ser o melhor que encontramos, pode ser a causa de mais diferença ainda. A tal “diferença” que tem vindo a ser falada mexeu com a positividade do contexto e fê-la crescer e hoje é bem maior do que aquilo que era quando a encontrámos.

A escolha do âmbito socioeducativo da mediação foi a mais adequada para intervir nas necessidades do público-alvo e crucial para alcançar as melhorias de comportamento, comunicação e interação que alcançamos, uma vez que vai muito além do seu carácter comum de resolução de conflitos e permite alcançar aquele que deveria ser o grande foco de aprendizagem das escolas,

aprender a conviver. Paralelamente, conseguimos sintonia entre a intervenção e a investigação com a metodologia de Investigação-Ação, que se mostrou imprescindível na recolha de dados, tanto a nível individual, como a nível grupal.

Concluindo, este projeto de estágio valorizou competências sociais e pessoais enquanto ferramenta de educação para a mediação e desenvolvimento humano. Neste contexto, a mediação surge como um instrumento e técnica para potenciar o bem-estar e sucesso, através de dinâmicas promotoras de boa comunicação, empatia, interação, cooperação, responsabilidade, etc. Através da metodologia de investigação e das respetivas técnicas de recolha e análise de dados, apareceram os primeiros resultados, que refletiram um efeito positivo e aí percebemos que a nossa presença no contexto foi muito importante. Já tínhamos as sementes, só precisamos de regar para elas nascerem e crescerem, isto é, encontramos um público com vontade de trabalhar e aprender, assim só foi necessário dinamizar com ele para o fazer evoluir e acreditar que poderia chegar mais longe. E chegámos!

Assim, seguindo um caminho guiado pela mediação, este projeto alerta para a necessidade de existir mediação nas escolas, com o intuito de integrar todos os agentes do contexto escolar, nomeadamente, alunos, pais, docentes e funcionários e de os educar para a mediação e na mediação. Falar, abordar e trabalhar na mediação implica saber e demonstrar que a mediação permite a conexão das pessoas através do apoio que dá ao diálogo, através da aceitação das diferenças e dos ganhos que nos permite ter com elas, e por fim, através do seu principal objetivo, que temos vindo a referir ao longo deste projeto, a mediação constrói consensos e permite a criação de soluções e de novas perspetivas do bem, ou pelo menos o melhor de cada circunstância.

Neste sentido, o presente projeto alerta também para o melhor que podemos ter, proporcionar e transmitir em cada situação em que nos encontremos. E este relatório é muito sobre o melhor que conseguimos fazer da mediação, é sobre as características e capacidades pessoais e sociais que os alunos devem ter ou desenvolver enquanto seres humanos.

Este estágio foi crescimento, oportunidade e descoberta. Nele descobriram-se motivos, razões e motivações para ser dada continuidade à prática da mediação e dos seus princípios, e essencialmente, marcar a diferença na vida das pessoas, todos os dias.

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

- Almeida, L. S., & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Alves, M. G., & Azevedo, N. G. (2010). *Investigar em Educação. Desafios da construção de conhecimento e da formação de investigadores num campo multireferenciado*. Caparica: Universidade Nova de Lisboa.
- Bardin, I. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Beillerot, J. (1982). *Lá société pédagogique: Action pédagogique et contrôle social*. Paris: PUF.
- Brandão, I. C. (2012). *Mediação de Conflitos em Contexto Escolar*. Universidade do Minho, Braga.
- Campenhoudt, R. Q. (1988). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Paris: Gradiva.
- Candau, V. (2012). *Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos* (Vol. 33).
- Cardoso, A. P. (2015). *Inovar com Investigação-Ação: Desafios para a formação de professores*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Castro, A. C. (2012). *Características e finalidades da Investigação-Ação*. Coordenação do Ensino do Português na Alemanha, Alemanha.
- Coelho, P. (1988). *O Alquimista*. HarperCollins.
- Cohen, L. M. (1994). *Research Methods in Education*. London: Routledge.
- Coutinho, C. (2004). *Quantitativo versus qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação*. Obtido de <http://hdl.handle.net/1822/6469>
- Coutinho, C. (2011). *Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação*. In: *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Almedina.
- Coutinho, C. P. (2009). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Revista Psicologia, Educação e Cultura, 13(2), 355-379.
- Creswell, J. (2010). *Seleção de um projeto de pesquisa*. In: *Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3ª ed.). Artmed.
- Cunha, J. R., & (Org.), R. N. (2010). *Mediação de conflitos comunitários e facilitação de diálogos: relato de uma experiência na Maré*. Rio de Janeiro: FGV Direito Rio.
- Cunha, M. P., & Rego, A. (2006). *Comunicar*. Dom Quixote.
- Descombe, M. (1999). *The Good Research Guide for Small-Scale Social Research*. Buckingham: Open University Press.
- Direção-Geral da Política de Justiça. (13 de 07 de 2017). Obtido de Mediação: <http://www.dgpj.mj.pt/sections/gral/mediacao-publica>
- Durkheim, E. (1975). *Educación y sociología*. (P. d. Volker, Ed., & J. M. Liarás, Trad.) Barcelona.

- Durkheim, E. (1982). *História de la educación y de las doctrinas pedagógicas: La evolución pedagógica en Francia*. (F. Ortega, Ed., & M. L. Ortega, Trad.) Madrid.
- Elliott, J. (2010). *Building Educational Theory through Action Research*. (B. S. S Noffke, Ed.) London: Sage Publications.
- Fritzen, S. J. (1974). *Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupo e de Relações Humanas* (Vol. 2). Brasil.
- Guix, X. (2008). *NEM EU ME EXPLICO, NEM TU ME ENTENDES*. Porto: Edições ASA.
- LASCOUX, J.-L. (2009). *A prática da Mediação*. Porto: make\_up design/augusto pires.
- Latorre, A. (2003). *La Investigación-Acción: Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Graó.
- Levin, B. (February de 2013). *To Know is not enough: research knowledge ant its use*. Review of Education, 1, 2-31.
- Lewin, K. (1946). *Action research and minority problems*. Journal of Social Issues, 34-36.
- Littlejohn, D. S. (1999). *Novos Paradigmas em Mediação*. Artmed.
- Magalhães, L. (2017). *A EVOLUÇÃO DO REGIME JURÍDICO DA MEDIAÇÃO EM PORTUGAL: OS ANTECEDENTES NORMATIVOS DE MAIOR RELEVÓ ATÉ À LEI Nº 29/2013 DE 19 DE ABRIL*. Revista da Faculdade de Direito e Ciência Política, 9, 155-193.
- Maldonado, M. T. (2010). *O BOM CONFLITO*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Pinto da Costa. (2018). *A mediação de conflitos nas interfaces da mediação na escola. Em Contextos de Mediação e de Desenvolvimento Profissional* (pp. 35-57). Universidade Lusófona do Porto (Portugal): De Facto Editores.
- Pinto da Costa, E. (2017). *A mediação de conflitos em Portugal. Sistemas públicos de mediação (familiar, penal, laboral e nos Julgados de Paz)*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Santana, A. I. (2016). *A percepção da educação desde a perspectiva sociológica*. Revista Mulemba, 6(12). Obtido de <https://journals.openedition.org/mulemba/853>
- Silva, A. M. (2018). *O que é a Mediação? Da conceptualizações desafios sociais educativos. Em Contextos de Mediação e de Desenvolvimento Profissional* (pp. 17-33). Braga: De Facto Editores.
- Simão, A. A., Gobbi, B., & Silva, C. R. (2005). *O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método*. Organizações Rirais & Agroindustriais.
- Soeiro, E. (2012). *Reflexões e trabalhos realizados no âmbito do Mestrado em Educação*. Área de especialização em Educação e Tecnologias Digitais, da Universidade de Lisboa (2012-2014). Lisboa. Obtido de <https://www.eduardosoeiro.info/tic-edu/entry/paradigmas-de-investigação>
- Torrego, J. (2000). *Mediación de conflictos en instituciones educativas*. Manual para la formación de mediadores. Madrid: Narcea.
- Torremorell, M. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.



Zuber-Skerritt, O. (1996). *New Directions in Action Research*. London/Washington, D. C.: Falmer Press.

## WEBGRAFIA

- [1] D. G. d. Educação. [Online]. Available: <https://www.dge.mec.pt/noticias/projeto-piloto-de-inovacao-pedagogica-ppip> . [Acedido em 5 10 2018].
- [2] L. C. Lemos, “Migalhas,” [Online]. Available: <https://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI293029,11049-A+importancia+da+comunicacao+na+mediacao+de+conflitos> . [Acedido em 12 9 2019].
- [3] D. g. d. Educação. [Online]. Available: <https://www.dge.mec.pt/noticias/projeto-piloto-de-inovacao-pedagogica-ppip> -. [Acedido em 5 10 2018].



## ANEXOS

### *Anexo I – Notas de Campo*

#### Notas de Campo

**Data:**

**Local:**

**Duração:**

**Intervenientes:**

**Assuntos:**

| Registos de Observação | Comentários |
|------------------------|-------------|
|                        |             |

Notas de Campo

Data: 02/05/2019

Local: SALA DE AULA AMPLA

Duração: 50 MIN.

Intervenientes: 60

Assuntos: ATIVIDADE N°12 - DINÂMICA DA RELAÇÃO E DA INTERAÇÃO - "JOGO DOS BILHETES"

| Registos de Observação   | Comentários   |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• TODOS SENTADOS EM CÍRCULO;</li><li>• ASSISTIRAM À EXPLICAÇÃO DA ATIVIDADE;</li><li>• COLOCAÇÃO DOS BILHETES NAS COSTAS DOS ALUNOS;</li><li>• 30 MINUTOS DE INTERAÇÃO;</li><li>• NO TEMPO RESTANTE SENTADOS, REFLETIMOS SOBRE A ATIVIDADE E OUVIMOS A OPINIÃO DE CADA UM;</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• OS ALUNOS ADOPTAM A ATIVIDADE PELA DIFERENÇA QUE SE FEZ SENTIR, EM RELAÇÃO E COMPARAÇÃO À ROTINA QUE ESTÃO HABITUADOS;</li><li>• FOI NOTÓRIA E ADMITIDA PELOS PRÓPRIOS A DIFICULDADE DE QUE OS ALUNOS TÊM DE SE RELACIONAREM E INTERAGIREM UNS COM OS OUTROS, E PRINCIPALMENTE, CIO SEGO OPOSTO;</li><li>• NA PARTE REFLEXIVA OS ALUNOS CONSEQUIRAM EXPRESSAR AS SUAS OPINIÕES E TOCARAM ASSUNTOS INTERESSANTES</li><li>• NA PARTE DINAMIZADA DIVERTIRAM-SE IMENSO;</li></ul> |

## Anexo II – Diário de Bordo

Estágio Curricular  
Educar para a Mediação em Contexto Escolar  
Universidade do Minho, 2018/2019

| Diário Das Atividades  |
|--|
| Este diário pretende apoiar o/a mediador/a na reflexão sobre a sua prática, de forma a identificar aspetos positivos e necessidades de melhoria. |
| Diarista:  |
| Curso:   |
| Sessão:  |
| Data:  |

Apresente a sua opinião, e forma reflexiva, sobre cada um os pontos abaixo indicados.

| A- Avanços (Em que medida a sessão foi proveitosa para os Alunos e para si? Aponte algumas vantagens principais) |    |
|--|----|
| Alunos   | Eu |
|  |    |

Assinale cada uma das suas opções, numa análise introspectiva.

| B- Competências da atividade                                    |     |     |            |                     |
|---|-----|-----|------------|---------------------|
| Enquanto Mediador/a fui capaz de...                             | Sim | Não | Nem Sempre | Aspectos a melhorar |
| Proceder de acordo com o contexto e os objetivos das atividades |     |     |            |                     |
| Promover e considerar a aprendizagem de novos conhecimentos     |     |     |            |                     |
| Manifestar empatia  |     |     |            |                     |
| Promover a participação e o diálogo                             |     |     |            |                     |
| Promover a cooperação e a combinação de ideias                  |     |     |            |                     |
| Responder a necessidades/interesses/ dificuldades dos alunos    |     |     |            |                     |
| Ter abertura a ideias novas e a propostas dos alunos            |     |     |            |                     |
| Promover a reflexão e o espírito crítico                        |     |     |            |                     |
| Manter os alunos motivados                                      |     |     |            |                     |
| Orientar a interação de forma adequada                          |     |     |            |                     |
| Orientar de forma adequada o tempo                              |     |     |            |                     |
| Orientar os recursos de forma adequada                          |     |     |            |                     |
| Avaliar a aprendizagem e o progresso dos alunos                 |     |     |            |                     |
| Promover a autoavaliação das aprendizagens                      |     |     |            |                     |

| C- Propostas de melhoria (Aponte aspetos a melhorar na atividade através do que é dito no quadro acima) |
|---|
|   |



### Anexo III – Inquérito por questionário

## Questionário

Idade \_\_\_ Sexo: F \_\_\_ M \_\_\_ Turma \_\_\_

Este questionário é realizado no âmbito do estágio curricular, correspondente ao 2º Ano do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Mediação Educacional.

Deve responder às questões assinalando com um "X" a resposta que considerar mais correta.

#### 1. Como classificas o ambiente na sala de aula?

\_\_\_ razoável \_\_\_ bom \_\_\_ excelente

#### 2. Sentes alguma dificuldade enquanto aluno?

- \_\_\_ dificuldade em relacionar-me c/ os colegas;
- \_\_\_ dificuldade em ajudar e cooperar c/ os colegas;
- \_\_\_ dificuldade em relacionar-me c/ os professores;
- \_\_\_ dificuldade em ajudar e cooperar c/os professores;
- \_\_\_ dificuldade em estudar em casa/nos tempos livres;
- \_\_\_ dificuldade em comunicar c/ os colegas;
- \_\_\_ dificuldade em comunicar c/os professores;
- \_\_\_ indisciplina;
- \_\_\_ desinteresse;
- \_\_\_ irresponsabilidade;
- \_\_\_ cansaço;
- \_\_\_ desrespeitador;
- \_\_\_ barulhento;

\_\_\_ desatento;

\_\_\_ desempenhado;

\_\_\_ falta de empatia;

\_\_\_ falta de confiança;

\_\_\_ falta de motivação;

\_\_\_ outra; \_\_\_\_\_

#### 3. Quais são as dificuldades que encontras na sala de aula?

\_\_\_ Desinteresse;

\_\_\_ Irresponsabilidade;

\_\_\_ Cansaço;

\_\_\_ Barulho;

\_\_\_ Falta de respeito;

\_\_\_ Falta de diálogo;

\_\_\_ Falta de atenção;

\_\_\_ Falta de motivação;

\_\_\_ Falta de comunicação;

\_\_\_ Falta de cooperação;

\_\_\_ Falta de empatia;

\_\_\_ Falta de confiança;

\_\_\_ Falta de empenho;

\_\_\_ outra; \_\_\_\_\_

#### 4. Já presenciaste alguma situação de conflito?

\_\_\_ Sim \_\_\_ Não

##### 4.1 Se sim, qual?

- \_\_\_ ofensas;
- \_\_\_ falta de respeito;
- \_\_\_ gritos;
- \_\_\_ outra; \_\_\_\_\_

#### 5. Já participaste numa situação de conflito?

\_\_\_ Sim \_\_\_ Não

##### 5.1 Se sim, qual?

- \_\_\_ ofensas;
- \_\_\_ falta de respeito;
- \_\_\_ gritos;
- \_\_\_ outra; qual? \_\_\_\_\_

#### 6. Como reagirias a uma atitude, geradora de conflito, por parte de algum colega?

- \_\_\_ ofendia o colega;
- \_\_\_ agredia o colega;
- \_\_\_ gritava c/ o colega;
- \_\_\_ ficava com medo e não fazia nada;
- \_\_\_ ignorava a situação;

\_\_\_ tentava perceber e resolver a situação a bem;

\_\_\_ procurava ajuda para tentar evitar a mesma situação no futuro;

#### 7. O que achas que deve ser feito para se evitarem os conflitos?

\_\_\_ realizar atividades práticas para sensibilizar os alunos sobre as consequências do conflito;

\_\_\_ criar um espaço para que os alunos recorram sempre que se encontrarem em situação de conflito, e o resolvam;

\_\_\_ criar panfletos ou cartazes informativos para alertar os alunos;

\_\_\_ outra; \_\_\_\_\_

Obrigada! 😊





## Anexo IV – Grelha de Avaliação

Estágio Curricular  
Educar para a Mediação em Contexto Escolar  
Universidade do Minho, 2018/2019

### Grelha de Avaliação Final

Data: \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_ Sexo: F \_\_ M \_\_ Turma \_\_\_\_

Esta avaliação é realizada no âmbito do estágio curricular, correspondente ao 2º Ano do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Mediação Educacional.

A tua apreciação, relativamente aos conteúdos abordados e atividades realizadas, no presente projeto de estágio – “Educar para a Mediação num Agrupamento de Escolas”, é de grande relevância, de modo a compreender e melhorar o que está a ser desenvolvido deste âmbito. Tendo em conta todas as atividades que foram realizadas, deves dar a tua opinião assinalando com um “X” a resposta que considerares mais adequada, numa escala de 1 a 5 valores, sendo que o 1 é considerado “fraco” e o 5 considera “excelente”.

|  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---|---|---|---|---|
| <b>A- Conteúdos</b>  |   |   |   |   |   |
| Os conteúdos abordados nas atividades realizadas foram pertinentes.              |   |   |   |   |   |
| Os conteúdos foram úteis.  |   |   |   |   |   |
| Os conteúdos foram interessantes.  |   |   |   |   |   |
| As atividades foram úteis.   |   |   |   |   |   |
| As atividades foram interessantes.   |   |   |   |   |   |
| As instruções foram claras.  |   |   |   |   |   |
| <b>B- Dinamizador</b>  |   |   |   |   |   |
| Conseguiu motivar-me para participar nas atividades.                             |   |   |   |   |   |
| Conseguiu promover a minha apresentação.   |   |   |   |   |   |
| Cumpriu as atividades previstas para o dia.                                      |   |   |   |   |   |
| As atividades realizadas em pequenos grupos foram bem conseguidas.               |   |   |   |   |   |
| As atividades em grande grupo foram bem conseguidas.                             |   |   |   |   |   |
| As atividades individuais foram bem conseguidas.                                 |   |   |   |   |   |
| <b>C- Organização</b>  |   |   |   |   |   |
| As condições das salas contribuíram para o bom funcionamento das atividades.     |   |   |   |   |   |
| Os materiais fornecidos pela dinamizadora foram adequados.                       |   |   |   |   |   |
| Os equipamentos utilizados contribuíram para o bom funcionamento das atividades. |   |   |   |   |   |
| <b>D- Avaliação Global</b>   |   |   |   |   |   |
| As atividades permitiram-lhe adquirir novos conhecimentos.                       |   |   |   |   |   |
| As atividades permitiram-lhe desenvolver competências sociais.                   |   |   |   |   |   |
| Recomendaria estas atividades aos restantes alunos da escola.                    |   |   |   |   |   |
| <b>Comentários:</b>  |   |   |   |   |   |





# Educa-te!

Esta é a tua oportunidade.  
Damos-te a conhecer a forma mais pacífica de resolveres os teus conflitos.

A mediação é o meio de criação, recriação ou renovação de laços interpessoais, que se exerce através da prática formal ou informal, consistindo num processo de comunicação e de cooperação, promovido pela ação mediadora.



### Um novo olhar sobre o conflito

O conceito de Mediação chegou a Portugal na década de 90. É nesta mesma data que acontece o primeiro dos quatro períodos da sua evolução. Contudo, ao longo dos anos a Mediação tem vindo a reforçar a sua presença no nosso país.

De um modo geral, a mediação é descrita e definida como um método de intervenção, transformação e resolução do conflito, em que duas ou mais partes, ou seja, dois ou mais indivíduos em conflito recorrem a uma terceira pessoa, o mediador, com o objetivo de chegarem a um acordo mútuo ou a um consenso satisfatório para todos os envolvidos.

"Um processo de comunicação ética, que repousa sobre a responsabilidade e autonomia dos participantes, no qual um terceiro – imparcial, independente, sem poder decisivo, apenas com a autoridade reconhecida pelos mediados – favorece, através de entrevistas confidenciais o (re)estabelecimento dos laços sociais, a prevenção ou a resolução da situação em causa."

Guillaume-Hofnung, 1995.

### O que a mediação tem de melhor

A Mediação é um processo informal, confidencial, voluntário e de natureza privada.

É o procedimento mais célere, com menos custos, de maior proximidade, flexível e informal e de maior controlo pelas partes.

**Um modelo não adversarial de intervenção, resolução e transformação de conflitos que promove:**

- a escuta, o diálogo e a cooperação;
- a compreensão do conflito e dos reais interesses das partes;
- a construção de soluções mutuamente satisfatórias;

### Não sou eu, não és tu, somos NÓS!

#### Contacte-nos

Estamos no Gabinete 701, Junto à Biblioteca;  
E-mail: [XXXX@XXX.X](mailto:XXXX@XXX.X)

Trabalho realizado pelos alunos do 6C no âmbito do projeto "Educar para a Mediação em Contexto Escola – Um projeto de intervenção/investigação num agrupamento de escolas.



*Anexo VI – Poster de divulgação do projeto “Educar para a Mediação em Contexto Escolar – Um projeto de intervenção/investigação num agrupamento de escolas*

**EDUCAR PARA A MEDIAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR**

- UM PROJETO DE INTERVENÇÃO/INVESTIGAÇÃO NUM AGRUPAMENTO DE ESCOLAS.

Neste poster apresentamos dados relativos ao projeto “Educar para a Mediação em Contexto Escolar” - Um projeto de intervenção/investigação num Agrupamento de Escolas, ainda em curso, junto de alunos de 10 e 11 anos.

**01 Objetivos:**

- Desenvolver competências pessoais e sociais nos alunos;
- Construir espaços de mediação para e com os alunos em contexto escolar;
- Realizar dinâmicas geradoras de mediação, comunicação e responsabilidade;

**02 Técnicas de recolha de dados:**

- Diário de bordo do investigador;
- Notas de campo;
- Observação participante;
- Questionários;
- Entrevistas;

**03 Dados preliminares:**

Os dados preliminares sugerem que este projeto tem contribuído para o desenvolvimento dos alunos a nível pessoal e social, resultante das dinâmicas já realizadas.

*\*Este poster é ilustrado por trabalhos realizados pelos alunos no âmbito do projeto.*

De um modo geral, a mediação é descrita e definida como um método de intervenção, transformação e resolução do conflito, em que duas ou mais partes, ou seja, dois ou mais indivíduos em conflito recorrem a uma terceira pessoa, o mediador, com o objetivo de chegarem a um acordo mútuo ou a um consenso satisfatório para todos os envolvidos.

Guillaume-Hofnung, M. (1995). *La Médiation*. Paris: PUF

Estudante do 2º ano do Mestrado em Educação, na Área de Especialização de Mediação Educacional (2018/2019)  
mariana\_motinha@hotmail.com

Orientação: Professora Maria Assunção Flores

Mariana Mota



Educar para a Mediação em Contexto Escolar” - Um projeto de intervenção/investigação num Agrupamento de Escolas

Mariana Mota, estudante do 2º ano do Mestrado em Educação, na área de especialização de Mediação Educacional.

#### **Resumo**

Neste resumo apresentamos dados relativos ao projeto “Educar para a Mediação em Contexto Escolar” - Um projeto de intervenção/investigação num Agrupamento de Escolas, no âmbito do Estágio Curricular, que corresponde ao 2ºano do Mestrado em Educação, na área de especialização de Mediação Educacional.

Os objetivos situam-se no contexto da mediação socioeducativa e incluem: Desenvolver competências pessoais e sociais nos alunos; construir espaços de mediação para e com os alunos em contexto escolar; realizar dinâmicas geradoras de mediação, comunicação e responsabilidade. Neste projeto, o paradigma crítico pareceu-nos o mais apropriado para atuar no contexto, nomeadamente através da Investigação-ação (IA). Foram utilizados instrumentos de recolha de dados que incluem as perspetivas tanto do investigador como dos participantes, nomeadamente o diário de bordo do investigador, as notas de campo, a observação participante, os questionários e as entrevistas, os quais foram imprescindíveis para definir uma intervenção mais vantajosa e benéfica para o público alvo. Os dados preliminares e sugerem que este projeto tem contribuído para o desenvolvimento dos alunos a nível pessoal e social, resultante das dinâmicas e atividades realizadas. A avaliação da intervenção foi realizada frequentemente durante o decorrer da mesma, com o intuito de melhorar, reorientar e inovar de acordo com os aspetos e os objetivos do projeto. Contudo, de um modo geral, atribuímos uma avaliação muito satisfatória, tendo em conta todo o progresso, crescimento e desenvolvimento do público alvo, bem como, o alcançar dos objetivos previamente determinados. Este projeto torna-se ainda mais premente no contexto de ausência de tempo e espaço para a educação e sensibilização da Mediação no meio escolar.











Mediação



EDUCACIONAL



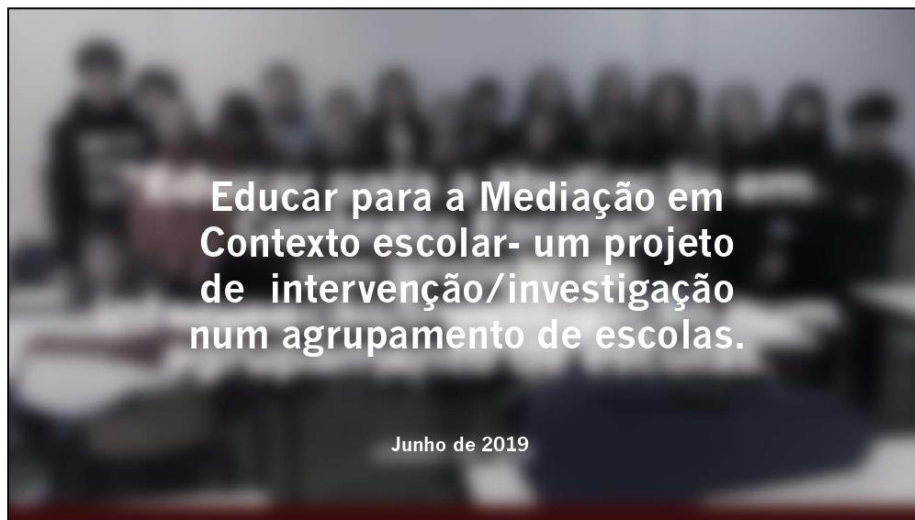
Educar para a Mediação em Contexto Escolar  
Estágio Curricular, Ano letivo 2018/2019

### **Atividade 2**

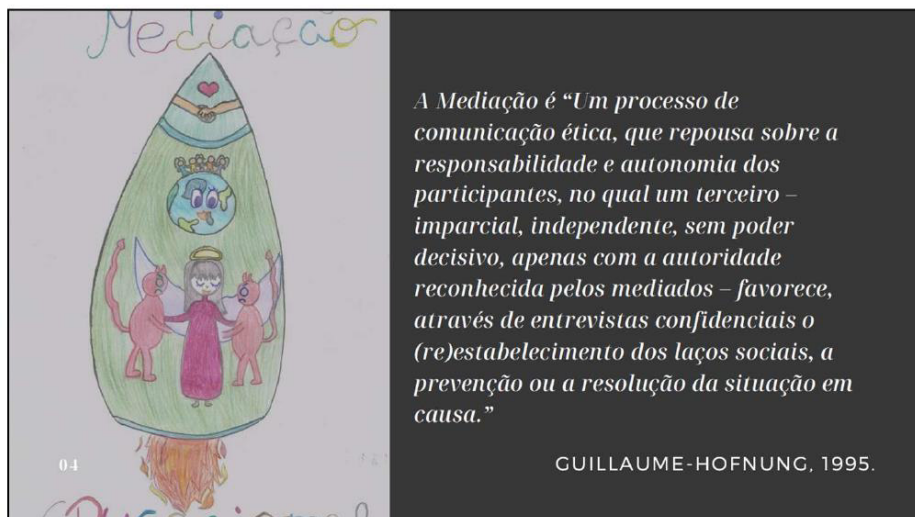
**Género: F\_\_ M\_\_**

Descreve, de forma sincera, uma situação positiva e uma situação negativa que tenhas presenciado na sala de aula ou entre os teus colegas de turma fora da sala de aula. E refere ainda o que achas que pode ser feito para mudar.





1



2





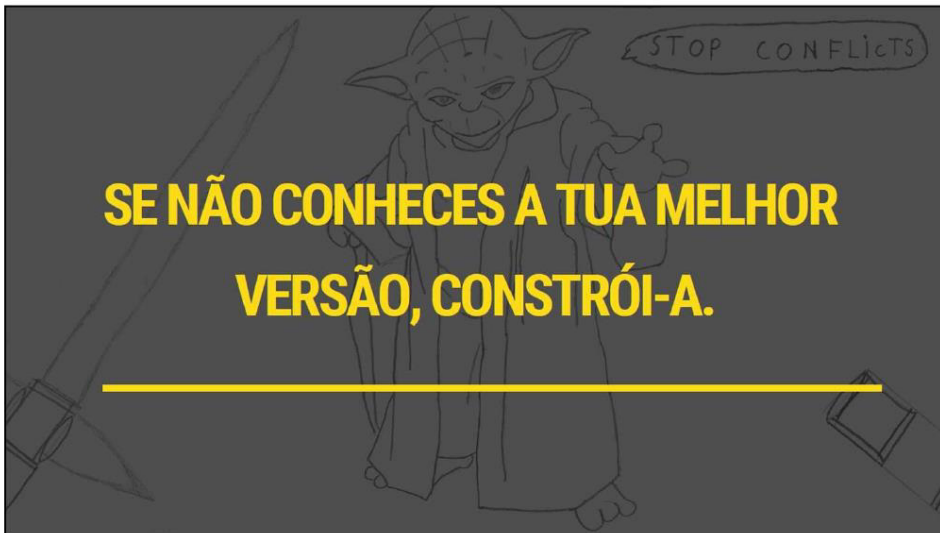
3



4



5



6



7



8

# Comportamentos adequados na sala de aula

E dicas de como manter um bom comportamento

9

## Bons comportamentos

Na imagem ao lado estão alguns exemplos de bom comportamento:

- Ouvir o professor;
- Estar atento;
- Respeitar os colegas;
- Não brincar na sala de aula;
- Realizar as tarefas indicadas pelo professor;



10

### Comportamentos inadequados na sala de aula

Na imagem ao lado podes ver muitos exemplos de maus comportamentos na sala de aula

Alguns deles falam durante a aula, brincam, estão em cima das cadeiras/mesas, atiram aviões/bolas de papel, etc.

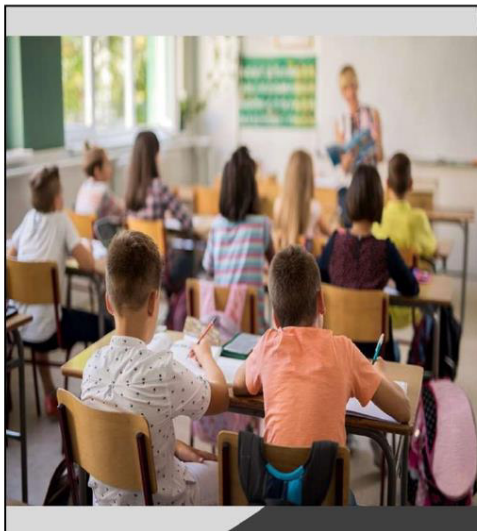


11

**O comportamento incorreto na sala de aula prejudica-nos e não permite trabalhar com atenção e proveito.**



12



O bom comportamento na sala de aula favorece a nossa aprendizagem.

13

### Dicas para ser bom/boa aluno/a

Sabias que se te portares bem o tempo passa mais depressa e obténs melhores notas?!

Se te portares bem os teus pais e professores agradecem! 😊



14



**Não fales ao mesmo tempo que os professores.**

**Não maltrates os funcionários.**

15

- **Não utilizes o telefone na sala de aula.**
- **Não chateies os teus colegas.**
- **Concentra-te!**



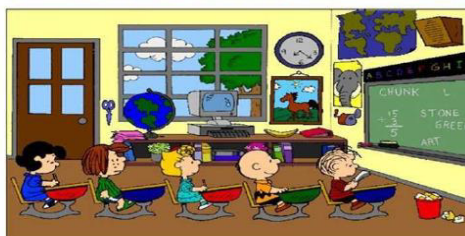
16



Não te portes mal na sala de aula pois vais ter algumas consequências para o teu futuro.

Tenta demonstrar motivação e concentração.

Estuda para construíres um futuro melhor.



17

## Regras da sala aula

Entrar na sala em silêncio.

Sentar-se sem arrastar cadeiras ou outro material.

Aguardar silenciosamente o início da aula.

Levantar o braço para pedir a palavra.

Esperar pela sua vez.

Falar um de cada vez.

Estar atento.

Respeitar o professor e os colegas.

Ser assíduo.

Ser pontual.

No caso de chegares atrasado: bate, educadamente, à porta e pede autorização para entrar.

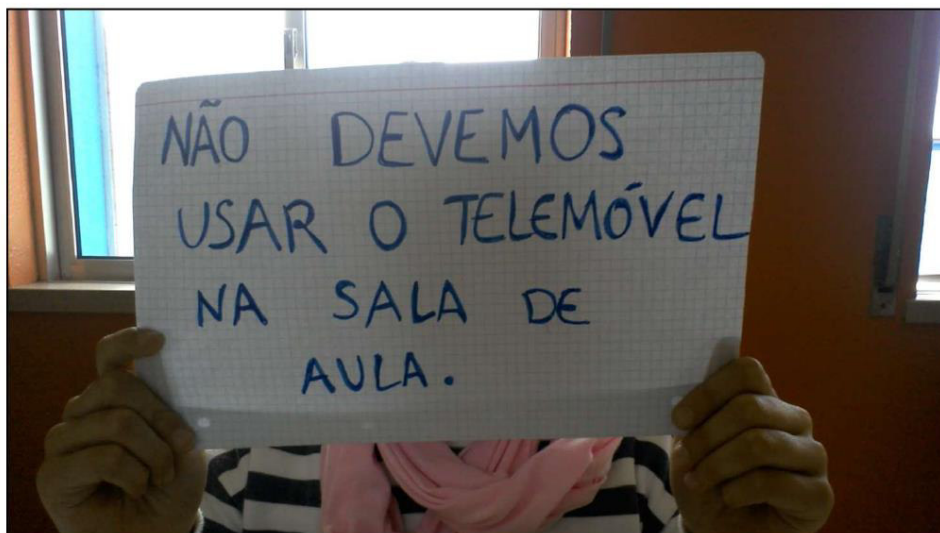
18



## Regras da sala aula

- Entrar na sala em silêncio.
- Sentar-se sem arrastar cadeiras ou outro material.
- Aguardar silenciosamente o início da aula.
- Levantar o braço para pedir a palavra.
- Esperar pela sua vez.
- Falar um de cada vez.
- Estar atento.
- Respeitar o professor e os colegas.
- Ser assíduo.
- Ser pontual.
- No caso de chegares atrasado: bate, educadamente, à porta e pede autorização para entrar.

19



20



21



22



23



24

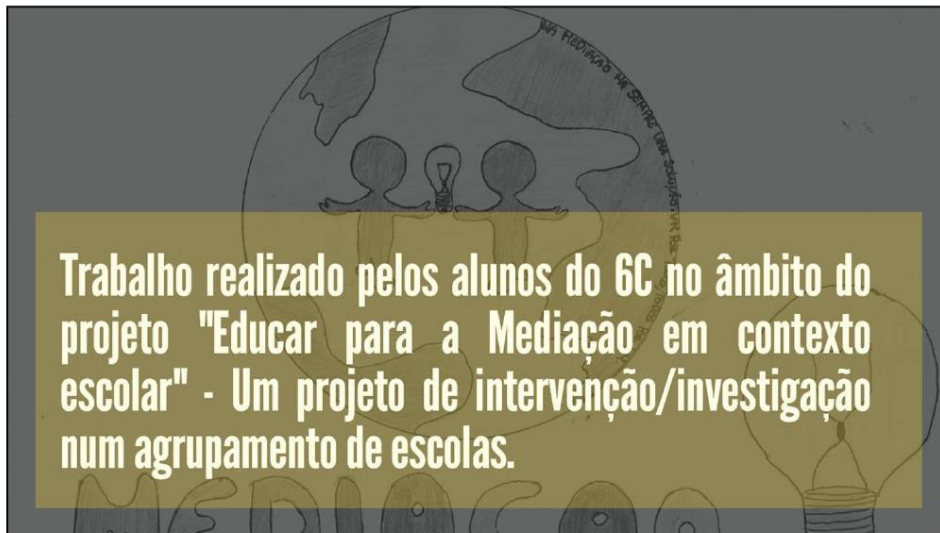


25

**E tu, já  
mudaste o  
mundo hoje?**

**Começa por ti próprio!**

26



27



28